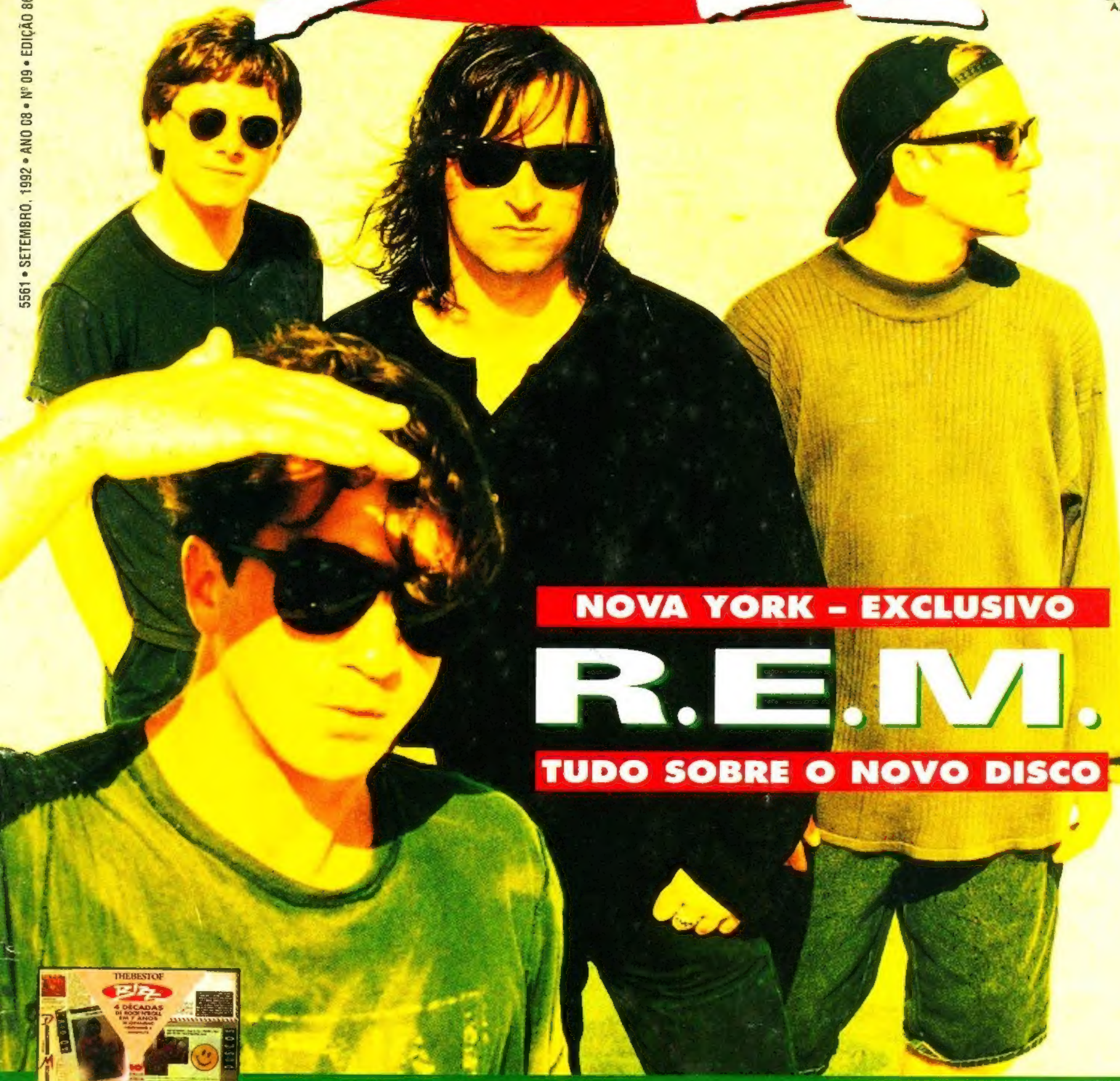
PANTERA • SEPULTURA • CURE • IRON MAIDEN • SONIC YOUTH • ZZ TOP • NENHUM DE NÓS

BIZZ

5561 • SETEMBRO, 1992 • ANO 08 • Nº 09 • EDIÇÃO 86 • CR$ 18.000,00

EDITORA AZUL



NOVA YORK - EXCLUSIVO

R.E.M.

TUDO SOBRE O NOVO DISCO

GRÁTIS!
O TERCEIRO E ÚLTIMO VOLUME DE NOSSOS "MELHORES MOMENTOS"

FRANK ZAPPA
NO ENTREVISTÃO

RIGHT SAID FRED
SEXO NUNCA É DEMAIS

WELCOME TO WHERE

LP

K7

EVER YOU ARE INXS

CD

LP

K7

O mundo todo tá ligado. E você?

O mundo todo vê a MTV.
Todo mundo adora a MTV. Sabe por quê?
Só na MTV rola um mundo de coisas
legais, novas, supermalucas.
Todos os dias, dezesseis horas por dia.
Por que justamente você tem que ficar
por fora? Sintonize logo a sua MTV.
Faça alguma coisa, rápido!

Qualquer dúvida sobre como pegar
a MTV na sua casa, dê uma ligada:
SP: (011) 259 7503
RJ: (021) 221 2651
Outras cidades: 9 (011) 259 7503.

Tá todo mundo ligado.
Agora só falta você.

MTV
MUSIC TELEVISION®

Quando Celso Pucci embarcou para Nova York, em agosto, onde entrevistaria o R.E.M., levou consigo uma bagagem muito especial: os discos de ouro destinados à banda americana pela edição brasileira do LP *Out Of Time*.

Estava começando a ser apresentado à imprensa mundial *Automatic For The People*, o primeiro álbum do grupo depois do sucesso puxado por "Losing My Religion" tê-lo colocado no panteão das megavendagens multiplatinadas. E como o maior especialista em R.E.M. na Redação, Celso confrontou Peter Buck e Mike Mills com passagens curiosas e obscuras de sua trajetória e acabou arrancando algumas revelações surpreendentes, como a visita da banda, incógnita, à América do Sul, motivada por sua militância ecológica. Mas o assunto principal foi, claro, o disco novo e sua radicalização das texturas acústicas, quase folk, do LP anterior, e a nova posição alcançada pela banda no ranking internacional. Uma conquista improvável, mas antecipada desde a primeira vez — em junho de 89 — que a banda saiu na capa de BIZZ, feito repetido em julho de 90 com o estouro de *Out Of Time*. A terceira matéria de capa com o R.E.M., esta entrevista exclusivíssima de Celso Pucci começa na página 18.

No mais, chega ao fim — com o terceiro volume — a série *Best Of BIZZ*, iniciada em nossa edição de sétimo aniversário. Essa antologia provocou um verdadeiro dilúvio de cartas pedindo relíquias esgotadas há um tempão (a edição número 8 com Bono Vox na capa, as três partes do histórico da Legião Urbana, publicado em 88 etc. etc. etc.). Por isso, vai aqui um recado importante. Leitores interessados em adquirir números atrasados: NÃO escrevam para a Redação (não podemos fazer absolutamente nada) e sim para o Departamento de Números Atrasados da DINAP (Estrada Velha de Osasco, 132, CEP 06300-000, tel:823-9222), sem esquecer de dar o código correto da edição. Por exemplo, esta BIZZ é a 86, a *Letras Traduzidas* deste mês é 86-L e o *Álbum Especial*, 86-E, OK?

Aquele abraço. Mês que vem tem mais!

JUNHO 89

JULHO 91

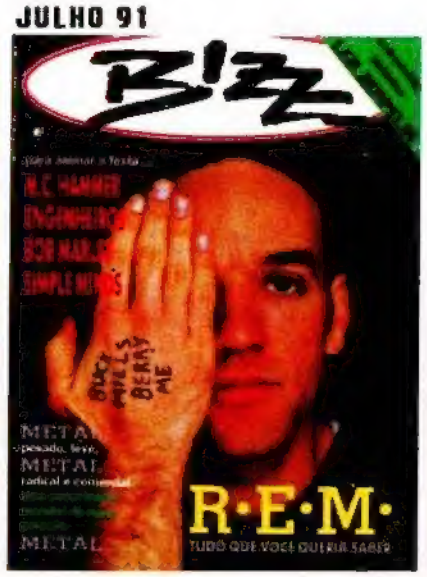


Foto de Lapa Anton Corbijn/Warner

6 **SHOWBIZZ**
Extra! Extra!

12 **FAST FORWARD**
Pantera, Scat Opera, Nenhum de Nós

24 **ZZ TOP**
Tres hombres do rock'n'roll

28 **RIGHT SAID FRED**
Tres hombres sexy demais

31 **FRANK ZAPPA**
A entrevista definitiva

39 **SONIC YOUTH**
Dez anos de detonação

42 **JUKEBOX**
Big Star

43 **CONEXÃO BRASIL**
Justa Causa e as novas de Brasília

44 **DANCE MUSIC**
O DJs ingleses e muitos lançamentos

46 **AO VIVO**
Iron Maiden, Sepultura e Cure

51 **DISCOS**
Nirvana, Sonic Youth e Mutantes

60 **VÍDEO**
Acredite, se quiser... The Carpenters

61 **PARADA**
Sobe, desce, entra, sai, volta

62 **LETRA**
"Pretend We're Dead", L7

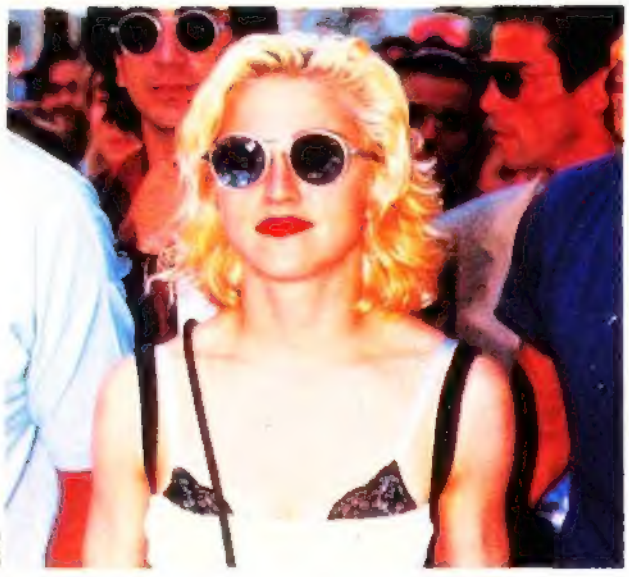
64 **CARTAS**
Duelo de Titãs

66 **DISCOTECA BÁSICA**
The Best Of Blondie

Reina

DIVAS PARA IMPORTAÇÃO

O que o En Vogue faz aqui se seu último disco, *Funky Divas*, saiu há uns dois meses e nem vai ser lançado no Brasil? Negócio é o seguinte: 1) Essas quatro lindas mulheres têm algumas das melhores vozes da praça. 2) Elas e seus produtores Foster e McElroy sabem como tratar esses vocais. 3) *Funky Divas* tem duas regravações do gênio do soul Curtis Mayfield. 4) O clip de "My Lovin' (You're Never Gonna Get It)" é uma das coisas mais belas a agraciar as TVs este ano. Já deu!!!



Stills

MADONNA NA BOCA DO FORNO

• Ela deve lançar seu novo disco no próximo mês. O nome será Erotica e conterá uma faixa que fala abertamente sobre lesbianismo, "Eating Out". Mick Hucknall, do Simply Red, pode estar entre os convidados – tudo depende da sua agenda, já que Madonna prometeu um bom cachê.

• Ela estaria tentando convencer Sean Penn a trabalhar num filme sobre a vida da atriz Jayne Mansfield. Madonna seria Jayne e Penn seu marido Mickey Hargitay. Tem gente dizendo que realmente o que ela quer é uma reaproximação com Sean.

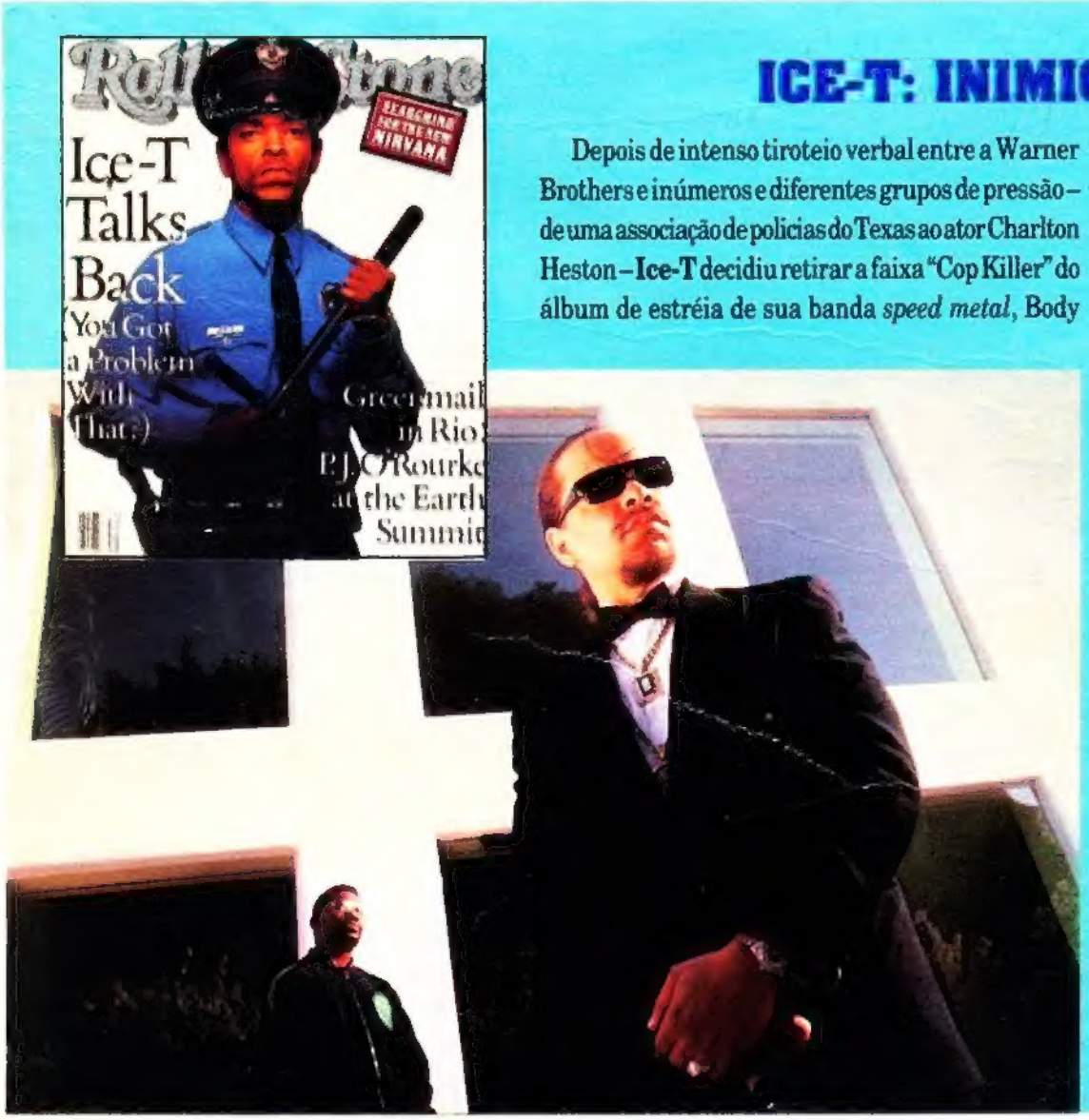
• Fala-se ainda na possibilidade de Madonna encarnar no cinema o personagem dos quadrinhos Tank Girl, uma maloqueira fã de cangurus.

SEBASTIAN NO MOEDOR DE CARNE

Luizinho Coruja

Em solo brasileiro pela segunda vez em menos de um ano – a primeira foi em janeiro, no Hollywood Rock – o Skid Row comprovou sua moral alta entre as fãs nativas. Em São Paulo, as quinze mil pessoas que se espremeram no ginásio do Ibirapuera tiveram a chance máxima de tirar uma casquinha de Sebastian Bach, quando ele se atirou sobre a platéia durante "Slave To The Grind". As mocinhas não deixaram por menos e encheram as mãos com a anatomia do cantor – que usava apenas uma calça jeans justa, aberta dos lados – durante mais de dez minutos, para desespero da segurança e dos organizadores do show. Em tempo: nasceu o filho do vocalista com sua namorada Maria – é, ele nunca contou que estava esperando um filho, porque ninguém perguntou!

ICE-T: INIMIGO Nº 1 DA LEI



Depois de intenso tiroteio verbal entre a Warner Brothers e inúmeros e diferentes grupos de pressão – de uma associação de policias do Texas ao ator Charlton Heston – **Ice-T** decidiu retirar a faixa "Cop Killer" do álbum de estréia de sua banda *speed metal*, Body Count (*Zona Franca* de nossa última edição). "Quero mostrar assim que, ao contrário do que andam dizendo, não gravei a música apenas para ganhar dinheiro", disse ele numa coletiva. "Por isso vou tirar a faixa do disco, mas distribuirei cópias do compacto de graça nos meus shows." Ice-T disse também que policiais haviam ameaçado de morte funcionários da Warner e avisado o apresentador de TV Arsenio Hall de que seria "aconselhável" não convidar o rapper para seu popularíssimo programa de entrevistas.

A pedidos de Ice-T, a Warner se comprometeu a recolher as cópias do álbum com a faixa "Cop Killer" e editar uma versão do disco sem ela. Mas, no tempo entre o recolhimento da velha safra e a chegada às lojas da nova edição, houve uma corrida e o álbum simplesmente esgotou em muitos pontos de venda. O álbum original é agora um valiosíssimo item de colecionador.

Curiosamente, na mesma semana Ice-T aparecia na capa da *Rolling Stone*... vestido de tira e com cassetete na mão!

Desde setembro *Body Count* (sem "Cop Killer") está disponível no Brasil via importação da Warner. Enquanto isso, o novo disco "solo" de Ice-T chama-se *Home Invasion*.

LONDRES

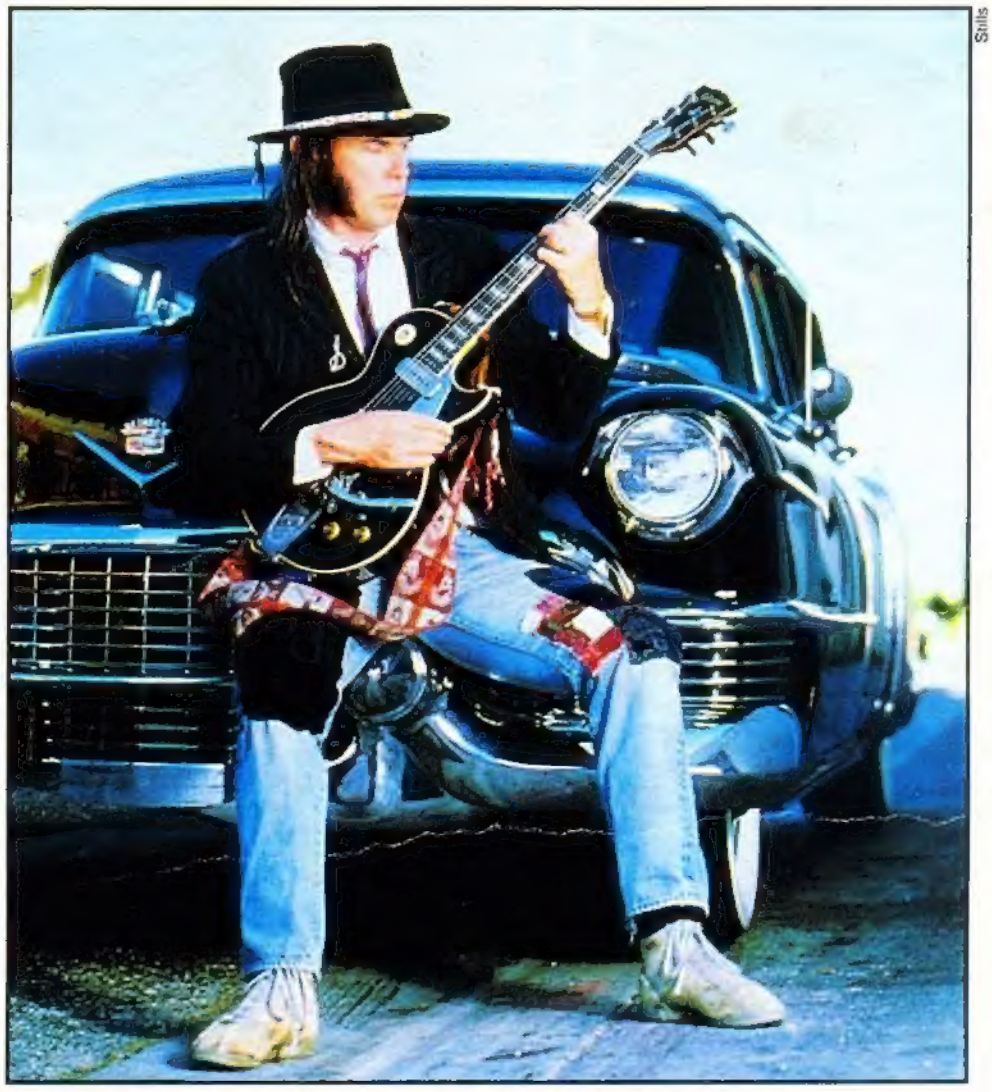
Depois da reunião do Madness – primeiro negaram os boatos, depois lançaram coletânea; deram show, agora planejam turnê britânica! – chegou a vez dos Sex Pistols. Os ex-membros negam a "volta", mas a coletânea já está confirmada • Como se já não bastasse o lamentável disco do jogador Paul Gascoigne, agora é Gary Lineker – o menino certinho da seleção inglesa – que pretende gravar com seu amigo Mick Hucknall do Simply Red • Futura colaboração? Kylie Minogue foi vista saindo de um estúdio londrino nos braços de Prince • Presentes à festa de lançamento do disco *Red, Hot And Dance*: Boy George e Pet Shop Boys. E por falar neles... durante a semana que a dupla passou substituindo o DJ Simon Bates na Rádio One, Neil e Chris mantiveram os muitos fãs que passavam o dia na porta da rádio refrescados com muitos sorvetes • Fazendo caridade na festa para salvar a revista *Face*: Dave Stewart e Siobhan Fahey, que depois seguiram para sua mansão no sul da França para o verão. E as ex-colegas de Siobhan no Bananarama, Sarah e Karen, fizeram um "comeback" e tanto com um show no clube Kinky Gerlinky, com muitos travestis e dançarinos nus • Cadê o dinheiro arrecadado pelo show de homenagem a Freddie Mercury? E quanto foi? O total ainda não foi divulgado, mas algumas organizações envolvidas dizem que a figura final poderia ser em torno de um milhão de libras – e não 20, como previsto • Idéias esdrúxulas: Roger Daltrey planeja fazer um filme sobre a vida de Keith Moon... com Mel Gibson! Pior que isso só mesmo o fã de Michael Jackson que subiu no prédio defronte ao hotel do cantor e ameaçou pular. Michael apareceu, gritou "Não se mate" e o fã desistiu.

ANAMARIA G. DE LEMOS

COROA SAFADO

Quem andou aprontando legal foi o veterano **Jerry Lee Lewis**. Ele cancelou um show em Nova York alegando estar doente e mandou um atestado médico para o dono do clube. Este resolveu confirmar com o médico e descobriu que o atestado era falso. O detalhe é que ele já tinha pago dez mil dólares adiantados pelo show. Enquanto isso, Lewis e seu empresário davam uma sumida rápida não atendendo telefone nem fax.

Retna



Stills

Não foi John Taylor e sim Simon Le Bon quem sofreu um acidente de moto. O responsável por essa gafe teve que passar o dia inteiro ouvindo Milton Nascimento de castigo.

POUCAS E BOAS

Neil Young é mais um forte oponente dos CDs. Segundo ele seu disco *Everyone Knows This Is Nowhere* de 69 e relançado em CD não é tão bom quanto o original em vinil. "É um insulto para o cérebro, coração e sentimento ouvir isso e achar que é música. Não soa real." • Observadores atentos repararam que **"Sepultura"** aparece escrito em paredes três vezes durante *Hora Do Pesadelo VI: A Morte De Freddy* • Ron Wood, dos **Stones**, grava seu primeiro solo em dez anos, *Slide On This*. Participações de The Edge, Charlie Watts e Joe Elliott (Def Leppard) • **Eddie Murphy** foi contratado pela Motown. Seu primeiro single pela gravadora, "Yeah!", tem participações de Michael e Janet Jackson, Paul McCartney e Elton John • O **When In Rome** esteve no Brasil em agosto promovendo seu mega-hit "The Promise". Detalhe: essa música é de 87. Outro grupo de dance caído que esteve por aqui foi o **Voice In Fashion**, este sem hit nenhum • Inger Lorre deixou oficialmente o **Nymphs**. Segundo os membros da banda, que a expulsaram, seu comportamento tinha passado dos limites • O grupo *indie* escocês **Captain America** foi proibido pela Marvel Comics de usar o nome do super-herói. A banda, que abriu para o Nirvana na Europa, passou a se chamar Eugenius • Al Jourgenson, do **Ministry**, durante uma visita de jornalistas a sua casa ofereceu anfetamina, heroína e cocaína aos convidados. "Dependendo da reação, já saberia com quem estava lidando. Mas não sou viciado, foi por acaso que eu estava com tudo isso em cima." • **George Michael** anda compondo como um alucinado. Seu novo disco deverá se chamar *Trojan Souls* e sairá no começo de 93.

CASAL HIT

Num casamento multi-milionário, a diva FM Whitney Houston, 29, se uniu ao galã do swingbeat Bobby Brown, 23. Entre os convidados Dionne Warwick, Stevie Wonder, Aretha Franklin e outros figurões do pop negro. O novo disco do noivo se chamará *Bobby*.

BMG

OUÇA ESSA

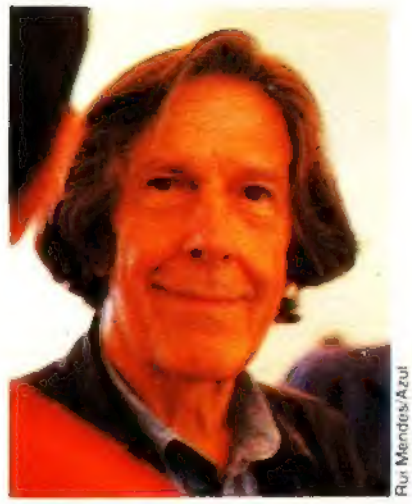
"Se compusermos nossas próprias músicas, talvez fracassemos"
Chris Smith, Kris Kross

"Gosto do pop porque quero ficar rico, famoso e trepar"
Bob Geldof, quinze anos de carreira, acha que ainda há tempo

"A primeira mulher punk"
Yoko Ono, segundo definição de Kurt Cobain

"Não consigo engolir a idéia de samplear. Acho uma merda qualquer um poder simplesmente roubar música."
Richard Robinson, do Black Crowes, grupo que não se parece com nada já feito no rock — exceto umas vinte bandas dos anos 70

"A Sub Pop é um embuste. É tanta gente querendo fazê-la ser algo que nunca foi. Quanto a bandas como Alice In Chains e Pearl Jam, elas simplesmente não me interessam"
Buzz Osborne, dos Melvins, a banda que influenciou toda a atual safra de Seattle



Rui Mendes/Azul

JOHN CAGE (1912-1992)
O norte-americano John Cage, que morreu de enfarte em 12 de agosto passado, era compositor, filósofo, ex-cozinheiro, poeta, pintor, ensaísta, vegetariano, pioneiro do minimalismo e da música eletroacústica, e ex-jardineiro. Mas se definia como um "anarquista zen".
Com a disciplina de um militante anarquista e a paciência de um monge zen, Cage alargou todas as fronteiras da música comtemporânea com concertos para pianos "preparados" (com objetos de metal e borracha sobre as cordas) e conceitos como "silêncio", "não intenção" e "acaso". Nem todo mundo gostou, mesmo artistas de vanguarda se chocaram com o "barulho" de Cage. Seu ex-professor Arnold Schoenberg acusou a música de Cage de ser "solta demais". E para Pierre Boulez "a música aleatória serve apenas para encobrir deficiências técnicas". Bobagem: o lugar de Cage entre os nomes mais importantes da música deste século está garantido. O Brasil teve o privilégio de recebê-lo em 85, na Bienal de São Paulo

MARY WELLS (1943 - 1992)
Uma das melhores vocalistas da Motown morreu, numa ironia trágica, de câncer na garganta. Ela foi a primeira estrela da gravadora, na primeira metade da década de 60. Seu hit mais famoso foi "My Guy", entre outros como "You Beat Me To The Punch" e "Two Lovers". Estabeleceu um padrão pop/R&B seguido por Gladys Knight e Diana Ross.

JEFF PORCARO (1954 - 1992)
Baterista do Toto ("Africa", "Rosanna"), morreu de parada cardíaca. Porcaro estava jogando inseticida no seu jardim quando sofreu uma forte reação alérgica seguida de enfarte.

LOS ANGELES

Arnold Schwarzennegger cantando? Talvez não chegue a tanto (embora uma possibilidade dessas jamais possa ser descartada), mas o fato é que o diretor James Cameron (o mesmo da dobradinha *Exterminador do Futuro*) acaba de fechar com a Sony Music a criação de um selo musical, Lightstorm. O novo selo se propõe a lançar trilhas sonoras, bem como os trabalhos de novos artistas. Nenhum músico, porém, foi contratado até agora • Enquanto isso, Quincy Jones se aventura no mercado editorial. Ele está lançando junto com o grupo Time Warner a revista *Vibe*, toda dedicada à cultura hiphop • A MTV americana fez uma pesquisa, perguntando a seu público quais seriam seus eleitos, caso pudessem escolher que pai e mãe teriam. Deu Madonna e Magic Johnson na cabeça • A bruxa está solta: James Hetfield, do Metallica, sofreu queimaduras no rosto, nos braços e nas mãos quando um objeto de cena explodiu durante o show que a banda fazia em Montreal, no Canadá, e precisou encerrar sua apresentação bem antes do tempo previsto. Logo em seguida, o Guns N'Roses também deixou o palco antes da hora, por causa de problemas "de voz" no gogó de Axl Rose. Resultado: a malta revoltada (um público pagante de 53 mil pessoas) partiu para o quebra-quebra, confrontando duzentos policiais da tropa de choque convocada às pressas para controlar a turba, incendiando parte do Estádio Olímpico da cidade e fazendo fogueiras com camisetas das duas bandas • *The Jacksons, An American Dream* é o nome da minissérie que a rede de TV ABC está levando ao ar, contando a história e glória da família Jackson.

JOSÉ EMÍLIO RONDEAU

APOSTAS QUENTES

Retna

ARRESTED DEVELOPMENT

Eles são de Atlanta e foram classificados de "rappers rurais", por seguirem a tradição de rhythm'n'blues do sul dos EUA. Um passo a frente (ou seria para o interior?) na filosofia freak afrocêntrica de Jungle Brothers/A Tribe Called Quest, o grupo estourou esse ano nos EUA com a melódica "Tennessee". Seu álbum de estréia é o excelente *3 Years, 5 Months And 2 Days In The Life Of Arrested Development*.

MASS ORDER

Nos anos 70 um dos melhores grupos soul eram os O'Jays — vocais sobre *grooves* matadores da Philadelphia. O Mass Order, de Baltimore, segue fielmente essa escola, trazendo-a para a dance music de hoje. O resultado está em músicas como "Lift Every Voice" e "Let's Get Happy", que levantam pistas e o espírito. Vale a pena procurar o disco *Maybe One Day*.

HELMET

O ruído e a zoeira das ruas de Nova York traduzidos em música. Pelo menos é isso que a banda chefiada pelo cantor e guitarrista Page Hamilton — treinado no jazz e fissurado em John Coltrane — pretende fazer. E não espere nada de ameno desses caras que já estão no segundo LP (*Meantime*). Sua britadeira sonora é poderosa o suficiente para ser considerada por Max Cavalera como uma das bandas mais cavalares da temporada. Legítimo metal monstro!

BABY ANIMALS

A australiana Suze DeMarchi já fez muita besteira na vida durante sua carreira solo, lá pelos idos de 85. Redimida, a moça volta chutando baldes, mas mantendo um certo gostinho pop, com seu Baby Animals. Aptos a agradar gregos e troianos com seu peso escorado no pop, eles já tem seu disco de estréia – que leva o nome da banda – lançado por aqui e prometem estourar.

Rob Marmissen

LANÇAMENTOS

Trabalhamos com Catálogos Anteriores

REF 313 · REF 310 · REF 321 · REF 318 · REF 319

REF 314 · REF 311 · REF 320

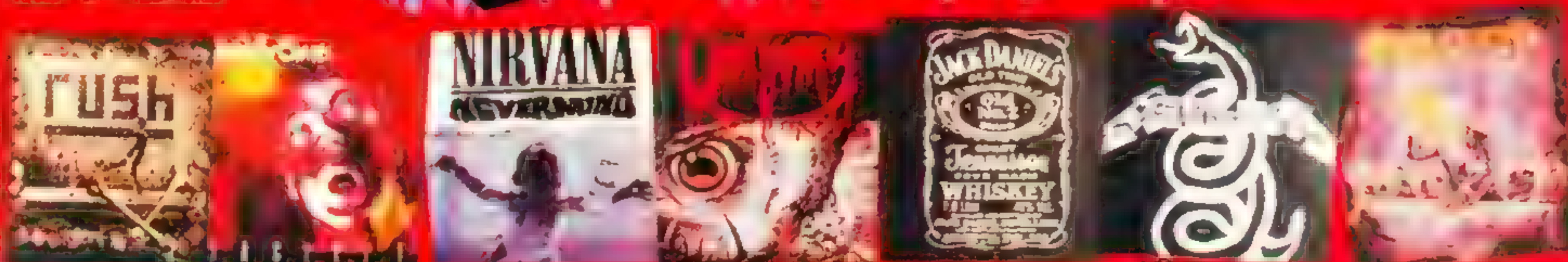
PREÇOS

Manga Curta	CR$ 54 000 00
Manga Longa	CR$ 65 000 00
Blusão Moletom	CR$ 98 000 00
Calça Moletom	CR$ 98 000 00
Boné	CR$ 31 000 00
Manga Curta Simples	CR$38 000 00

PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES FONE (011) 280-2952

As calças [illegible] e os Bonés Estão Disponíveis na Cor Preta e nas Seguintes Referências

Metallica
Guns N'Roses
Pearl Jam
Iron Maiden
Cavalera
Red Hot Chili Peppers
Ratos de Porão
Nirvana
Iron Maiden



REF 300 · REF 297 · REF 298 · REF 288 · REF 289 · REF 299

NEW ROCK Rua Capote Valente 242 CEP 05409-000 São Paulo-SP

REF 309 · REF 275 · REF 287 · REF 249

Preços Válidos Até o Próximo Mês

REF 305 · REF 242 · REF 270 · REF 243

ATENÇÃO!

COMO COMPRAR SEDEX (ENTREGA URGENTE)

- Envie cupom ao lado corretamente preenchido para Rua Capote Valente, 242 CEP: 05409-000, São Paulo/SP. Devem vir acompanhadas de seu pedido em forma de cheque nominal à NEW ROCK. Os preços médios do Sedex são de [illegible] (Região Sudeste) e de [illegible] (demais regiões). Se as despesas forem maiores que os valores acima, a diferença será acrescentada ao valor total a pagar no Correio ou debitadas se forem menores.

O Correio mandará um "Aviso de Chegada" entre 3 a 5 dias após a emissão sua carta. Você tem até 7 dias para retirar e pagar a encomenda após recebê-lo.

Só atenderemos seu pedido se as despesas do Sedex forem antecipadamente pagas.

RB
TOTAL DA COMPRA Cr$ ______

NOME ______
END. ______
______ Nº ______
CEP ______ FONE ______
CIDADE ______ ESTADO ______
RG ______ ASSINATURA ______

MOD	REF	COR	TAM

Tamanhos P, M e G

metal kickboxer

Cruzado, mas não na ponta do queixo, sutil; cruzado no meio da fuça, malvado, sem dó: Pantera. O nome já tem algo de imponente, algo que encanta e assusta ao mesmo tempo, agora o som... *Vulgar Display Of Power* ameaça a entrega do ouro numa das melhores e mais pertinentes capas dos últimos anos metálicos. Mas a coisa é ainda muito mais embaixo.

Batendo de frente, uma postura de ataque radicalmente hardcore, com tramas sonoras de um metal trabalhado e musculoso, o Pantera vem para somar no time dos terroristas do rock pesado, porrada: Prong, Body Count, Rollins Band...

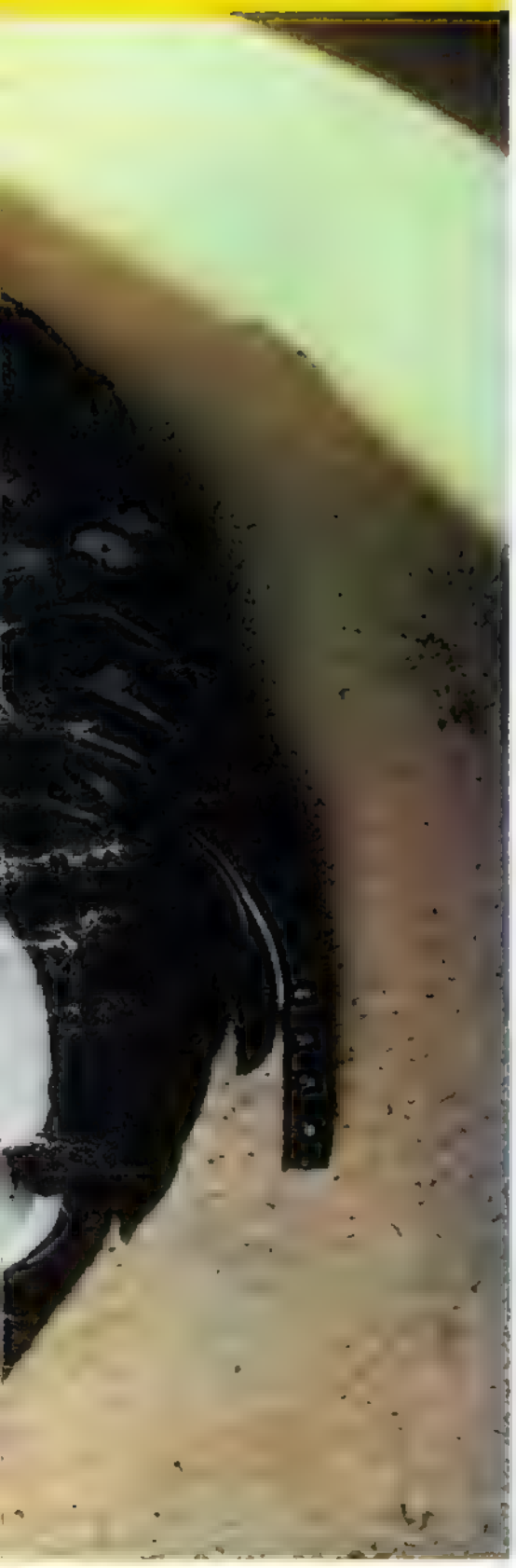
Mas nem tudo foi nocaute no caminho do Pantera.

Surgido no Texas de 83 como uma banda sub-Poison, o Pantera gravaria em três anos três LPs que não são o delírio dos colecionadores: *Metal Magic*, *Projects In The Jungle* e *I Am The Night*. Nem o guitarrista Diamond Darrel conseguiu, e não tentou muito, segurar o vocalista Terry Glaze. Sorte do Pantera.

A chegada do ex-Razor White Phil Anselmo, em 86, começou o desvio na carreira da banda, que só não é californiana por questão de acaso geográfico.

Depois de um disco de adaptação, *Power Metal*, Anselmo liberou de vez seus delírios pela "atitude" hardcore, aproveitando sua paixão pela instituição casca-grossa por excelência, o Black Flag. O resultado dessa colisão de referências vem sendo sentido desde então, e, passados dois LPs por uma *major*, *Cowboys From Hell* e *Vulgar Display Of Power*, o Pantera já se firma como uma das bandas mais nervosas do planeta.

Se Rollins & Cia detonam um proto-blues invocado e expiatório, o Pantera se assemelha só na truculência, já que reduz a conversa a pura e eficiente pancadaria metálica. *FABIO MASSARI*



warner

pantera joga pesado e escapa do nocaute técnico

music for nations

quebradeira estratossônica

nem só de guitar bands vivem os súditos da rainha

Eles não querem nem saber de ser rotulados como mais uma banda de funk metal. Em parte, os caras até que têm razão. Não são apenas "mais uma", mas sim uma das melhores coisas que saiu da Inglaterra nos últimos tempos. Seu som é uma mistura explosiva que inclui "aqueles" baixos estalados, guitarradas supersônicas e letras que se esparramam entre os extremos do pacifismo pós-riponga e a violência metálica. Sobre o fato de confundirem o estilo do Scat Opera com a centena de bandas que se abriga sob o mesmo rótulo, Steve Yates, guitarrista da banda, é taxativo: "Diziam a mesma coisa sobre o heavy metal, que tudo era igual".

Ninguém deve tê-los confundido com o Faith No More quando excursionaram juntos pela Europa. Muito menos com o Sepultura, para quem abriram shows na Alemanha e Holanda.

About Time, o primeiro disco dos caras, chega ao Brasil com dois anos de atraso. Exatamente quando o seu segundo LP sai na Europa. Alguma coisa mudou — "nosso som está mais funky", diz Steve —, mas a fúria que faz o diferencial do Scat Opera é a mesma. "Nós não sentamos e decidimos o que vamos fazer. Nosso som é o que somos", completa ele.

Sendo o que são, detonaram uma das músicas mais esquizofrênicas da história. "Overture", a faixa que fecha *About Time*, salta de um singelo cântico de "I love you", escudado por um baixo harmônico, para uma tormenta sonora digna de os vizinhos ligarem para a polícia. Nada mais coerente para uma banda violenta cujo guitarrista toca violão clássico nas horas vagas. De verdade!

CARLOS EDUARDO MIRANDA

METAL

HARD THRASH

Os pais do cruzamento metal/funk, Mother's Finest, revelaram em entrevista à revista inglesa *Kerrang!* que ainda têm um disco inédito, gravado em 73 para a RCA e nunca lançado. Prometem fazê-lo independentemente assim que descolarem uma grana. • Marcos Neves, vocal do podrão industrial Treponem Pal, substituiu Chris Connelly, do Ministry, durante a turnê Lollapalooza II. Isso promete uma futura parceria fonográfica. Se Deus quiser. • Essa vai render. O Living Colour está gravando um novo LP, produzido por Ron St Germain (Soundgarden, Bad Brains), com o baixista Doug Wimbish (ex-Tackhead, que tocou aqui no Hollywood Rock com os caras), incorporado definitivamente à banda. • E agora, o incrível Festival Evil Otto de barbadas. Se liga nessas bandas: **Crowforce** — alguma coisa como Right Said Fred misturado com Prong. Coisa de inglês louco! **Motorpsycho** — metal rock feito por Hell's Angels de Los Angeles. **Kyuss** — heavy *sabbathico* californiano. **Helmet** — rifferama *grunge* treinado no jazz rock. Gostou? Então pode ir procurar nas importadoras. • Saideira: Foi relançado pela Warner, em CD, o álbum *So Alone*, do ex-New York Dolls Johnny Thunders, com participações especialíssimas de Steve Jones e Paul Cook (Sex Pistols), Phil Lynott (Thin Lizzy), Steve Marriott (Small Faces, Humble Pie e Walter Lure) e Billy Rath (New York Dolls). Pode ir na cega que é um clássico. *EVIL OTTO*

de volta ao rock

Muitas guitarras e amplificadores antigos no novo trabalho de Lulu Santos

Foto Robin Lynn. Maquiagem Zé Carlos

Ele acaba de lançar seu novo disco, *Mondo Cane*. "Ah! Lá vem mais um monte de baladinhas e popinhos brisa de verão seguidos de declarações calculadas para irritar." Calma... Para começar, nesta entrevista Lulu não fala mal de ninguém! E depois o disco, bem, Lulu deu um cavalo-de-pau de 180 graus e levou seu som a novas dimensões: mais pesadas e com muita guitarra. Trocando em miúdos, Lulu Santos gravou um álbum de rock.

De cara, ele parece mais interessado em falar do projeto que começou a desenvolver com o saxofonista e cantor Milton Guedes. Lulu produz, compõe, toca guitarra e faz vocal de apoio no trabalho. O primeiro fruto,"Kriptonita", já tem clip entre os mais rodados da MTV. Mas o álbum de Guedes ficou para 93, graças à recessão.

Caindo em *Mondo Cane* — o primeiro na PolyGram —, ele conta que começou a compor o repertório no ano passado, na estrada! "Na hora do *soundcheck*, em vez de repassar os sucessos, eu mandava o material novo. Daí tudo ter vindo com mais peso."

Peso e guitarras, recolocando o exímio Lulu em seu posto, como um dos melhores instrumentistas do nosso rock. Mas ele não abriu mão de seu flerte com ritmos brasileiros — explícito no álbum *Popsambalanço*. Este lado pode ser confirmado em faixas como a bossa-novista "E Então (Eu Pergunto)" ou as mais gingadas "Realimentação" ou "A Coisa Certa". Mas *Mondo Cane* é seu disco mais roqueiro, até mais do que o quase maldito *Normal*

"As canções nasceram dos riffs de guitarra. Gravei o disco empolgado com o meu equipamento, usando velhos amplificadores, que ainda são os melhores para o rock. Mas nunca vou me prender a uma coisa só. Tenho interesses diversos, não acho saudável me ater a uma única trilha."

ANTONIO CARLOS MIGUEL

BMG Ariola

O Nenhum de Nós tem tudo para se transformar num segundo Engenheiros do Hawaii: covers, refrões e sotaque

psicodelia à gaúcha

Quando emplacaram "Camila, Camila", eles tinham feito apenas uma meia dúzia de shows. Depois foram pegos de surpresa com o sucesso de "Astronauta De Mármore" — versão de "Starman", de David Bowie, que incluíram no LP *Cardume* apenas por curtição.

Esse currículo aparente criou um ranço na crítica, que se apressou em tachá-los de armação. "A gente foi prejudicado porque nos botaram no mesmo saco de bandas como o Inimigos Do Rei e Uns E Outros", reclama Thedy Corrêa, *frontman* do grupo.

Agora com o novo LP, que leva o nome da banda, o Nenhum De Nós afina suas influências de música gauchesca e folk rock inglês, passadas por um filtro psicodélico. Ainda que o resultado não tenha convencido roqueiros mais radicais (e nem deveria!), conquistou para o grupo uma boa dose de respeito. "Ao Meu Redor" entrou direto nas rádios e na MTV com seu refrão pegajoso, parente próximo de "For Your Love" dos Yardbirds Thedy: "Nunca ouvi isso. Na época só ouvia Beatles. A única coisa que eu conheço do Yardbirds é aquela música ('Stroll On') do filme *Blow Up*. Não sei por que vêm perguntar isso para a gente se nunca perguntaram para o Ira! e o Camisa De Vênus sobre Jam e Clash". *C.E.M.*

ALTA ROTAÇÃO

A REDAÇÃO RECOMENDA

Red Hot + Dance reúne remixes inéditos de *dance tracks* consagradas, mais três músicas inéditas de **GEORGE MICHAEL**. Tem Brian Eno pervertendo "Unbelievable" do **EMF**, **MADONNA** se chocando com Sly & Robbie em "Supernatural", e **SLY STONE, YOUNG DISCIPLES** etc. Diverte e ajuda uma causa nobre. *C.R.*

Revelação da música jamaicana nos últimos anos, **SHABBA RANKS** mistura com propriedade as influências do reggae tradicional com o *toast*, o *ragamuffin'* e o *dub* em **Rough & Ready — Volume I**. Basta um tapinha de "Mr. Loverman" para cair na dança. *C.P.*

Para **HERMETO PASCHOAL**, fazer música com panelas e porcos é fácil. Em **Festa Dos Deuses**, ele vai muito além do imaginável: faz música usando como base a voz do sr. Fernando Collor. E soa bem! *R.C.*

Para gastar a agulha e estourar os falantes em tempo recorde, o melhor negócio é levar para casa **A Vulgar Display Of Power** do **PANTERA**. *E.O.*

Você só anda fazendo sucesso com as mulheres quando faz o gênero caladão?

É melhor você começar a ler o Estadão.

Diariamente, no Caderno 2 do Estadão, você encontra toda a agenda cultural da cidade, do país e do mundo. Os principais filmes, os últimos lançamentos em discos, os melhores espetáculos, quem cria e quem produz. Consumo, moda, gastronomia, literatura, erudito e o popular, com textos redigidos num tipo de linguagem cada vez mais raro: o tipo claro e compreensível. E você ainda encontra Luis Fernando Verissimo, Rachel de Queiroz, Nirlando Beirão, Paulo Francis e muitos outros nomes que, como esses, tornam o Estadão um jornal obrigatório para quem faz questão de opiniões inteligentes e informações completas. Você, que já lê o Estadão, fique atento: quando ouvir algum amigo pedindo o telefone do cachorrinho para uma mulher, dê a ele o telefone da nossa Central de Assinaturas.

PASSE NUMA BANCA OU ASSINE: 9 (011) 858-9000.

ESTADÃO

É muito mais jornal.

R E M

Pode o novo disco da banda repetir os nove milhões de cópias vendidas de *Out Of Time?*

Estou em Nova York, no vigésimo andar da sede da gravadora Warner, a poucos metros da Quinta Avenida, aguardando metade do R.E.M. — Peter Buck e Mike Mills — para uma entrevista exclusiva sobre seu novo disco. Algo que os inúmeros fãs da banda que não perderam sua religião aguardam como a segunda vinda de Cristo. De posse de uma fita cassete emprestada pela gravadora, estou bem munido para discutir com eles as nuances de *Automatic For The People*, um disco cuja tônica é dada por canções lentas e pautadas em instrumentos acústicos, como já comprova o primeiro single "Drive". Peter é o primeiro a chegar, de óculos escuros, barba e bigode bem aparados (contrastando com a longa cabeleira meio desgrenhada) e uma simpatia fora do comum.

Onde estão Michael e Bill agora?

Michael está preparando nosso próximo vídeo. Faz parte de nossa divisão de funções ao lançarmos um álbum: eu e Mike falamos com a imprensa, enquanto ele cuida da parte visual, como os vídeos e a capa do disco. Quanto a Bill, provavelmente deve estar no seu barco, pescando.

Michael Stipe tem toda aquela fama de excêntrico, por suas atitudes, letras etc. Como ele se relaciona com o resto da banda?

Ele é tão esquisito quanto qualquer um de nós. Só o fato de ele ainda estar na banda já é algo irreal para mim. De qualquer maneira, somos todos meio desse jeito. Às vezes excêntricos, às vezes não.

Sua relutância em dar entrevistas não contribui para essa imagem?

Bem, não tem jeito: ele pode falar muito ou ficar quieto que as pessoas vão achar que ele é esquisito mesmo assim. Mas ele não tenta parecer estranho. Desde que eu o conheço ele é assim.

Como que é ficarem juntos por mais de uma década?

É muito legal que a gente se conheça tão bem, além de tocarmos juntos há tanto tempo, chega uma hora em que você sabe até o que os outros estão pensando. Nossa maneira de tocar ficou totalmente intuitiva e cada vez se torna uma experiência mais interessante.

Vocês quatro eram amigos mesmo antes de tocarem juntos, não?

Bill e Mike já eram amigos desde a adolescência. Michael e eu nos conhecemos um ano antes de montarmos a banda, quando ele aparecia na loja de discos em que eu trabalhava, em Athens. Foi uma amizade criada a partir da música.

Vocês ainda se consideram uma banda de rock'n'roll?

Creio que sim. É dele que tiramos nossas maiores influências. Falando genericamente, podemos ser considerados uma banda de rock'n'roll, mas isso não significa que fazemos algo parecido com o Nirvana. Nosso enfoque tende mais para o folk, apesar de manter a raiz no rock'n'roll.

Eu pergunto porque ontem ouvi a fita do disco novo e ele é composto em sua grande maioria por músicas lentas, eminentemente acústicas...

É verdade. Não é o que se esperaria de um disco de rock'n'roll. Mas é essa linha que queremos explorar agora.

Já havia uma tendência parecida em *Out Of Time*. Você diria que esta será a direção musical do R.E.M. daqui para frente?

Não sei dizer se manteremos isso para sempre, mas é o que queremos fazer agora. No álbum *Green*, usamos muitas guitarras e decidimos que não faríamos isso nos trabalhos seguintes, mas podemos voltar a priorizar os instrumentos elétricos no futuro.

O que significa este título, *Automatic For The People*?

Bem, há um restaurante em Athens — um lugar pequeno e aconchegante — ao qual gostamos de ir, que tem este slogan. Assim, se você chega lá e faz seu pedido, o atendimento é automático...

Lembro de ter lido em algum lugar que o primeiro título que você sugeriu para o álbum *Document* era "Last Train To Disneyland" ("Último Trem Para A Disneylândia"). Desta vez houve também algum nome provisório para o disco?

Enquanto pensávamos no nome definitivo cheguei a sugerir "Unforgettable" (*risos*), o mesmo do álbum de Natalie Cole. Mas pensei que muita gente ia nos achar pedantes, ao invés de enxergar o lado divertido da coisa. Outro nome em pauta era "Nightswimming", mas Michael nunca gostou de batizar um disco com o nome de uma das canções, pois para ele isso daria muita importância à música escolhida.

Por que, à exceção dos olhos e sobrancelhas de Bill Berry na capa de *Life's Rich Pageant*, vocês nunca apareceram nas capas de seus álbuns?

Porque sempre tentamos orientar nossos trabalhos pela música, o que não significa glamour, roupas caras e uma bela maquiagem. Para nós, a capa tem que representar essa postura, precisa ter a ver com o som.

Desta vez vocês também se revezaram entre vários instrumentos, como em *Green* e *Out Of Time*?

Não. Desta vez escrevemos as canções e as gravamos com um instrumental básico, de baixo, bateria e guitarra ou violão. Mike tocou todos os teclados e eu coloquei pequenos detalhes como dulcimer, bazouki e bandolim. De resto, gravamos todas as bases só como trio.

Vocês chamaram Peter Holsapple (*Ex-líder dos dB's e considerado o "quinto membro" do R.E.M.*) ou algum outro convidado?

Não foi necessário chamá-lo, pois todo o instrumental foi concebido para ser esparso, sem muitos complementos. A maioria das faixas foi gravada como se estivéssemos tocando ao vivo e adicionamos pouca coisa a elas. Os únicos convidados foram os músicos da Orquestra Sinfônica de Atlanta, que

já tinham colocado cordas em *Out Of Time*. E também usamos um violoncelista que já havia trabalhado com os Psychedelic Furs, em duas canções: "Sweetness Follows" e "Monty Got A Raw Deal". Ele faz uma espécie de "cello rock'n'roll": ...rrr...rrr (*imitando o instrumento*).

Por que, desde o início, as canções da banda são creditadas coletivamente?

Sempre considerei que todos no grupo têm a mesma importância, que ninguém aqui é melhor do que ninguém. E é assim que funciona. Nunca imaginei a gente discutindo coisas como "Quero que a minha canção seja o single do álbum" ou "Quero tantas músicas minhas no disco". Acho que este tipo de democracia combina bem com a gente, e se você gosta de nossas canções não precisa se interessar por quem teve maior participação em sua composição.

É verdade que você começou a tocar guitarra aos 21 anos?

Mais ou menos...antes eu só arranhava um pouco (*risos*). Quando a banda começou, eu mal sabia alguns acordes. Comecei muito tarde e nunca tinha me dedicado muito ao instrumento até Michael me incentivar e começar a ouvir os grupos punk. Foi aí que descobri que não precisava tocar como o Yes ou o Emerson, Lake and Palmer. Que a técnica não era tudo e que podia me tornar um músico convincente sem ser chato.

Você tem um estilo bem peculiar na guitarra. Quais foram suas maiores influências?

Eu poderia citar o Velvet Underground, os músicos de blues, muita coisa do folk. Sempre estive muito mais interessado em fraseados e arranjos do que em solos de guitarra, os quais nunca escutei com prazer. Um fraseado interessante vale muito mais que qualquer solo.

No começo do R.E.M., você era freqüentemente comparado a Roger McGuinn (*ex-Byrds*) e seu estilo "jingle jangle"...

Pois é... Nos encontramos algumas vezes e até já chegamos a tocar juntos, mas nunca pensei na gente soando como os Byrds. Tenho vários outros pontos de referência: adoro Steve Cropper, apesar de não me lembrar de nenhum solo memorável dele. Em compensação, escute os riffs e os acordes de sua Telecaster. São uma maravilha!

Que bandas você costumava ouvir na adolescência?

Bem, eu cresci na Geórgia e tudo que você precisava saber lá, por volta de 73, era que existiam os Allman Brothers e o Lynyrd Skynyrd. Mas aí eu comecei a ouvir outras bandas de rock'n'roll, como os New York Dolls, e muito soul, especialmente Al Green, que era muito popular no Sul. Quando tinha quinze anos, também gostava dos Rolling Stones. E curtia bastante John Coltrane. Só por música clássica que não me interessava muito, mas sempre ouvi de tudo: de blues e country & western até punk.

Sei também que você é um grande colecionador de discos. Tem idéia do tamanho de sua coleção?

Minha casa em Athens é cheia de discos, mas tenho bem menos do que muita gente pensa, não sei dizer... Talvez uns dez mil álbuns, uns sete mil CDs e uns seis ou sete mil singles, sem contar os cassetes. Tem coisas que ouço frequentemente e outras que ouvi uma vez só, mas guardo para o caso de voltar a me interessar por elas.

Destes, quais seriam os três discos que você levaria para uma ilha deserta?

Duas *boxed sets* (caixas de CDs): *Star Time*, de James Brown, e *Live In Japan*, de John Coltrane,

além do *Astral Weeks*, de Van Morrison. Se tivesse um pouco mais de espaço, também incluiria os três albuns do Big Star e *Exile On Main Street*, dos Stones.

É verdade que você uma vez amarrou Michael Stipe a uma cadeira e o obrigou a escutar *Pet Sounds*, dos Beach Boys, por duas vezes consecutivas?

Não, não (*risos*)... Isso é um exagero do Michael. O que fiz foi apresentar o disco, com certeza de que ele iria adorar, apesar de até então não ter se interessado por ele. E foi o que realmente aconteceu.

Qual o seu disco favorito do R.E.M.?

Bem, *Murmur* foi minha grande experiência, como álbum de estréia da banda. É como a primeira garota com quem você marca um encontro: algo para se lembrar pelo resto da vida. Nós tínhamos aquelas canções que julgávamos boas, gravamos e ficamos maravilhados com o resultado final.

Você não sente saudades de quando o R.E.M. era uma banda independente, tocando em pequenos clubes?

Não penso muito no passado. Acho que aqueles foram bons tempos: Éramos caras sem nenhuma responsabilidade maior, mas também sem garotas nem dinheiro. Quando penso nisso, fico feliz de ter feito tudo o que fiz naquela época e não ter me tornado um advogado ou algo assim... Não diria que foram os dias mais felizes da minha vida, mas foi uma época interessante, como a fase por que passo agora também é para mim.

Em cinco anos, desde *Document*, vocês trocaram totalmente a cena underground do *college rock* pelos álbuns de platina e as milhões de cópias vendidas. No que isso modificou sua vida?

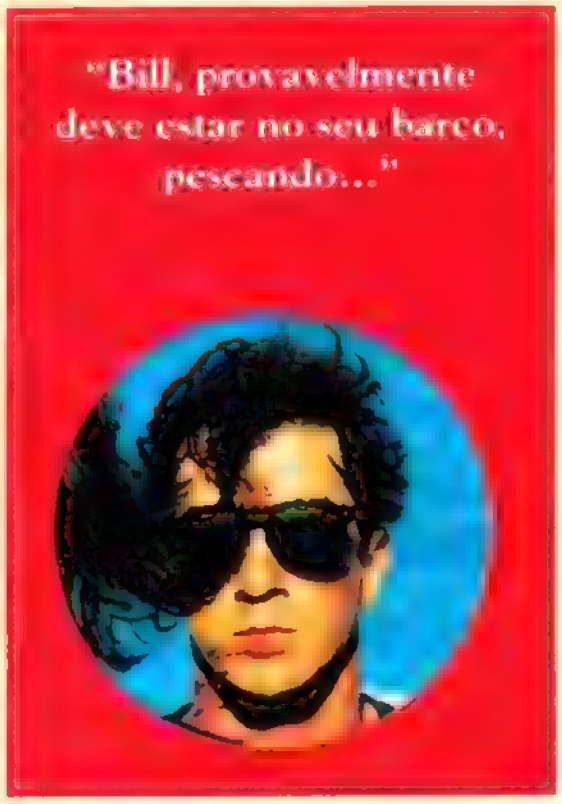
Tudo muda e eu não sou mais a mesma pessoa. Não sei se o sucesso melhorou nossas vidas, mas as modificou um pouco. Não é mais fácil ou mais difícil, é apenas diferente.

E como você lida com a fama?

Bem, às vezes as pessoas me reconhecem, mas não sou tão famoso quanto Michael. Ando por aí em clubes, restaurantes, lojas de discos, sem ser realmente importunado. Ainda esta semana, tive que vir para cá todos os dias para fazer entrevistas caminhando por dez quarteirões e ninguém me parou ou ficou me encarando. Veja só: posso até andar na rua! (*risos*)

OK, vamos falar um pouco sobre *Athens And Over*, o disco que vocês fizeram com membros originais dos Troggs. Como ele surgiu e qual a conexão entre os Troggs dos anos 60 e o R.E.M. hoje em dia?

Não acho que tenhamos algo em comum, mas sempre adorei os Troggs. As músicas deles são geniais e muito simples: apenas dois ou três acordes, um par de versos e está feita. Recebemos um telefonema do empresário deles, Larry Page, perguntando se não queríamos participar do projeto, que — além do vocalista Reg Presley e do guitarrista Chris Britton — envolveu a mim, Mike, Bill e Peter Holsapple. Não gosto do disco totalmente, mas algumas canções saíram muito boas.



Você, Mike e Bill também trabalharam com Warren Zevon. Como foi essa experiência?

Conheci o cara que seria o futuro empresário dele na faculdade. Foi quem depois nos pôs em contato com Warren, que por sinal é um ótimo compositor. Mike e Bill fizeram um single com ele e depois me chamaram para fazer algumas *demos*. Foi daí que surgiu nossa participação no álbum *Sentimental Hygiene*, em 87.

E a idéia dos Hindu Love Gods?

Foi apenas diversão. Fizemos aquele disco com Warren praticamente em uma hora e meia, com quase todas as canções registradas no primeiro *take*. Apenas "Rasperry Beret", do Prince, exigiu duas tomadas. Não queríamos nem editá-lo, mas Warren estava precisando de dinheiro, que veio através da versão do Prince. Não era um disco sério, era uma espécie de brincadeira misturando clássicos do blues com Georgia Satellites, por exemplo.

(A esta altura, entra na sala Mike Mills, um tanto esbaforido e desculpando-se pelo atraso, por estar em estúdio com o produtor da banda, Scott Litt, dando os últimos retoques numa mixagem não-revelada. Ele logo se recompõe e recomeça a entrevista.)

Estávamos falando dos trabalhos de vocês com Warren Zevon...

É um sujeito legal, um grande compositor e chegamos a fazer algumas coisas surpreendentes com ele, mas Peter já deve ter lhe falado a respeito e não quero me tornar repetitivo.

Como você se sente sendo o segundo vocalista do R.E.M.?

Não sou o segundo vocalista. Sou só o baixista e tecladista que também canta. Uma vez ou outra, assumo a voz principal em alguma canção, mas neste novo disco me limitei aos vocais de apoio. Gosto de cantar, mas não é algo com que me preocupe.

Você e Bill eram amigos íntimos desde a adolescência, e depois vieram a conhecer Peter e Michael. Como foi essa aproximação?

MM — Bem, tínhamos um amigo em comum que costumava sair com eles.

PB — Aliás, foi aquele que roubou minha namorada... (*risos*)

MM — E daí começamos a nos encontrar e surgiu a idéia de tocarmos juntos.

Como foram as únicas apresentações acústicas que vocês fizeram na Europa o ano passado?

PB — Fizemos várias gravações para rádio e TV, que foi como o maior número de pessoas poderia nos ouvir.

MM — De resto, só tocamos ao vivo duas vezes: no Borderline, em Londres, sob o pseudônimo Bingo Hand Job, e outra num clubinho de Milão, creio que se chamava Shocking. Foi bem interessante ver a reação das platéias nesses pequenos lugares, que nos permitiram fazer um show acústico bem informal.

PB — Isso sem contar a gravação para o programa acústico da MTV.

Vocês também colaboram com Wim Wenders na trilha de *Até O Fim Do Mundo*...

PB - Ele nos contatou, pedindo uma canção para o filme. Mostramos "Fretless" para ele, pois não havíamos feito nada especificamente para este fim. Michael tinha uma cópia do roteiro e disse-lhe em quais cenas a música

R E M

poderia se encaixar melhor. Na verdade, essa colaboração funcionou mais no processo inverso: foi mais como encaixar uma sequência na música, do que se faz normalmente, encaixando a música numa sequência.

MM — Independente disso, acho que a canção ficou muito boa.

PB — E mesmo. E Wim Wenders tem grandes filmes como *Asas Do Desejo* e *O Amigo Americano*.

Ele inclusive já se confessou fã do R.E.M...

PB — Na verdade, ele é um fã de rock'n'roll. Em

O Amigo Americano, os caras têm discos dos Kinks e até cantam suas canções.

Li a respeito de Mike ter preparado alguns temas instrumentais para a trilha do filme, tocando o órgão de tubos da catedral de Minneapolis. Estas gravações foram utilizadas por Wenders?

MM — Não sei dizer se eles as usou, pois ainda não vi o filme.

PB — Nas *demos* dessas gravações, que fizemos com o órgão de nosso estúdio, eu havia acrescentado uma guitarra com tremolo, também. Mas a versão final de Mike, com o órgão da catedral, ficou bem melhor.

Depois de terminarem *Out Of Time*, foi um consenso entre vocês a decisão de que não iriam excursionar?

PB — Dissemos "chega disso, por um bom tempo". E se você me perguntar quando iremos excursionar novamente, eu vou te responder que não tenho certeza... provavelmente só após o disco que virá depois de *Automatic For The People*. Daqui a um ano, quem sabe...

Nesse meio tempo, vocês sofreram alguma espécie de pressão da gravadora para que voltassem a fazer uma turnê?

PB — Não... Eles gostaram (*risos*)...

MM — Eles adoraram!... Não, o que eu quero dizer é que eles ficariam felizes se nós fizéssemos uma turnê, mas sabem como nós somos. Se não queremos excursionar, eles percebem que temos boas razões para isso.

E quais são elas?

MM — Vendemos nove milhões de cópias de nosso último álbum.

PB — (*corrigindo*) Mais de nove milhões de cópias, ou eu deveria dizer quase dez milhões?

Quer dizer que não há a mínima possibilidade de termos shows após este novo disco?

PB — Não, só depois do próximo. Acho que três álbuns sem nos apresentarmos ao vivo dão uma boa conta e fornecem material suficiente para quando fizermos uma nova turnê. Se a tivéssemos feito depois de *Out Of Time*, você estaria nos entrevistando agora com ela na cabeça, e assim sucessivamente. Preferimos juntar todo esse material e deixar a expectativa no ar com relação a nossa próxima excursão.

Como vocês encaram ser um enorme sucesso em lugares onde nunca estiveram, como o Brasil?

PB — Só descobri isso quando o pessoal daqui me mostrou os discos de ouro que você trouxe *(enquanto Peter fala, há exclamações como* "alright!", "it's great!", *vindas de Mike)*.

Mas vocês são muito populares por lá.

MM — Nós fomos ao Paraguai e até lá sabiam quem éramos.

Jura? Vocês foram ao Paraguai? Quando e por quê?

MM — (*para Peter*) Quando foi? O ano passado?

PB — Não, foi agora em fevereiro. E chegamos a passar pelo Brasil também. Foi por um trabalho do qual Michael participa, com relação à preservação do meio ambiente.

MM — Uma fundação internacional nos levou até Assunção com uma comissão para investigar os direitos dos índios locais de terem acesso às terras em que trabalham, com o intuito de ajudá-los a conquistar esse direito. Era um trabalho voluntário e sem a presença da imprensa.

Por que vocês não foram ao Brasil também? É tão perto e tem problemas semelhantes, senão maiores...

MM — Faço uma ideia, mas não temos tempo para ir a todos os lugares onde estes problemas acontecem.

O que vocês conhecem no Brasil?

MM — Não muito, só através de amigos que nos falam do carnaval.

PB — Você não lembra de termos jantado no Brasil?

MM — E verdade... Sim, foi num prédio enorme no centro de São Paulo, cuja vista era muito bonita (o *Edifício Itália*). Achei

que era a maior cidade que já tinha visto, pois havia horizontes para cada lado que olhava. Gostei bastante, apesar de não ter visto quase nada em nossa passagem por lá.

Então vocês passaram por São Paulo totalmente incógnitos?

MM — Sim, estávamos lá enquanto indivíduos, não como uma banda, só passamos por lá a caminho de Assunção.

O R.E.M. foi um dos primeiros grupos a se projetar no circuito independente, apesar disso ter demorado vários anos para acontecer. Como vocês vêem o sucesso enorme e repentino do Nirvana e outras bandas de Seattle, que vieram em sua trilha?

MM — Acho que é uma grande banda, mas não queria estar na posição deles. Quando o sucesso ocorre da noite para o dia, fica difícil de controlar. Trabalhar com uma grande gravadora desde o começo é muito difícil. Posso dizer que o álbum *Nevermind* é muito bom, mas não queria estar na pele deles

O que vocês diriam para as pessoas que pensam que o R.E.M. começou com "Losing My Religion"?

MM — Antes tarde do que nunca! (*risos*).

PB — Diria que é legal, pois agora um grupo já estoura com um ou dois discos. Alguém nos "descobrir" depois de oito ou nove discos nos dá maior longevidade, além de um imenso prazer.

É esquisito, pois apesar de não ser uma *dance track*, "Losing My Religion" chegou a ser um sucesso em pistas de dança no Brasil.

PB — É... Na Alemanha foi a mesma coisa. E ótimo, pois se ela é uma canção para tocar no rádio, por que não numa pista?

Quando vocês a gravaram, tinham alguma idéia de que ela iria ser um sucesso tão estrondoso?

MM — Eu não...

PB — Eu sabia que ela era uma canção muito forte, apesar de não ser uma das minhas favoritas no disco.

Há alguma música do disco novo que vocês acham que pode repetir esse sucesso?

PB — Não sei... Este álbum agora pode tanto ser bem-sucedido, como ir muito mal. Quero dizer que "Drive", o primeiro single, é tão estranho que as pessoas podem tanto tocá-lo e amá-lo, como dizer "Ei, que porcaria é essa?"

MM— Ouvi o single a noite passada e posso afirmar que se trata de uma canção que soa bem. Se vai virar um hit, veremos...

Celso Pucci viajou para Nova York a convite da gravadora Warner

Ilustração: Scot

ZZ TOP
BARBA CABELO & BIGODE

Direto de Houston, Texas, Billy Gibbons – o ás da guitarra no ZZ Top – relembra um pouco de sua história e traça os próximos planos (milionários) do trio

O que você fazia antes de formar o ZZ Top?

Lá por 67/68, eu tocava com os Moving Sidewalks. Era um grupo psicodélico e fazíamos o circuito de Houston e outras cidades texanas.

Era por onde circulavam os Thirteenth Floor Elevators, de Roky Erickson?

Sim, eles eram muito populares e seu show era alucinante, realmente incrível.

O ZZ Top inclusive participou do tributo *Where The Pyramid Meets The Eye*, dedicado a Erickson. Vocês chegaram a tocar juntos?

Sim, há muito tempo, em algumas *jams* em Austin, no Texas.

Há também uma história a respeito de Jimi Hendrix ter considerado você o melhor guitarrista americano, quando os Moving Sidewalks abriram um show do Experience, em 68...

Sim, sim... (*risos*). Foi durante um programa de TV.

Como você se sentiu?

Bem, um tanto orgulhoso, eu diria.

Há uma grande tradição de blues no Texas, desde Lightnin' Hopkins até músicos brancos como você e Johnny Winter. Existe um estilo texano de tocar blues?

Sim, vários músicos desenvolveram este estilo à sua maneira pessoal. O grande aprendizado a gente consegue ouvindo bons guitarristas. E há vários no Texas.

Quem foi – ou é – uma grande influência para você na guitarra?

Eric Clapton.

Ele não me parece um texano...

Não, (*risos*). Mas seu estilo é muito bom. Mas também admiro caras numa linha totalmente diferente. Como Trent Reznor, dos Nine Inch Nails.

Um colega meu, recentemente, esteve nos EUA entrevistando várias bandas para fazer um livro de rock. Lembro de uma passagem, que ele falava com Al Jourgensen, do Ministry. Ele disse que quando o visitou, você ficou impressionado com um som de bateria que ouviu e

ZZ TOP

"Estávamos de férias na Jamaica. E as barbas foram crescendo. Você sabe, havia coisas melhores para fazer"

Jourgensen revelou que havia tirado o sampler do primeiro disco de vocês.

Sim, é verdade... (*risos*). Curto muito o Ministry e todas as bandas que fazem esta linha industrial, como os Nine Inch Nails, também. Costumo escutar as coisas mais esquisitas possíveis. Mas sempre procuro reouvir B.B.King, Muddy Waters, caras que são para sempre.

Por que vocês, depois de definirem seu estilo, resolveram acrescentar cordas e sintetizadores ao som do ZZ Top?

Sei lá... Talvez para procurar sonoridades diferentes. Nós três tocamos metais e durante um tempo me dediquei ao sintetizador. Acho que essa foi a razão principal.

Mas você não acha que essa espécie de sofisticação vai contra a tradição musical do blues e do boogie na qual sua banda sempre trabalhou?

Houve um tempo em que eu pensava que sim. Mas agora tenho até uma atração especial por esse tipo de coisa. Nos faz sentir mais próximos da música que se faz atualmente. Pressiona a gente em direção a novos estilos, sem nunca abandonar as nossas raízes no blues.

Isso nos leva aos vídeos, especialmente aqueles que vocês fizeram nos anos 80, como *Gimme All Your Lovin'* e *Sharp Dressed Man*. Vocês acreditam estar formando uma nova geração de fãs, via MTV?

Creio que sim, pois usamos imagens que a moçada gosta de ver. Tipo belas garotas, carros, comida... Além de tudo, os clips são engraçados.

Seriam um reflexo do *way of life* texano?

De certa forma, sim. Acho que todo mundo quer isso também.

O que você achou dos tumultos, em Los Angeles?

Vi pela TV e penso que era algo que teria de acontecer cedo ou tarde. A tensão social entre raças na cidade é muito grande. Eu definiria como *the blues meet the beach* ("o blues encontra a praia").

Mas voltando aos clips, vocês se consideram *video stars*?

Não sei dizer. Nunca sentamos para dizer: "OK, vamos fazer um vídeo". De repente, surge uma boa idéia, pega-se as pessoas certas para trabalhar e daí as coisas funcionam.

Ainda a respeito da imagem de vocês: quando, como e o porquê das barbas?

Ah, isso começou em 78, um ano em que ficamos praticamente parados. Eu e Dusty estávamos de férias na Jamaica. E as barbas foram crescendo. Você sabe, há coisas melhores para se fazer na Jamaica do que se barbear (*risos*).

Algum plano de vir ao Brasil?

Claro, já fizemos os contatos e esperamos estar tocando por aí no início do ano que vem. Será durante a turnê de divulgação do nosso novo álbum.

Já há alguma definição com relação a este disco?

Só sei que começaremos a gravá-lo no fim de junho e as sessões serão na Califórnia.

Que tal uma prévia do som?

Será como os tumultos de Los Angeles: *the blues meet the beach !*

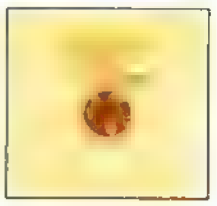
NOTA: Pouco depois dessa entrevista ser feita, o ZZ Top anunciou que estava saindo da Warner – detentora do catálogo do trio desde o começo de sua carreira – e assinando com a RCA, com base num contrato que envolveu o próximo álbum e outros quatro, no valor de trinta milhões de dólares (que podem chegar a cinqüenta, dependendo do volume de vendas). É um dos maiores negócios da indústria fonográfica envolvendo apenas discos - pois artistas como Madonna e Michael Jackson negociam com pacotes que envolvem também vídeos, filmes e livros. Desse jeito, dentro de algum tempo o trio é capaz de querer comprar o Texas !

CELSO PUCCI

Discografia de A a ZZ

álbuns

ZZ TOP'S FIRST ALBUM (70)



Pouco depois de se associarem ao produtor Bill Ham (com quem trabalham até hoje), o trio lançou o single "Salt Lick", por um pequeno selo (Scat) de sua cidade de origem, El Paso. Foi o que despertou o interesse do selo London, que bancou o álbum de estréia deles. O disco não teve muita repercussão - apenas – o compacto "(Somebody Else) Been Shaking Your Tree" obteve sucesso local –, mas deu o pontapé inicial para uma série intensiva de excursões que caracterizariam os anos seguintes da banda.

RIO GRANDE MUD (72)

Com mais experiência, o ZZ Top saiu com um segundo álbum mais trabalhado, onde se destacavam faixas como "Just Got Paid" e "Bar-b-q", além do single retirado do disco, "Francine" (com a faixa cantada em inglês de um lado e em castelhano do outro). Foi o seu primeiro compacto a galgar a parada da *Billboard* (69º lugar) e – junto com as apresentações que fizeram no mesmo ano abrindo os shows da excursão americana dos Rolling Stones – introduziu a banda para um público bem maior do que tinham antes.

TRES HOMBRES (73)

Foi o trabalho que projetou definitivamente o grupo, tornando-se o primeiro da série de discos de ouro que obtiveram com todos os álbuns posteriores. Atingindo um alto grau de refinamento na mescla de boogie, hard rock e blues que praticava, o ZZ Top registrou aqui canções antológicas: o famigerado hit "La Grange", "Jesus Just Left Chicago" e a balada-blues "Hot, Blues And Righteous". Enquanto o álbum chegava ao *Top 10* da parada americana, o trio prosseguia na estrada.

FANDANGO ! (75)

Com um lado gravado ao vivo e outro de estúdio, esse disco trouxe o trio para as grandes arenas como *headliner*, impulsionado pelo sucesso do single "Tush". Foi o primeiro álbum da banda a figurar na parada britânica e o carro-chefe da *ZZ Top's Worldwide Texas Tour* (76), a primeira mega-excursão mundial do grupo. Além das 75 toneladas de equipamento, a caravana contava com um palco no formato do estado do Texas, onde o trio tocava em meio a cáctus, algumas cabeças de gado, um búfalo e cobras vivas.

TEJAS (76)

Depois da turnê-monstro, o grupo voltou ao estúdio no fim do ano, para gravar um álbum onde, desde o título, eles reafirmavam a tradição musical de sua terra natal, levada ao sabor do boogie característico do ZZ Top. De *Tejas* saíram mais dois hits: "It's Only Love" e "Arrested For Driving While Blind". Quando a excursão de lançamento do disco terminou, o trio – exausto, mas com os bolsos cheios – retirou-se do cenário musical, para férias de dois anos.

DEGUELLO (79)

De volta à ativa, Billy Gibbons e o baixista Dusty Hill já ostentavam as longas barbas que caracterizariam a imagem do grupo nos anos seguintes. Contratados pela Warner, eles retornaram com um disco eclético, que rendeu dois sucessos menores: "I Thank You" e "Cheap Sunglasses", e a versão para "(I Believe I'll) Dust My Broom", de Robert Johnson. Uma novidade foi Billy e Dusty tocando saxofones, sob a alcunha de The Wolf Horns Section.

EL LOCO (81)

Espécie de continuação de *Deguello*, este álbum não trouxe novidades maiores ao boogie do grupo, mas provou que eles ainda mantinham o pique de seus discos anteriores. O hit "Leila", "Tube Snake Boogie" e "Groove Little Hippie Pad" mostram um ZZ Top mais melodioso, mas que não abdica de seu ataque sonoro. Na foto da capa, o trio aparece flagrado por um agente da lei no meio do deserto, com alguns sacos de uma erva um tanto suspeita.

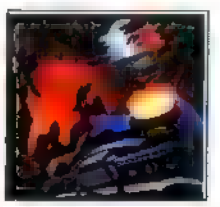
ELIMINATOR (83)

Disco que marcou o início da segunda fase do grupo, com Billy Gibbons também pilotando sintetizadores. Os velhos fãs torceram o nariz, mas o trio atingiu picos de popularidade (sete milhões de cópias vendidas nos EUA). Canções como "Gimme All Your Lovin'", "Sharp Dressed Man" e "Legs", impulsionadas pelos clips dirigidos por Tim Newman – repletos de belas garotas e carrões, marcas registradas do ZZ Top –, tornaram-se hits e (re)lançaram o grupo para a geração MTV.

AFTERBURNER (85)

Nos mesmos moldes de *Eliminator*, *Afterburner* seguiu a trilha de sucesso, atingindo o quarto lugar nos EUA (três milhões de cópias) e o segundo na Inglaterra. Gravado poucos meses depois de Dusty ter alvejado seu próprio estômago com um tiro acidental, o disco foi o ponto de partida para outra turnê-monstro e mais uma batelada de hits.

RECYCLER (90)



Após um hiato de cinco anos sem gravar (e mais de três fora dos palcos), o ZZ Top voltou a entrar num estúdio. O single "Doubleback", que antecedeu o lançamento do disco, foi usado em *De Volta Para O Futuro 3* (onde o trio fez uma ponta). Houve um retorno às raízes de hard rock e blues do início de sua carreira, em canções como "Give It Up" e "My Head's In Mississippi".

coletâneas

THE BEST OF ZZ TOP (77)

Último disco lançado pelo selo London. Reuniu dez faixas dos quatro primeiros álbuns do grupo. Um bom resumo da primeira fase do ZZ Top, marcada pela interação guitarra/baixo/bateria que assinalou esse período do trio.

GREATEST HITS (92)

Compilação de quatorze sucessos do grupo, centrada em músicas dos anos 80 e contando com duas faixas inéditas – "Gun Love" e uma versão para "Viva Las Vegas", além de uma regravação de "Legs" e a inclusão do single "Doubleback". Nos formatos CD/cassete inclui: "I'm Bad, I'm Nationwide", "Cheap Sunglasses" e "Pearl Necklace".

CDs

Os dez álbuns e as duas coletâneas do ZZ Top já contam com suas respectivas versões em CD nos EUA, Japão e Europa. Além disso, no fim de 87 surgiu uma edição especial chamada **ZZ TOP'S SIXPACK**, que reuniu os seis primeiros álbuns do grupo em três CDs. No Brasil, foram lançados em som digital apenas os álbuns **ELIMINATOR**, **AFTERBURNER**, **RECYCLER** e a compilação **GREATEST HITS**.

discos piratas

Entre os *bootlegs* disponíveis do ZZ Top, destacam-se dois de origem alemã: **JESUS LEFT CHICAGO** (FB) e **TOP GUNS** (TCC). *C.P.*

SEXO À INGLESA

Eles tocavam música acústica, são fãs de Frank Sinatra e vão cravar com o Faith No More. Quem são? O Right Said Fred, ora...

Sexy é a palavra-chave. Ano passado que ela invadiu as televisões e toca-discos de nações inteiras pela boca de Richard Fairbrass. Com suas carecas brilhantes — Rob é o único do trio que tem cabelo —, a voz profunda de Richard e suas roupas glamourosas (calças de couro, muita transparência, várias partes da anatomia apertadas dentro de um collant), o Right Said Fred, vindo do nada, conseguiu escandalizar e deliciar milhões de pessoas. Essas pessoas, por sua vez, tornaram o single "I'm Too Sexy" o mais vendido de 91, depois daquela baladinha execrável de Bryan Adams.

"Espera aí! Vindos do nada não!", o grupo protesta em uníssono. Rob, 32 anos, está jogado no carpete felpudo do quarto no Conrad Hilton, fumando uma cigarrilha, cujas cinzas ele espalha pelo quarto todo. Fred, o mais jovem aos 28, se faz de bem-comportado, mas é o que mais fala. Richard, 31, sentado no chão de jeans reveladoramente rasgados, é a voz, os lábios, os quadris, os músculos... a estrela do grupo. Com uma cerveja Carlsberg na mão, óleo de eucalipto na outra (gripe!), ele jura que não está cansado de falar do "passado negro", mas logo passa a palavra ao irmão.

"Faz dez anos que estamos tocando no circuito londrino. Eu e o Richard formamos o RSF em 88 (o nome veio de um hit do mesmo nome, de Bernard Cribbins, em 62). Mas já no final de 89 estávamos de saco cheio. Queríamos fazer algo diferente: dance music." Para quem quer saber que tipo de música o duo fazia, Fred a define simplesmente como "porcaria! Aquela coisa acústica, nada experimental". À procura de mais um membro, acabaram encontrando Rob, um músico de estúdio que já havia tocado até com o ZZ Top numa turnê americana. Depois de três ou quatro meses, surgiu a música que marcava o renascimento do RSF. " 'I'm Too Sexy' foi a primeira, você acredita?", diz Fred — ele mesmo espantado.

Não há ninguém nas paradas que se pareça com o RSF. "Deve ser a combinação subconsciente de nós três", Rob oferece como explicação alcoolizada. "Não somos músicos típicos", esclarece Richard. "Sabe, aquele tipo que você encontra todos os dias nos estúdios de ensaio. Sempre achei que tinha algum problema, porque nunca consegui me dar com essa gente: conversar sobre amplificadores, solos de guitarra e o que você achou do show de ontem à noite?" Para gente como Richard, a dance music veio como uma bênção:

agora, é só querer para fazer. Fred concorda: "A dance music é a coisa mais progressiva atualmente. O rock está tão estagnado: as pessoas até acham que o Guns N'Roses faz algo de novo!" A guerra rock versus pop esquenta os ânimos: Richard, exaltado, se levanta... "O Axl Rose se acha rebelde! Mas a dance music é muito mais rebelde: sexualmente é muito mais ambivalente. O rock ainda insiste naquela coisa de 'eu sou um homem, tenho um pênis, você é uma mulher e deve ficar grata!' Os Guns N'Roses... até as coisas que eles aprontam em quartos de hotel são anos 70." Mas, segundo Fred, eles às vezes acertam na bola: " 'Sweet Child O'Mine' é um ótimo single pop, é por isso que os discos da banda vendem. E quando eles não conseguem escrever nada pop... gravam uma cover!" (risos).

Além de "I'm Too Sexy", o RSF já criou outras pérolas pop: "Don't Talk Just Kiss", "Deeply Dippy" e a mais nova, um single duplo com "Those Simple Things"/"Daydream"— esta última, cover do grupo pop dos anos 60, Lovin' Spoonful. Os três são, comprovadamente, grandes compositores do seu amado gênero. "O engraçado é que fizemos tudo ao contrário", ri Fred. "Geralmente uma banda assina um contrato, grava um disco e lança um single. Nós começamos pelo single, sem ter contrato nem música. Aí foi tudo tão repentino. E precisávamos de um outro hit: sentamos e escrevemos 'Don't Talk...'. Tenho o maior orgulho dessa música, porque ela foi composta usando-se uma fórmula." Descaradamente pop, o trio acredita pertencer à grande tradição musical britânica: os nomes mais citados pelo grupo são os Kinks — Fred: " 'Deeply Dippy' poderia ter sido escrita pelo Ray Davies" —, Small Faces e, obviamente, os Pet Shop Boys. "Eu os adoro", confessa Richard. "Há uma tristeza linda no que eles fazem, que faz o ouvido refletir. É uma coisa tão inglesa." E de que outro país poderia ter saído o RSF? "É verdade ... olha o Prince, por exemplo. Ele só canta sobre um assunto: sexo. Mas é o ato em si. E o que nós chamamos de *fuck-pop* (risos). Já nós escrevemos o flerte, a paquera, uma piscadinha aqui, uma cotovelãdinha ali. Bem inglês, não?"

O álbum *Up*, apesar de oferecer uma variedade bem grande — "Quem estiver esperando só dance vai se decepcionar", avisa Fred —, é um verdadeiro banho de sexo, amor, alegria. Em nossa cultura, em que apenas dor e sofrimento são considerados dignos e valorizados, o RSF representa o hedonismo puro. O prazer sem más conseqüên-

"O Guns fez um ótimo single pop"

"Somos símbolos sexuais. Que piada!"

cias, uma atitude profunda e leve ao mesmo tempo, que lembra nada mais nada menos que o grande Cole Porter: "Essa história de só se conseguir coisas através da dor e da negação... são besteiras da religião, daquela coisa da crucificação. As mulheres, por exemplo, só há pouco tempo começaram a se sentir bem com o fato de curtirem sexo. É triste". E sexo é um dos assuntos prediletos de Richard Fairbrass: sendo declaradamente bissexual, como ele se sente chegando à lista das dez pessoas mais sexy do mundo na revista *Smash Hits* ? "Também estava na lista das menos sexy... gosto de cobrir todas as bases (risos). Acho que isso prova uma coisa: não importa se uma pessoa é homossexual, heterossexual ou bissexual!" Rob: "Não entendo a gente entrar sempre na *Smash Hits*, ser símbolos sexuais. Que piada!" Para Richard, é tudo sinal de que as novas gerações são muito mais abertas do que seus pais e avós... "E o que importa não é o que você diz, mas como diz. Não tenho nada contra grupos militantes, mas prefiro não fazer do sexo uma declaração política... isso é coisa de político profissional!" (risos)

Os Fred têm muitos fãs famosos, entre eles o Faith No More. Após ter visto Mike Patton declarar na MTV que o RSF era seu grupo britânico predileto — "Um homem de bom gosto e discernimento", declara Richard —, o trio resolveu convidar o grupo para um show em Los Angeles. "Dois deles vieram", conta Fred, "e depois da apresentação conversamos e chegamos à conclusão de que seria ótimo se fizéssemos um disco juntos." Essa inesperada colaboração deve acontecer ainda este ano. Segundo Richard, o FNM é simplesmente ". um dos maiores grupos de rock'n'roll a agraciar a face do planeta. Não há dúvidas"

Depois de quase um ano de sucesso — nos EUA, o RSF também explodiu —, os três voltam ao estúdio para o segundo álbum, prometido para março. Em seguida, a turnê mundial, que provará ao mundo que o RSF veio para ficar. "Vamos ter uma banda...vai ter groupies, Jack Daniel's, gente pulando da janela do hotel", diz Fred com ironia. "E obrigatório", brinca Richard, "faz parte do contrato." Quem sabe chegam ao Brasil, um país que os três adorariam conhecer. "Ouvi dizer que dance music faz o maior sucesso lá", diz Rob. "Mas tem que ter uma batida latina?" Isso eu deixo que ele descubra pessoalmente. Uma última pergunta, Richard: quem é sexy demais? "Ninguém", ele declara, erguendo a garrafa de cerveja. "Se fosse possível ser sexy demais, as pessoas implodiriam!"

ANAMARIA G DE LEMOS

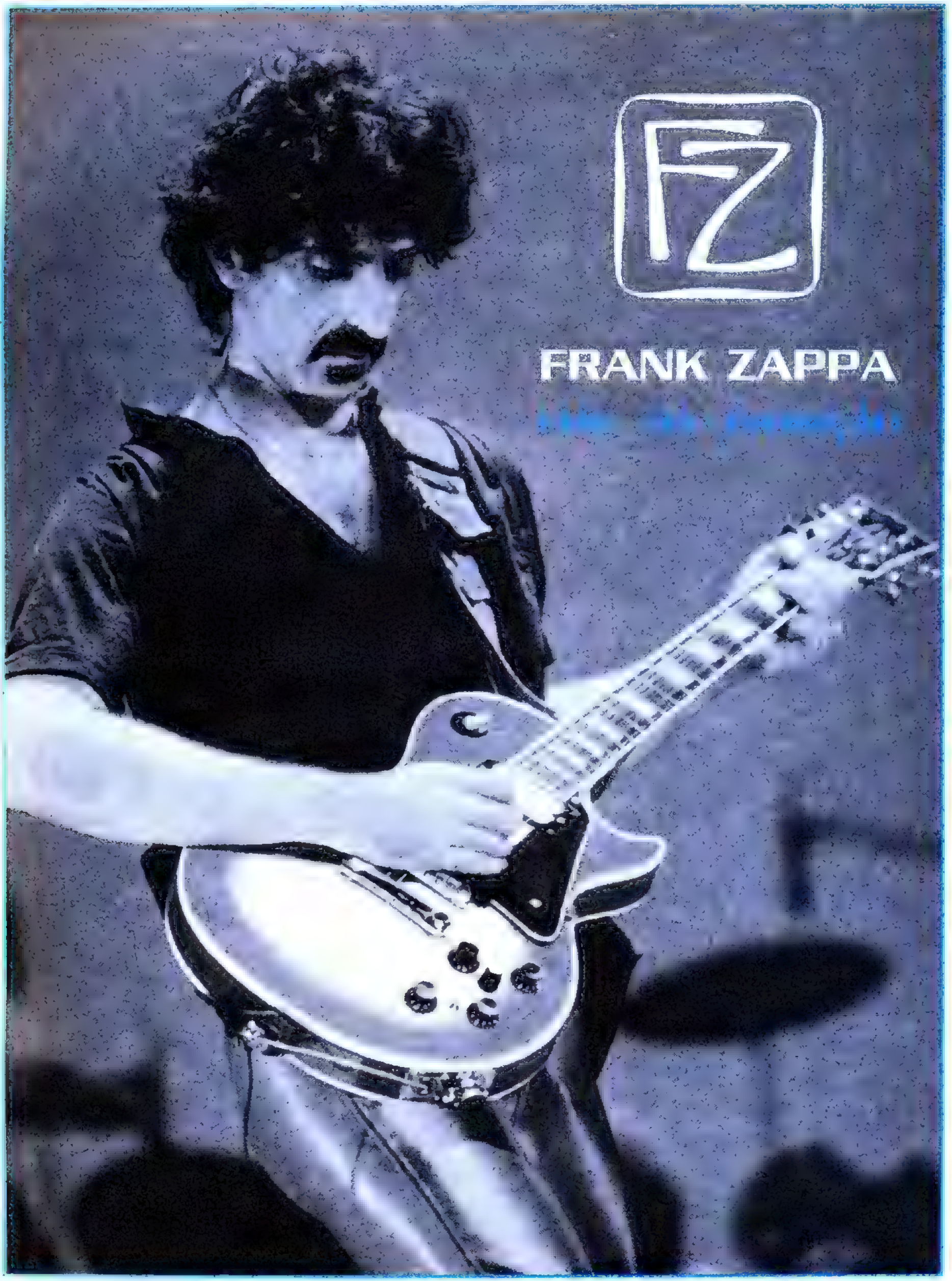


Foto: LFI

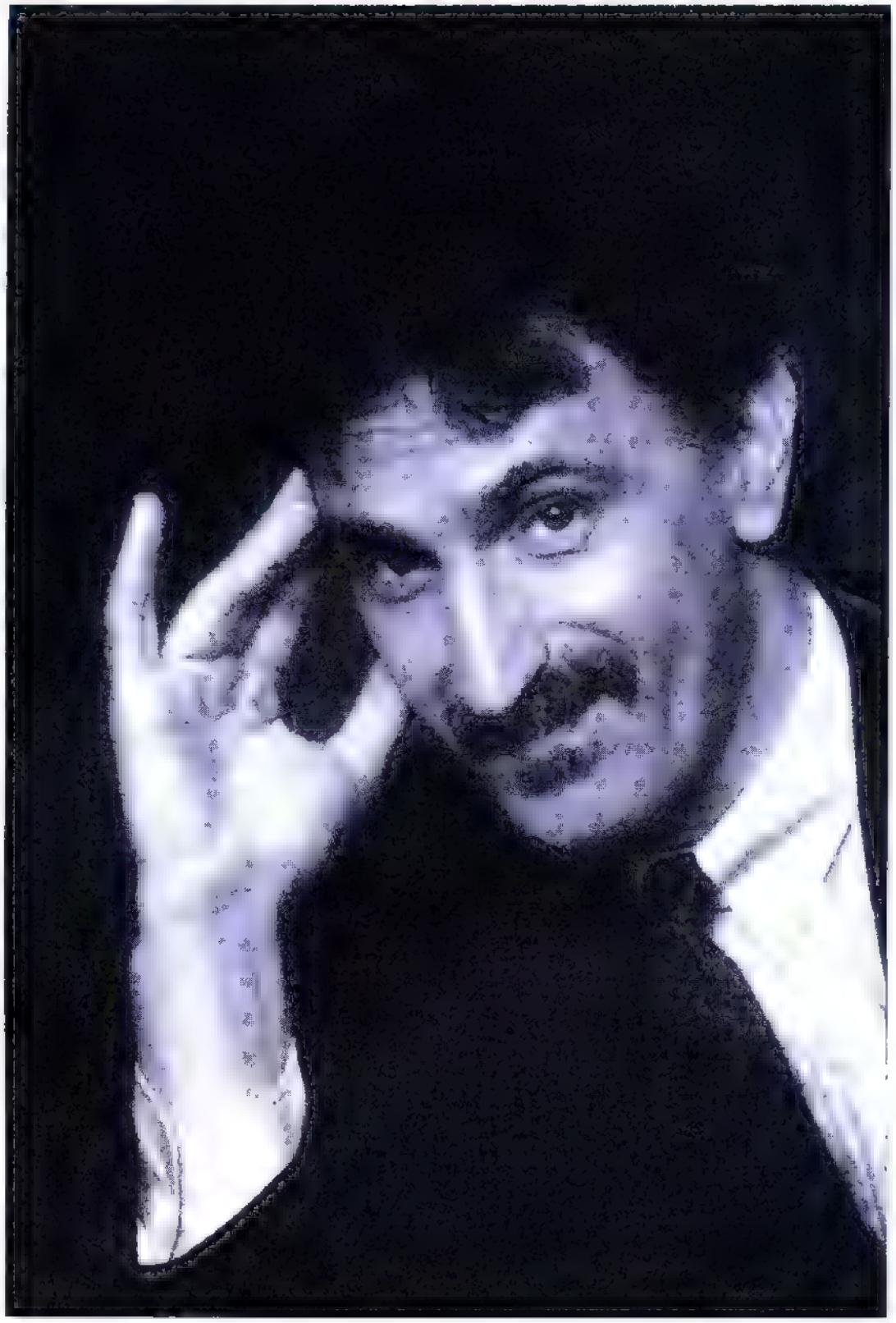
Fotos: EF

Pode não parecer, mas é fácil começar uma conversa sobre Frank Zappa. Basta dizer que, passados 26 anos do lançamento de seu disco de estréia, *Freak Out* — o primeiro álbum conceitual/duplo da história do rock —, tudo já se disse sobre a vida/obra desse mordaz crítico de tudo que cheira a ranço nas engrenagens de qualquer *establishment* social, político, musical...

De bufão a iconoclasta, de gênio a louco, com direito a atribuições stravinskianistas, boulezistas ou modernosas, para deleite das divagações de críticos que vão do simples diletantismo à máxima exegese. Tudo que vá da esculhambação ao endeusamento já foi atirado na direção desse que é, no mínimo, um dos mais discutidos personagens da música contemporânea.

São mais de cinqüenta discos, que traçam o perfil caótico de um universo rock, desde o rhythm'n'blues até a escrachada pseudo-ópera com andamentos hollywoodianos, sem contar a psicodelia em ritmo abstêmio, o jazz-rock e — é claro — muitos dos melhores parênteses guitarrísticos de que se tem notícia. Como se não bastasse, some-se a isso tudo o fato de que, por absoluta falta de papas na língua, Zappa é um dos maiores armazéns de aspas que o rock já conheceu. Para o prazer de uns e horror de outros.

O velho Zappa continua à margem. Não só nos EUA, onde é descaradamente boicotado por instituições (redes de lojas, estações de rádio, canais de TV...) que vêem em seu repertório uma potencial força inimiga. A ironia maior é que a legislação que possibilita o boicote a artistas não ligados a grandes corporações garante a integral liberdade de expressão àqueles que se auto-institucionalizam na praia dos independentes. Ou seja, podem boicotar Zappa em alguns canais, mas quem quizer vai encontrá-lo. Aqui no Brasil a coisa também sempre foi complicada. Gostar de Zappa aqui embaixo é, ainda hoje, coisa de aventureiros: as informações têm de ser garimpadas e, nas lojas, a discografia nacional é zero, nada.



É por causa desses fatores que o provável combustível da relação Zappa/fã é uma admiração tranqüila, armada no respeito, na sinceridade e no prazer...prazer esse que, segundo ele próprio, foi quase que eliminado com "o surgimento do *corporate rock* no meio da década de 70".

Foi esse prazer que levou-me à casa de Zappa, em Los Angeles — não, o endereço eu não dou — para esta entrevista. Foi a primeira vez que um jornalista brasileiro pisou neste "terreno sagrado" que é a casa dos Zappa, e este privilégio teve um sabor muito especial por se tratar de um personagem que tem muito a dizer, para um público carente das suas boas respostas.

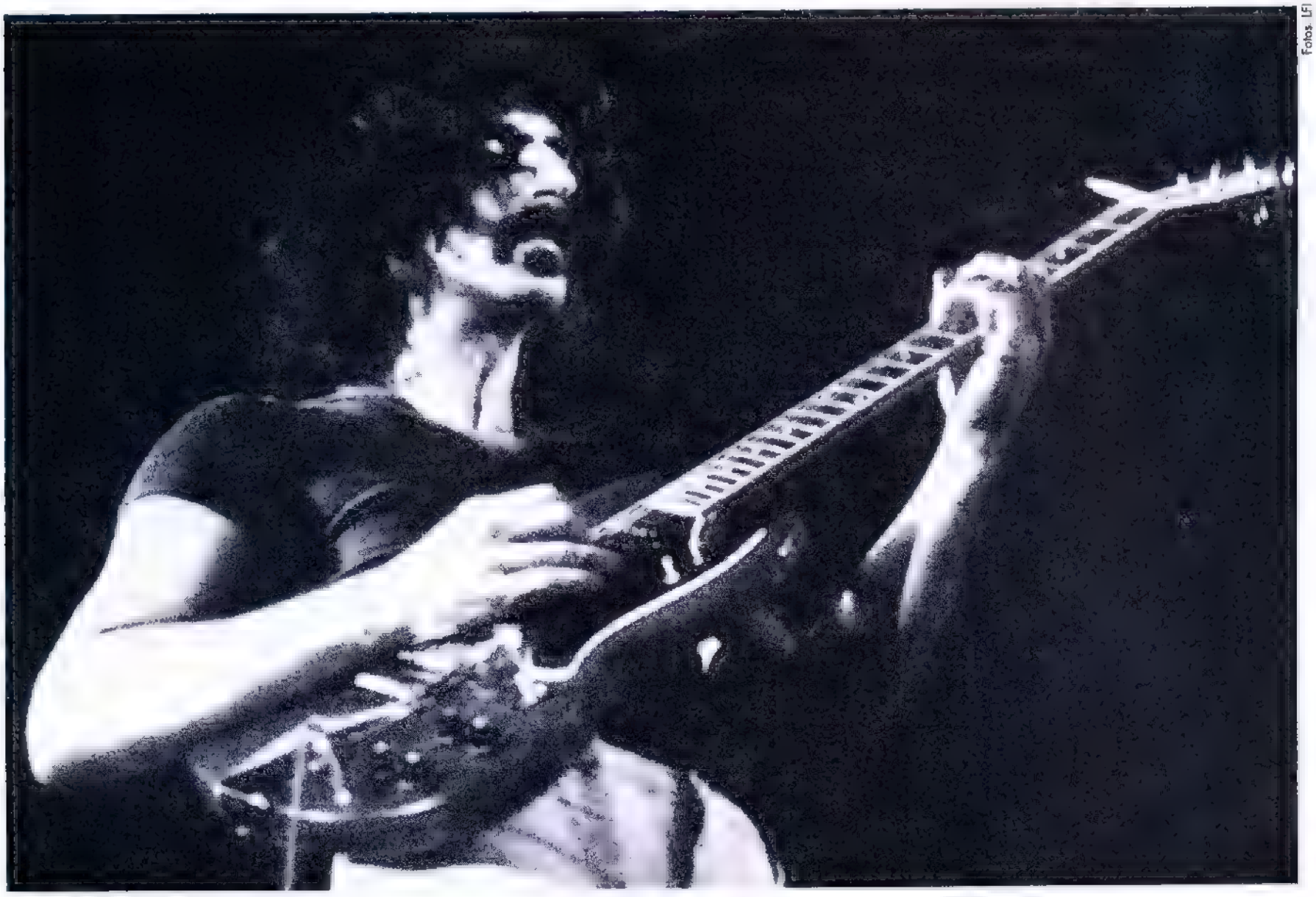
A espera no jardim não foi das piores, foram necessários só quinze minutos para perceber que a casa de Zappa não tem forma definida. É só uma grande sucessão de passagens, escadas em espiral, curvas e desvios encobertos por um jardim botânico.

"No meu tempo, o rock era interessante. Os próximos 25 anos vão ser só declínio"

Quando Mark Holdon, um dos secretários apareceu e disse "Frank está esperando", não tinha mais como voltar atrás. Ótimo.

Na sala aconchegante, a "memorabilia" zappeana dá coceiras, mesmo no fã mais avesso à gatunagem; discos de ouro na parede, bonecos narigudos de bigode, computadores e o próprio, em carne e osso, do alto de seus quase 1,90m soltando um "que bom que você veio, sente-se". O gravador já estava ligado.

Você sempre se ligou muito em política, e um de seus alvos principais foi o ex-presidente Ronald Reagan.



Fotos: LFI

Tudo que há de ruim agora nos EUA é culpa de Reagan. A política econômica desastrosa, todo o tipo de escândalo envolvendo a administração, foi tudo culpa dele, que era um idiota mas sabia fazer boas piadas. As pessoas ao seu redor eram diabólicas, fizeram seus amigos ricos e acabaram com qualquer possibilidade de futuro do cidadão médio americano. Reagan era um presidente imperialista, com a TV e o resto da mídia no bolso.

Você disse que está definitivamente abandonando os palcos. Não há esperança de vê-lo no Brasil, portanto?

Os músicos americanos têm o coração ligado no dinheiro, pouco se importam com a música, é só mais um emprego. Já recebi ofertas que você pode considerar mais que milionárias, coisa de milhões de dólares, mas não tenho mais vontade de montar uma banda e encarar certas coisas. Com relação ao Brasil, é pena eu nunca ter tido a chance de ir. Na verdade, nunca fui convidado para ir a nenhum lugar da América do Sul. Nem para o México, onde tenho um público bem grande.

Houve um rumor de sua candidatura à presidência dos EUA há pouco tempo. Mas, se eleito, teria que lidar com assuntos estranhos à pratica de um artista. O problema das drogas por exemplo...

Você tem duas opções: ou fica quieto e engole uma administração corrupta, ou faz alguma coisa. Algumas coisas têm que mudar, algumas mentalidades estúpidas têm de ser eliminadas. Com relação às drogas, acho que elas têm que ser controladas. Em alguns Estados — Kansas, por exemplo — o álcool só pode ser comprado em estabelecimentos controlados pelo governo. A única maneira de acabar com o lucro dos barões da droga é diminuir o preço, fazendo com que a circulação passe pelo olho do Estado. O punido aqui é sempre o usuário, e as nossas cadeias são as mais cheias dentre os países industrializados. Agora, o problema é que esses barões corrompem o governo e este desiste de qualquer tentativa de mudança na legislação. É sujo, eu sei, e é por isso que me preocupa.

"É uma pena eu nunca ter tido chance de tocar no Brasil. Na verdade, nunca fui convidado pra ir a nenhum lugar da América do Sul"

Não seria mais fácil, mais pertinente, você se voltar para algo ligado à cultura?

Não há um Ministério da Cultura aqui. E sabe por quê? Não há cultura. Há duas palavras que você não pode usar aqui. São sete as proibidas no rádio: "shit", "piss", "fuck"... Agora, duas delas, você não pode usar em lugar algum: "cultura" e "intelectual". Se você mencionar um apoio à dita cultura, a direita cai matando em cima de você. Já o intelectual aqui é o careca, o feio que nunca ganha chupada das mulheres. Eu posso dizer que sou um intelectual, mas o modelo padrão de intelectual que os EUA exige é o do coitado. É isso, ou a verdadeira América do grandalhão que se entope de cerveja.

Você sempre brigou muito contra a censura. Como anda a situação dos selos de advertên-

cia nos discos? Acha que um disco como *Broadway The Hardway* mereceria um desses, ou não?

É claro que sim, é muito mais ofensivo do que a grande maioria das coisas que são lançadas. Mas eles não podem fazer nada pois eu sou o dono do meu selo, do meu nariz. Eles só podem se recusar a ter os discos na loja, como a Block Buster, que é uma cadeia comandada por um desses falsos cristãos. O problema da censura aqui vai além disso tudo, as próprias pessoas se autocensuram, por puro medo de ir contra a maioria. Meu trabalho foi ocultado por muitas vezes, mas eu continuo insistindo.

Quantos discos de Frank Zappa estão disponíveis nas lojas? E por falar em discos, não há mais vinil aqui nos EUA. Você que sempre defendeu o CD, não acha que um pouco daquele prazer poético de manusear a capa, o encarte, se perdeu com isso?

Nos ultimos 26 anos gravei algo perto dos sessenta discos, não tenho muita certeza de quantos estão nas lojas. Se você é uma pessoa que compra o disco pela música, você tem que ficar com o CD. O som é indiscutivelmente melhor. Eu não faço libretos, faço discos pelo que há de música neles. Antigamente havia toda essa mágica de apreciar a capa, a coisa funcionava em harmonia, mas isso acabou.

"A única maneira de acabar com os lucros da droga é diminuir o preço, fazendo com que a circulação passe pelo olho do Estado"

Como vão as suas séries de piratas "oficiais" *Beat The Boots*?

Eu nunca ouvi esses discos, eles são selecionados por um especialista. Odeio os piratas e você deveria saber disso. A produção é uma merda. Gasto todo meu dinheiro na compra de equipamentos, a fim de fazer bons discos, com a qualidade cada vez melhor. E vem um pilantra com o seu gravadorzinho, grava o meu show, põe meu nome e ganha dinheiro. Fico puto.

Há alguns artistas que entraram nesse barco de lançar gravações piratas oficializadas...

Só que nenhum deles fez o que eu fiz. Ninguém pegou o pirateador pelo pescoço. Nenhum deles usou a gravação pirata, com a capa do pirata, e com o preço mais baixo.

Zappa e "amigas", em 75, durante uma festa-homenagem ao artista

É só mais um disco oficial embalado no oportunismo.

Eu tenho um ótimo pirata de um show seu que vi em Londres, em 84... (*Nota: antes que eu termine, Zappa se lembra dessa única data inglesa daquele ano, quando deu dois shows na mesma noite*)... e me lembro que no meio da apresentação um cara saiu correndo do fundo do teatro gritando um monte de absurdos. Pude ver um brilho estranho nos seus olhos. Assustou?

Depois de passar um ano numa cadeira de rodas, o que você acha? Depois que aquele lunático me atacou no Rainbow (*ver nota no final deste texto*), passei a andar acompanhado de um guarda-costas, o que não é a coisa mais agradável do mundo.

Alguma outra lembrança inglesa do tipo ?

A mais tipicamente inglesa foi a do Royal Albert Hall. Nós tínhamos esse concerto programado, com uma orquestra inglesa e a minha banda. E havia essa lei maluca, típica, que dizia que só poderia haver ensaios para shows ao vivo e não para gravações. O problema é que nós íamos gravar um disco ao vivo... A mulher responsável pelo teatro dizia que para a coisa funcionar eu deveria pagar a mais pelo ensaio. E ainda por cima, me aparece um trompetista da orquestra dizendo que desistia, pois a certa altura ele tinha que gritar "pênis", e isso era ofensivo. Conclusão: com os ingressos esgotados, o público chegando, a banda e o resto da orquestra esperando, a mulher fechou o teatro. Eu a processei por quebra de contrato e ela me processou por pornografia. Mais pornográficas foram as bobagens ditas na corte...

Há público mais difícil ou mais fácil para um artista com mais de 20 anos de estrada ?

Claro, o público é todo diferente. O pior lugar do mundo para se tocar é aqui em Los Angeles. O público tem aquela mentalidade Guns N' Roses, pouco liga para a música... só quer pular. O melhor lugar aqui nos EUA é Nova York. Na Europa sou sempre bem recebido. Alemanha, França, às vêzes Itália...

Esse "às vêzes" tem a ver com o episódio de Palermo, imortalizado no vol. 3 da série de discos ao vivo You *Can't Do That*...? O que aconteceu afinal ?

Até hoje não sei muito bem o que aconteceu por lá. Estávamos tocando no Stadio Comunale, que pertence à Máfia. Boa parte da segurança também pertencia à Mafia, só que havia também gente da polícia e do exército. E é desnecessário dizer que não havia nenhum tipo de relação amistosa entre eles. De repente, vejo um soldado ajoelhado na frente do palco disparando uma bomba de gás lacrimogênio contra o público. Aí começou a confusão. Cada um por si, um atirando no outro, pois estavam todos muito bem armados. Ninguém se entendia e nós não podíamos parar de tocar, pois a coisa poderia ficar bem pior. Ficamos presos dentro do estádio por horas. A capa de The *Man From Utopia* com a inscrição "vaffanculo" é uma homenagem àquela turnê, que ainda por cima coincidiu com a vitória da Itália na Copa do Mundo.

Como vai indo seu filho Dweezil ?

Ele está se dando bem, só não quero que ele passe 25 anos na estrada como eu. No meu tempo, o rock era interessante. Os próximos 25 vão ser só declínio. Aliás, esse declínio já começou há um certo tempo. É só *business*. Tudo isso começou por volta de 75, quando o "fabricante" descobriu que o rock era a ferramenta ideal para vender seu produto. Daí a um acordo com as gravadoras foi um passo... e o rock começou a vender cerveja e tênis.

Você poderia escolher um disco seu de cada década ? Algo que sintetize seu trabalho para cada um desses períodos ?

Freak Out foi um grande álbum para os anos 60 e se mostra cada vez mais atual. A idéia dele era dar uma visão diferente da cultura americana. Se você o ouve hoje, vê que pouca coisa mudou. A década de 70 foi boa para mim, fiz bons discos como *Joe's Garage* . Para os anos 80, sem dúvida fico com *Thing Fish* , o disco mais estranho de minha carreira.

Como você analisa a crítica especializada de hoje ?

Hoje as coisas estão um pouco melhor. Nos anos 70 todo o sistema jornalístico era corrupto, você podia comprar o pessoal com drogas, férias ao sol ou coisas do tipo. Hoje parece haver uma geração mais preparada.

Gostaria que você escolhesse algum grande guitarrista do rock.

Para mim, o guitarrista que trouxe as maiores contribuições ao rock, que está melhor hoje do que antes, é Jeff Beck.

Você se importa com o fato de quase nunca ser mencionado nas listas dos melhores da guitarra ?

Porque eu deveria estar presente ? Não acho que eu tenha trazido alguma contribuicão, não ao rock. No rock o que importa é a sua rapidez. E eu não gosto de competições, não tenho idade para esse tipo de preocupação. Eu conheço muito bem as minhas limitações.

FÁBIO MASSARI

ZAPPING

Nasce um astro

A primeira banda "séria" de Frank Zappa foi The Blackouts, criada por ele e o colega de escola Don Van Vliet em 56. Don Van Vliet posteriormente assumiu o pseudônimo Captain Beefheart e seguiu sua carreira com a banda Magic Band (da qual fez parte o guitarrista Ry Cooder, em início de carreira). Apesar das brigas, em diversas ocasiões Beefheart e Zappa voltaram a tocar juntos.

Em Cucamonga

As primeiras gravações de Zappa datam de 60, quando ele fez a trilha sonora de um filme B, *The World's Greatest Sinner*. Com o dinheiro recebido pela trilha sonora de outro filme B, *Run Home Slow*, Zappa montou seu próprio estúdio, Studio Z, em Cucamonga (Califórnia).

Jailhouse Rock

Em 64, Zappa foi condenado a dez dias de prisão em San Bernardino (Califórnia), acusado de produzir e comercializar fitas pornográficas. A mulher envolvida nas gravações foi liberada sob fiança paga com o dinheiro que Zappa havia recebido pela canção "Memories Of El Monte", gravada pelo grupo de doo wop Penguins, em 62.

As Mães

A banda Mother Of Invention foi montada em 64. Inicialmente chamou-se The Muthers e depois The Mothers. O acréscimo "Of Invention" surgiu por pressão da gravadora Verve. A banda foi dissolvida em 78.

Fãs, namorados e bons amigos

Em 71, durante um show no Rainbow (Londres), Zappa foi atacado pelo namorado ciumento de uma fã ardorosa. Fraturou o crânio, quebrou uma perna e o tornozelo. Ficou nove meses de cadeira de rodas. A respeito desse show, Lou Reed declarou: "Eu me diverti naquele show no Rainbow... Fiquei pensando 'Frank Zappa, caindo no fosso de cinco metros...'. Odeio Frank Zappa e fiquei muito feliz de pensar naquilo".

Anti-disco

O nome do disco *Sheik Yerbouti*, de 79, é uma piada com o nome da canção "Shake Your Booty" ("sacuda seu corpo", expressão funk para "dançar"), do KC & The Sunshine Band. A faixa "Dancing Fool" (Idiota Dançarino), um ataque à *disco*, alcançou o 45º lugar na parada da Billboard. *Sheik Yerbouti* alcançou o 22º lugar na lista dos mais vendidos.

Sucesso 1

Apostrophe (') foi o disco que se deu melhor na parada norte-americana: chegou ao 10º lugar em julho de 74. Tem a participação de Jack Bruce, ex-baixista do Cream, e rendeu um disco de ouro para Zappa.

Sucesso 2

A canção de Zappa que conseguiu melhor posição nas listas da *Billboard* foi "Valley Girl", que em setembro de 82 chegou ao 32º lugar entre as mais tocadas nos EUA. A música tem participação de Moon Unit, filha de Zappa, e é uma sátira a respeito da futilidade das adolescentes ricas de San Fernando Valley, na Califórnia.

Sucesso 3

Com a excessão das coletâneas e discos ao vivo, *Good Singin' Good Playing* (76) é o maior fracasso em vinil da banda Grand Funk Railroad: a melhor posição que alcançou na lista da *Billboard* foi o 52º lugar, em agosto de 76. Foi produzido por Zappa.

Macacos favoritos

Em 68, Zappa participou do filme *Head*, um longa-metragem estrelado pelos Monkees. Na época, Zappa chegou a declarar que considerava os Monkees a melhor banda de San Francisco, para horror dos fãs de Jefferson Airplane e Grateful Dead. "Pelo menos eles são bem-produzidos".

Zappa gângster

Zappa também fez o papel de vilão na série Miami Vice, como um poderoso gângster latino, traficante de drogas. Um dos protagonistas da série, Don Johnson, foi guitarrista de Zappa.

Ranxerox

A capa do disco *The Man From Utopia* (83) traz um desenho do italiano Tanino Liberatore, o mesmo da história em quadrinhos *Ranxerox*.

Amigo do rei

Em 90, Zappa foi indicado pelo presidente da Checoslováquia, Vaclav Havel, para um cargo de assessor cultural. Ainda que o convite não tenha dado em nada, o artista norte-americano visitou Havel na Checoslováquia e declarou: "Aqui é o lugar onde existe a relação mais próxima entre política e cultura". Havel é fã antigo do compositor e chegou a integrar um grupo underground chamado Plastic People Of The Universe, cujo nome é inspirado em uma música de Zappa.

A sabedoria de Zappa

"Os americanos são boa gente, mas são burros. Continuam elegendo mongolóides para dirigir o país."
"Viver é mudar, mudar é viver."
"Music is the best."

ZAPPA ESSENCIAL

FREAK OUT (66)

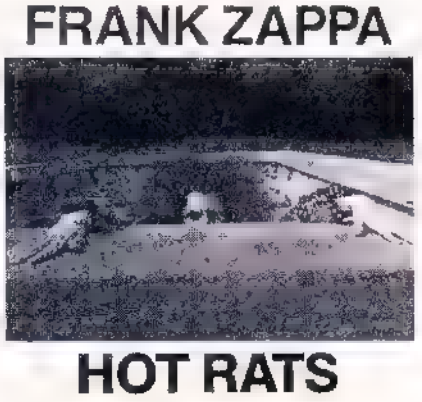
A estréia de Zappa no vinil vem em grande estilo. O disco, banhado no rhythm'n'blues, ataca ferozmente o racismo, o sistema educacional falho e a censura, entre outras coisas. Segundo Zappa, "esse disco prova que o rock não conseguiu mudar muita coisa".

ZAPPA IN NEW YORK (78)

A prova –desnecessária– da versatilidade de Zappa como músico e *band leader*. Tocando para sua platéia predileta, Zappa dá um banho de água gelada naqueles que acham que subir no palco é para qualquer um. Participação do público, virtuosismo, técnica e humor tornam esse registro histórico.

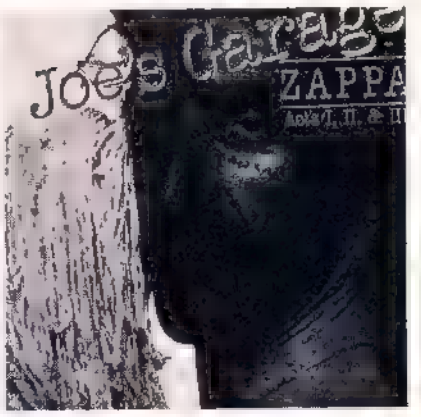
HOT RATS (69)

Primeiro sucesso de mercado de Zappa, o disco é um dos responsáveis pela associação de Zappa a um gênero musical que ele freqüentemente atacou: o jazz. A instrumental "Peaches In Regalia" é um dos hits zappeanos. O disco tem como convidados o violinista Jean Luc-Ponty e Captain Beefheart.



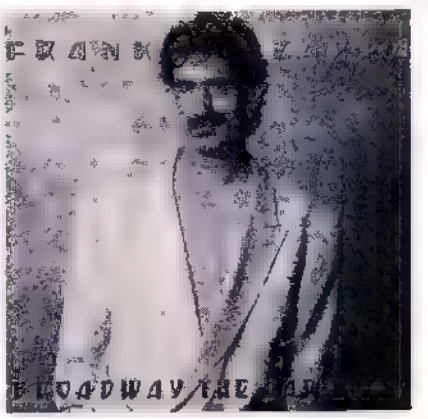
JOE'S GARAGE-ACTS I, II & III (79)

Um disco para aqueles que pensavam que a idéia de ópera-rock não poderia ser metamorfoseada em delírio-rock de caráter político anti-repressivo. Uma obra em três partes que defende a música, com o auxílio de alguns dos melhores solos de guitarra de todos os tempos. É mais ou menos isso.



WE'RE ONLY IN IT FOR THE MONEY (67)

Um verdadeiro esculacho na geração psicodélica. Da capa às letras contaminadas, Zappa desfila a sua ironia pelo rock psicodélico. "Essas bandas psicodélicas tocaram junto conosco", diz Zappa, "a diferença é que não precisávamos nos entupir de drogas para criar".



BROADWAY THE HARDWAY (88)

Se o povo americano tivesse ouvido direito esse disco, jamais teria eleito George Bush para presidente. O mais descararadamente engajado dos discos de Zappa, *Broadway The Hardway* é uma plataforma política que vaza bom humor e inteligência na hora de meter o dedo no nariz das instituições americanas.

ZOOT ALLURES (76)

Inicialmente um fracasso atépara os fãs, o disco se transformou em um dos prediletos do catálogo de Zappa. Uma banda impecável, com destaque para Terry Bozzio na bateria, desfila clássicos como "Black Napkins" e "The Torture Never Stops". Ironia e sacanagem em ritmo de blues anasalado.

BEAT THE BOOTS VOLS. I & II (91/92)

Para acabar com a pirataria, use a pirataria. Essa parece ter sido a idéia de Zappa, ao colocar à disposição nada menos do que quinze títulos piratas em caráter oficial. São oito na primeira série e sete na segunda, a grande maioria de gravações de shows, cobrindo quase toda a carreira.

É possível casar podreira e finesse? O Sonic Youth completa dez anos de vida, provando que sim

SUJEIRA SÔNICA

Na semana em que chegou às lojas dos EUA, em julho, *Dirty* — o segundo álbum do Sonic Youth a ser lançado por uma grande gravadora, a Geffen — ganhou da crítica uma recepção efusiva. Jonathan Gold, do *Los Angeles Times*, deu ao disco cotação máxima — quatro estrelas — e o considerou "pop... mas refinado". Do outro lado do país, Jon Pareles, do *New York Times*, decretou em tons mais intelectuais que no disco a banda se mostrava "tão irritada que pula as barreiras que a separam do mundo existente além (do rock alternativo) para gritar com ele".

Nada mau para quem estava sob a mira de patrulheiros enfezados com a associação do grupo nova-iorquino com um dos ícones da fonografia corporativa, a gravadora Geffen, e com a convocação do mesmo produtor e do mesmo engenheiro de som do Nirvana para a realização de *Dirty*.

Aliás, este, que é o disco mais acessível de toda a carreira da banda, passou raspando pela acusação de estar premeditadamente tentando reproduzir o sucesso da banda de Seattle. Afinal, essa foi a primeira vez em uma década de atividade que o Sonic Youth resolveu trabalhar com um produtor.

De repente, quando o Sonic Youth vendeu 220 mil cópias de *Goo* — seu primeiro disco no novo contrato —, passou de ponta-de-lança do rock independente a "traidor" potencial. Como se a vida fosse tão simples assim. Como se o sucesso fosse pecado. Por outro lado, será que o Sonic Youth mudou? A banda quer o sucesso amplo, geral e irrestrito? Ou para ela bastaria ser superstar no território já conquistado? Estaria o Sonic Youth — o patriarca do rock *indie* — com ciúme do sucesso de seu pupilo Nirvana?

Esses são alguns dos pontos que Lee Ranaldo, guitarrista e vocalista da banda, esclarece numa entrevista dada dois meses antes do lançamento de *Dirty*. Lee falou entre porções generosas de cervejas num intervalo da gravação do clip para o primeiro single do disco, "100%".

Por que o Sonic Youth contratou um produtor? E por que Butch Vig, especificamente?

Ele sempre teve nosso respeito. Parte disso se deve ao fato de que nos últimos oito ou dez anos ele trabalhou com muitas bandas que admiramos e respeitamos, como Laughing Hyenas e Killdozer. Quer dizer, já estávamos interessados nele. Depois vimos como a coisa havia funcionado com o Nirvana, que gostou muito de ter trabalhado com Butch. E, se havia dado certo com eles, daria certo conosco.

Nunca tínhamos achado alguém com quem parecesse possível trabalhar. Sempre nos interessa manter controle absoluto sobre tudo. A razão principal de se usar um produtor agora foi para que delegássemos parte do controle no estúdio a alguém de confiança, em vez de ficarmos correndo de um lado para o outro, tocando e depois indo para o aquário perguntando "que tal o som?" É muito melhor assim: podemos ser apenas músicos, de novo.

Ele não mudou nada na nossa forma de tra-

balhar. Todas as canções já estavam prontas antes de entrarmos no estúdio e, além disso, ele não é o tipo do produtor vaidoso, que fica querendo alterar as músicas dos outros.

A grande diferença é que dessa vez fizemos demos elaboradas das canções, num estúdio portátil de oito canais, durante os últimos quatro meses antes de gravar o disco. Isso nos ajudou, porque há certas músicas mais abstratas, que você inventa num ensaio, que se perderiam para sempre caso não tivessem sido gravadas antes. Se você se esquece do que fez na guitarra, é só escutar o que está no canal específico.

Tem sido problemático para o Sonic Youth, de alguma forma, funcionar dentro de uma grande gravadora?

Estamos muito satisfeitos com a Geffen. Tem sido um ótimo relacionamento porque sempre ficou claro, desde o comecinho, que nós iríamos trabalhar à nossa maneira, faríamos tudo do nosso jeito, e eles não teriam interferência nenhuma. Poderiam dar sugestões, mas basicamente tinham que nos aceitar do jeito que éramos. O que foi uma sorte. Não são muitas as bandas numa posição parecida com a nossa que conseguem um contrato desses.

Mas temos feito sucesso no nosso nível há tanto tempo que seria tolo da parte deles (da Geffen) querer nos transformar num sucesso Top 40 ou coisa assim. Por outro lado, grande ou pequena, uma gravadora não passa de uma gravadora: o serviço delas consiste em lançar discos e divulgá-los.

Antes de assinarmos (com a Geffen), conversamos durante oito meses com quatro outras companhias e, agora, vendo o que se passou com os outros (selos) que nos fizeram ofertas também, vemos que tomamos a decisão certa.

O sucesso monumental do Nirvana ajudou, de alguma maneira, a impulsionar o sucesso de outras bandas que saíram da cena independente?

Aconteceu com o Nirvana que ele era o grupo certo na hora certa. Era uma banda independente com todos os elementos necessários (ao sucesso) que o disco *(Nevermind)* teve: muitos ganchos, canções pop cantáveis, mas, ao mesmo tempo, era uma banda fiel a sua estética e ao espírito do punk rock. Ela foi contratada (por uma grande gravadora) num momento brilhante de sua carreira, depois de apenas um álbum — em comparação, fomos contratados depois de sete ou oito álbuns.

O outro fator é que em grande parte as gravadoras maiores estão muito velhas, muito blasé, muito classe média, muito chatas em termos do tipo de música que estão produzindo. Já não é sem tempo que elas comecem a lidar com o fenômeno underground. São essas as bandas que estão fazendo o rock music dos dias de hoje, e não gente como Phil Collins.

> "Não nos aborreceríamos se o público aumentasse, mas não estamos trabalhando com essa intenção"

O sucesso do Nirvana teve alguma outra influência sobre a carreira do Sonic Youth? Ele teria ajudado a ampliar o raio de ação da banda, o tamanho de seu público?

Acho que as coisas estão ficando mais fáceis para nós apenas pelo fato de que atingimos um certo tipo de status. Aqui na companhia todo mundo sabe que, de uma forma ou de outra, nós ajudamos a trazer o Nirvana para a Geffen. Mesmo que não vendamos um milhão de cópias de nossos discos, ajudamos a gravadora de outra maneira.

Cada banda tem seu modo de trabalhar. Nós viemos vindo bem devagar e estamos satisfeitos com esse ritmo. Nunca tivemos ânsia de estar numa grande gravadora nem de pular de um patamar de vendas de dez mil discos para cem mil discos. Não temos o menor desejo de ser uma banda de platina. Somos um pouco mais realistas em relação ao tamanho do público que podemos ter. Logicamente não nos aborreceríamos se o público aumentasse, mas não estamos trabalhando com essa intenção. É bom assim como está: conseguimos ficar fazendo música, e não um produto.

E a essa altura, depois de tanto tempo, estamos interessados em outras coisas. E tirar proveito de tudo que uma grande gravadora pode proporcionar, como melhor distribuição, faz parte disso. Para nós é como uma investigação.

Vocês já estão entraram em seus trinta anos. Você acha que o Sonic Youth ainda será relevante quando vocês estiverem com mais de 40?

Só veremos mais tarde. Não sei o que estaremos fazendo quando chegarmos lá. Enquanto for interessante, continuaremos. Todos do grupo têm interesses em outras atividades artísticas, além do rock. Talvez chegue o ponto em que iremos nos dedicar a elas.

Permanecemos relevantes até hoje porque mantivemos nosso interesse pela cena musical. Conhecemos muitas bandas diferentes pelo simples fato de que nossos gostos musicais são amplos o bastante para abranger, ao mesmo tempo, jovens bandas de rock e Sun Ra.

Obviamente o rock nos fala ao coração, mas nosso interesse é por todas as formas musicais. Nossa base é bem ampla, e parte do que nos mantém relevantes é que não conseguem nos rotular como banda de garagem, daquelas que só sabem fazer uma coisa na vida. O período no qual nos originamos — o final dos anos 70, começo dos 80 — foi a última vez em que houve uma verdadeira nova força musical. Estamos falando do rock, deixando o rap de lado por um instante. Houve, naquele tempo, punk, *no wave*, desconstrucionismo, new wave, Blondie, Talking Heads. Foi muita atividade em um curto espaço de tempo.

Não é exatamente a mesma coisa, mas agora está havendo uma efervescência parecida com o rock independente. As bandas estão começando a misturar um monte de coisas diferentes, estão aprendendo a juntar a parte punk com composição, coisas assim. O que aconteceu com o Nirvana é um negócio que veio crescendo, como neve que se acumula numa montanha e depois vira avalanche. Agora estamos num ponto em que toda a indústria fonográfica mudou, em questão de um ano.

No ano passado, levamos o Nirvana em turnê conosco pelos Estados Unidos e pela Europa. Fizemos um filme daquela turnê, que teve, ainda, Dinosaur Jr. e Babes In Toyland, e estamos prestes a lançá-lo com o título de *1991 — The Year Punk Broke*. O que estou tentando explicar é que, de um ano para cá, tudo mudou completamente: bandas com menos de três meses de existência hoje têm dez grandes gravadoras querendo contratá-las. *JOSÉ EMILIO RONDEAU*

BIG STAR

De brilho intenso, mas fugaz, o quarteto de Memphis deixou marcas na música pop

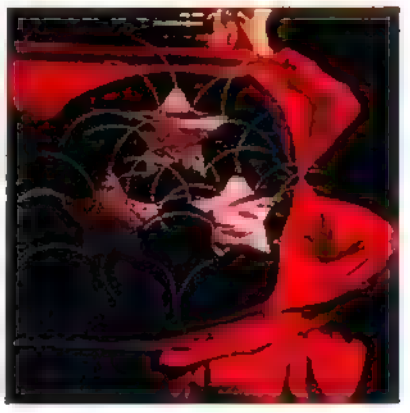
Tínhamos pressa em aposentar a feroz brigada punk, desaparecer com aquela gente feia e maltratada e todo aquele horror de roupas rasgadas, alfinetes e símbolos nazistas. Mesmo a new wave parecia suja demais para a empreitada de substituir o punk.

E como se caísse do céu, apareceu o power pop ! Maravilhosamente *clean*, gente bonita e bem-vestida, pencas de *catchy tunes* e melódicas canções pop. Fabuloso. Achávamos que Alex Chilton poderia ser o líder do movimento. Em 78, ele se tornara *cult*, seus shows em Nova York indicavam que o pop rock renasceria com toda força. Alheio ao nosso desejo, Chilton prosseguiu numa carreira confusa, anárquica, sem qualquer direção.

Sem líderes, o power pop acabou abortado. Foi o melhor dos movimentos musicais que *não* deram certo. Naquela época, Chilton sabotava seus próprios shows com exageros etílicos, mas o passado dele desculpava qualquer coisa: aos dezesseis anos integrava o grupo The Box Tops, a perfeita tradução do *blue eyed soul*. Guitarrista, vocalista e compositor, ele vivia em Memphis, onde respirava blues, soul e rhythm 'n' blues. Foram três anos (67/70) de sucesso, sob a direção dos mestres Chips Moman, Dan Penn e Spooner Oldham e hits perenes como "The Letter", "Soul Deep", "Neon Rainbow" e "Cry Like A Baby". Mas o melhor ainda estava por vir. Em 72 voltou a Memphis, depois de vagar por dois anos pelos EUA, para integrar um grupo formado por três amigos de infância, Chris Bell (guitarra/vocais), Jody Stephens (baixo) e Andy Hummel (bateria).

O projeto era de Bell, o nome escolhido, Big Star, não significava muito, mas a química funcionou. Num instante perceberam que tinham algo "quente" nas mãos. Bell e Chilton entraram numa disputa furiosa pela liderança da banda, as tensões se acirraram tanto que antes da edição do primeiro álbum *#1 Record*, Bell se demitiu. O disco tornou-se um clássico da música pop que ficou escondido por causa da péssima distribuição. A banda quase morreu, mas Chilton conseguiu reorganizá-la e editar um segundo álbum ainda melhor em 74, *Radio City*, que também não chegou aos pontos de venda. A imprensa desmanchava-se em elogios ao Big Star, que continuava desconhecido fora dos arredores de Memphis Sua gravadora Ardent e sua distribuidora Stax passavam por sérias dificuldades em 74, quanto *tapes* e acetatos do terceiro disco começaram a circular. A Ardent faliu, a Stax foi absorvida por uma grande companhia e esse álbum não foi editado. Chilton deu por encerrada a banda e foi para Nova York tocar em bares, iniciando uma estranha carreira solo. Em 78, Chris Bell retornava aos EUA, depois de passar anos mergulhando no circuito *folk* inglês Tentou reatar com Chilton, editou seu primeiro single solo — "I Am The Cosmos", mas veio a morrer no final desse mesmo ano, ao mesmo tempo em que os discos do Big Star começavam a ser reeditados, incluindo o lendário *The Third Album*. Finalmente, iríamos descobrir porque o Big Star era considerada pela nata da crítica, a mais inteligente, inovadora e criativa banda americana dos anos 70.

RENÉ FERRI



DISCOGRAFIA SELECIONADA

- *# 1 Record* (72, Ardent, EUA)
- *Radio City* (74, Ardent, EUA)
- *The Third Album* (78, Aura, EUA)

As datas e selos se referem aos lançamentos originais. *The Third Album* foi relançado posteriormente com o nome *Sister Lovers*.

JUSTACAUSA

ROCK'N'ROLL DE VERDADE

Os Black Crowes brasileiros? Podem até rotulá-los assim quando estiver chegando nas lojas seu primeiro LP (em fase de negociaçoes no fechamento desta revista). Isso para quem não sabe que o Justa Causa já vem, desde 86, desenvolvendo seu rock inspirado em The Who, T. Rex, Small Faces e Stones. O clip de "Baby Illusion" — uma das poucas músicas em inglês dos caras — que já rola faz um bom tempo na MTV, não chega a dar ideia do fator rocker da banda. Muito menos a maquiagem que usam aí na foto. "Foi para tapar os olhos roxos e as cicatrizes das brigas por causa de bebedeira e mulher dos outros", se salva Marco "Ratão", cantor do grupo. *C.E.M.*

AGITO BRASILIA

Ainda que um "surto" de música baiana tenha dominado a cidade no início do ano, a cena do rock'n'roll volta lentamente a tomar conta de Brasília. Além de grupos mais conhecidos como Dungeons, Vagabundo Sagrado e P.U.S., a cidade abriga estilos tão díspares quanto o thrash do Restless e do Flammea, o rockabilly do Little Quail & The Mad Birds, as guitarradas garageiras de Oz e Low Dream e o funk/samba/rock do Pravda.

Duas rádios possuem programas que veiculam sistematicamente bandas locais: Cidade (Cidade'n'Roll) e Cultura (Cult 22, Feira de Música e Sombrasília). Ainda sem receber o sinal da MTV, Brasília tem como único veículo para os clips da rapaziada o programa Canal Arte, da TV Nacional. Projetos como o "Made in Brasília" e "Feira de Musica" possibilitam a apresentação periódica das bandas, sem falar dos bares, pubs e boates que incluem shows em suas programações.

CARLOS MARCELO CARVALHO

ZINES

METAL BLOOD — O melhor do metal brasileiro e underground internacional. Acompanha uma fita cassete com demos das bandas comentadas na edição. Encomende para: Antônio M. De Novais, QNP 12-conj. P, setor sul, casa 2, CEP 72230, Brasília/DF.

SEPULTURA FOR ALL — Boletim do fã-clube oficial brasileiro da banda, com entrevistas exclusivas, bastidores e fotos inéditas do cotidiano de Max e sua gangue. Escreva para *Sepultura For All Official brazilian Fan Club*, Cx Postal 07914, CEP 01046, São Paulo/SP.

DYNAMITE

A galera do extinto Dynamo, casa noturna metálica que agitou SãoPaulo no ano passado, publica um misto de fanzine e revista muito legal chamado *Dynamite*, especializado em podreiras sônicas. Eles têm lá uma seção fixa de divulgação de fitas demo. Mande seu material para os caras: VISCERAL CM Ltda, Cx Postal 6229, CEP 01064, São Paulo/SP

PAUL Oakenfold STEVE Lee

DJs ingleses mostram serviço em São Paulo

OK, ok, você provavelmente nunca ouviu falar destes dois. Tudo bem, afinal quase ninguém em São Paulo — e Brasil — sabia quem eram estes dois DJs ingleses que sacudiram o Columbia em julho com o top em novidades de dance.

Oakenfold é um dos cinco maiores DJs da Inglaterra hoje. Ele foi um dos precursores em 88 da atitude "vale tudo" na discotecagem que pregava a mistura de pop dançante a rock a house radical a tudo (chamada *balearic beat* e seguida por DJs como Andy Weatherall e Terry Farley). Seus remixes para os Happy Mondays (como "W.F.L" e "Hallelujah") lançaram as bases do cruzmento do indie-rock inglês com dance seguido por Primal Scream, Blur e Charlatans. Ele produziu *Pills 'N' Thrills And Bellyaches*, o disco dos Happy Mondays considerado por muitos como um dos melhores de 90. Oakenfold também fez projetos como Electra além de remixar um batalhão (INXS, Cure, Massive Attack, Adeva, U2).

E nesse ponto Oakenfold não é nenhum Steve 'Silk' Hurley, que remixa qualquer coisa. Ele precisa gostar da música ou do grupo para fazer. Sua receita é simples: "Ouço o original em casa e vou anotando o que quero tirar e o que vou por no lugar. No dia seguinte entro no estúdio com a versão mais ou menos pronta na cabeça."

O método Hurley de remix-fórmula não bate com Oakenfold. "Prefiro mudar sempre de acordo com a música, não quero transformar tudo em variações de uma mesma fórmula. Mas há umas cinco do Hurley que realmente gosto."

Oakenfold trouxe com ele seu parceiro Steve Lee. Lee vem colaborando com Oakenfold nos remixes. Em 90 os dois fundaram o selo Perfecto. Juntando o trânsito da dupla no underground dance a um contrato de distribuição com a PolyGram, o Perfecto teve hits na Inglaterra com singles do DJ Carl Cox, Jimi Polo e, o maior de todos, Gary Clail ("Human Nature"). Seu mais novo lançamento é a compilação de tecno *Hardcore DJs Take Control*.

O revival dos anos 70 é visto com certo ceticismo pela dupla. "Não vejo como revival. Sempre tocamos boas músicas dos anos 70. Para nós elas não estão "voltando" agora, pois é como se nunca tivessem ido", diz Lee. E quais são as regras para ser um bom DJ? "A única regra é que não há regras, faça o que estiver afim."

O triste dessa passagem foi a festa em si, parte da turnê mundial de clubes da revista i-D. Oakenfold e Lee estavam impecáveis, costurando faixas numa sequência perfeita de grooves (com boa preferência pelo garage), mas o público era o clássico jeca-jardins metido que não dança. Azar deles.

Para os fãs de tecno: saiu na Inglaterra o album do **Altern 8**, *Full On: Mask Hysteria*, com todas as suas demências ("Activ8", "Infiltrate 202", "E-Vapor-8" etc.). **Jam & Spoon** (*Tales From A Danceographic Ocean EP*) e **Future Sound Of London** (o álbum *Accelerator*) são duas novidades de tecno que conseguem se sobressair da insuportável clichelândia onde caiu o genero.

Novo selo no mercado: **12" For DJ's**. O nome já diz tudo: exclusivamente 12' com remixes. O primeiro título é uma nova versão de "BR-3" — uma gema 70 de **Tony Tornado**. Os vocais são de **Tony Bizarro** e a produção e remix dos **Two Junkies** (os DJs Grego e Silvio Muller). Sugestão: uma versão garage para "Vale Tudo" — **Tim Maia** e **Sandra (de) Sá**

As gravadoras do ***KWS*** *e* ***Double You***, *Network e ZYX, foram para o pau na justiça em vários países sobre quem tinha os direitos sobre a idéia da cover de "Please Don't Go". A batalha nos tribunais pretende continuar já que os dois selos resolveram lançar versões de "Rock Your Baby", de* ***George MacCrae***. *A Network já encomendou a sua ao KWS.*

As primeiras mil cópias da edição nacional de The Madman's Return, *do* ***Snap!***, *não contem o alucinante épico "Rhythm Is A Dancer". A BMG-Ariola se tocou rapidinho e passou a incluir o hit, que até então só estava no CD (diferença que aliás continua existindo nas edições européias). Atenção, portanto!*

OUTROS IMPORTADOS **Inner City** lança um aclamado terceiro disco *Praise*. Os viajandões galácticos do **The Orb** lançam *U.F.Orb*. Os reis do tecno-ragga **Shut Up And Dance** soltam a compilação *Death Is Not End*

N.A.S P.I.S.T.A.S

PARADAS

Inglaterra Music Week 25/7
"Love U More" SUNSCREEM *Sony*
"Sing" VIVIENNE McKONE *Ffrr*
"Figure Of Eight" THE GRID *Virgin*
Midsummer Madness EP RHYTHM SECTION
Rhythm Section
Enter Your Fantasy EP JOEY NEGRO *Virgin*

EUA Billboard 1/8
"Pennies From Heaven" INNER CITY *Virgin*
"Jump!" THE MOVEMENT *Sunshine*
"Strobelite Honey" BLACK SHEEP *Mercury*
"It's A Fine Day" OPUS III *Atco*
"Money" CAMEO *Reprise*

"My Peace Of Heaven" ▲
TEN CITY (Atlantic)
A volta dos mestres, em plena forma. Se isso não for um hit, realmente não ha justiça nesse mundo. David Morales remixa e o garage corre a todo vapor.

"A Little Bit More"
KYM SIMS (Atco)
Esqueça o segundo single "Take My Advice", este é um sucessor digno do garage-pop excelente de "Too Blind To See It". Hurley está em casa.

"So Right" **K-KLASS**
(deConstruction)
Quase tão fulminante quanto "Rhythm Is A Mystery". Quase

"Hot Body"
JAMIE PRINCIPLE (Atlantic)
Mais Hurley Maurice E-Smoove de impacto garantido com empréstimo da guitarra de "Bad Girls"

"Let's Get Happy"
MASS ORDER (Columbia)
Basement Boys nos controles. Esses singles são tudo que garage deveria ser: muita voz, bons ganchos, melodia e pulsação nervosa

"Helpless" **URBANIZED feat. SILVANO** (Maxi)
Chris Isaak versão garage? E o que acontece nessa faixa matadora

"Pennies From Heaven"
INNER CITY (Ten) / "Runaway"
DEEE-LITE (Elektra)
O Inner City volta com um gospel-house poderoso. O Deee-Lite passa raspando mas não deixa de agradar

CAMILO ROCHA

AO VIVO

IRON MAIDEN
Parque Antártica (SP)

O hard rock do Thunder mal serviu para esquentar os ossos na noite de garoa. O som deles não faz jus ao nome. E um Europe um pouco mais pesado

O Maiden, como sempre, começa com "Be Quick Or Be Dead", quase um thrash, desperdiçado pelo som impotente. Os clássicos "The Number Of The Beast", o hard "From Here To Eternity" e o hit "Can I Play With Madness" detonariam o estádio do Palmeiras em condições normais. A bateria estava sem peso e, heresia maior, o baixo galopante de Steve Harris, quase inaudível. O som deu uma melhorada na balada "Wasting Love", que fez a platéia vibrar.

Em seguida, o grupo emenda "Afraid To Shoot Strangers", "Fear Of The Dark", colada com "Bring Your Daughter... To The Slaughter", "Clairvoyant" e "Heaven Can Wait" Fora "Bring Your Dauhgter..." — um hard rock que Dickinson compôs para a trilha de *Hora do Pesadelo 5* e comprovou sua vocação levanta-estádio — elas formaram um bloco um tanto pomposo demais, ainda que, sozinhas, sejam classe A.

"Run To The Hills" e "2 Minutes To Midninght" sacodem a galera. O primeiro ato termina com uma ótima versão de "Iron Maiden", com a tradicional ponta de Eddie, o monstrolão mascote da banda. Metal enxuto, quase punk, sem um solo a mais.

No bis, o Maiden volta com "Hallowed Be Thy Name", "The Trooper" e "Sanctuary", muito bem recebidas. Novo intervalo e eles se despedem com "Running Free". Dickinson rege a massa e vocifera contra a igreja e o governo do Chile, que conseguiram impedir os shows da donzela por lá, com o velho papo de satanismo

E injusto comparar este show com o do Rock In Rio. Os alardeados 116 decibeis ficaram na promessa (eu nem tive ressaca no dia seguinte). O cenario, então, não existiu, nem mesmo um paninho no fundo do palco. Dava para ver os prédios vizinhos. O jeito é torcer para que os empresarios cumpram a promessa de Dickinson, de voltar a São Paulo na próxima turnê

Dá para concluir que o povao vibra muito mais com os clássicos do que com as coisas melódicas dos ultimos discos. Tudo o que havia de melhor neste show ja existia no Rock In Rio. Janick Gers foi a boa surpresa. Pose de *guitar hero*, costas arqueadas, mudou todo o solo de Adrian Smith em "2 Minutes...". Tem muito mais atitude rock do que Smith e mostrou mais gás do que Harris e Dickinson juntos. Pode ser a garantia de mais uns anos de vida para a donzela. *JOAO RICARDO LIMA*

SEPULTURA

Campo De Lazer (BH)

Já passavam das três da matina, e toda a *entourage* do Sepultura (exceto Max) ainda estava a mil, esbaldando-se numa das mesas do bar do "Bolão". O lugar é o centro da boêmia de Santa Tereza, e os membros do grupo — que viviam no bairro até 89 — continuam sendo vistos por lá. "Os mennos são gente boa, fregueses antigos", garante Bolão, orgulhoso, detrás do balcão. O elogio não soa gratuito. Ladeado por um empoeirado troféu de futebol de salão, quatro garrafas de dry gin e algumas dúzias de vinho "Chapinha", um poster da banda ornamenta uma das paredes da casa — que, vale registrar, tem como prato principal um mexido de arroz, feijão inteiro, macarrão e "carnecheia" (lagarto recheado com cenoura ou bacon), chamado "Rochedão"! Um rango decididamente heavy-metal

Na noite seguinte, é difícil acreditar que os caras que estão inteirões lá no palco são os mesmos da esbórnia da madrugada anterior. Vitalidade é isso aí. Com "Arise", o som do Sepultura irrompe pelo P.A. aos borbotões. O impacto é inevitável. A direita da banda, e mesmo que um pouco afastado da turma do gargarejo, tenho a impressão que vou explodir a qualquer momento, tal a pressão que a pedaleira de Igor faz contra o torax.

Ao redor, as pessoas estão meio abobadas. Que fúria! Que devastação! E tome "Inner Self", "Meaningless Movements", "Mass Hypgnosis"... A medida que aquele escarceu vai sendo despachado com uma precisão absurda, me pergunto se esse e o mesmo Sepultura que vi tocar aqui, ano passado. O mais provável, imagino, e que a recente euro-tour o tenha substituído por implacáveis seres mutantes, meio máquinas, meio humanos. Ainda mais quando Max grunhe; a fisionomia deformada por um banho de luzes verdes. Ou quando Andreas varre a cera dos nossos ouvidos com um solo rotorooter

O show parecia encerrado com "Drug Me", cover dos Dead Kennedys que o Sepultura gravou para a coletânea *Virus 100* Em estado de choque, o público não sabe o que fazer. Ninguém bate palmas, grita, pula. Nada Só depois de uns cinco minutos é que os pedidos de bis começam. Generoso, o grupo rebateu o massacre com quatro musicas: "Orgasmatron" (que Max dedicou a "Camaleão", um velho amigo morto num acidente), "Dead Embryonic Cells", a sabática "Electric Funeral" e "Polícia", dos Titãs, numa levada apocalipticore

ARTHUR G. COUTO DUARTE

CURE

Long Beach Arena (LA)

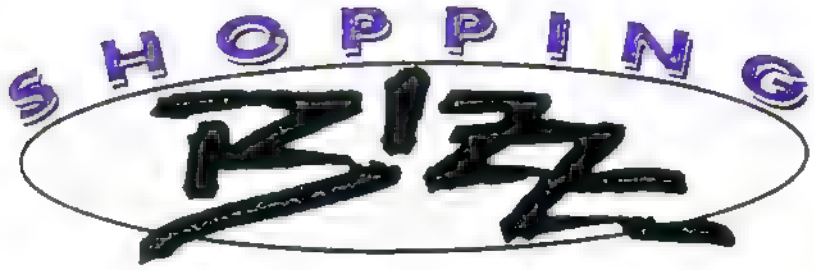
Todos os músicos já estão no palco, mantendo o groove hipnótico de "Open" — a faixa do álbum *Wish* que abre os shows da atual turnê do Cure. Debaixo de uma espessa nuvem de fumaça, sob um cenário de pano construído para ser eternamente esvoaçante, Robert Smith surge das entranhas do Long Beach Arena e caminha lentamente em direção a seus companheiros de banda. Os passos premeditadamente desajeitados, e a maneira como ele mexe, com medido acanhamento, no cabelo cuidadosamente desleixado lembram uma versão mais dócil ainda, talvez anestesiada, do Urso do Cabelo Duro, aquele antigo personagem dos desenhos animados. Mas para os fãs que lotam o ginásio — quase todos, meninos e meninas, com raras e bravas exceções, vestidos como Bob em alguma determinada fase de sua carreira, base cosmética dando aos rostos um aspecto cadavérico, batom carmin exagerado adicionando um toque cômico — não há nada de remotamente engraçado na visão

Smith é saudado com o mesmo entusiasmo absoluto e a mesma veneração apaixonada com que os Beatles eram recebidos nos anos 60, ou o U2, mais recentemente Pelo menos no Sul da Califórnia — um estranho e imprevisível cadinho de predileções e idiossincrasias, uma região solar que elegeu como ídolos bandas fortemente griladonas e predominantemente sombrias como o Cure e o Depeche Mode — o Cure impera, e Bob Smith é Deus.

Muito da popularidade do Cure agora deve-se ao dote atraente de *pop songs* incluídas em *Wish*, realçado por clips que sublinham a veia histriônica da banda sempre presente, mas muito subestimada (ou mal explorada). E a banda tira proveito do novo repertório — "High", o sucessaço (pelos menos por essas plagas) "Friday I'm In Love", sem renegar o passado. Entra de tudo nas duas horas e meia de show, de velhos hits ("Boys Don't Cry", "The Walk", "Close To Me") a material mais recente ("Why Can't I Be You", "Never Enough"). E nunca chega a ser um poço de lamentações como a qualidade sombria de algumas canções ou a persona artística mais óbvia da banda possam prometer. Superlonge disso, é um show alegre (?!?), animado (?!?) e altamente dançavel Tanto que a garotada se esbalda, imitando os trejeitos de Bob, de bracinhos para cima, enquanto entoam em uníssono os gritinhos marca registrada do rotundo ídolo

Talvez a parte verdadeiramente dark do show tenha cabido aos Cranes — a banda de apoio que abriu o show com um set tão sisudo que lembrou o Cure do início de carreira

JOSE EMILIO RONDEAU


SHOPPING
BIZZ

DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS • DISCOS • INSTRUMENTOS • ACESSÓRIOS

PAI DO ROCK
INSTRUMENTOS MUSICAIS • NACIONAIS E IMPORTADOS • NOVOS E USADOS
ACEITAMOS ENCOMENDAS • FONE 883-6779
R. TEODORO SAMPAIO, 865 PINHEIROS - SP CEP 05405
PROMOÇÃO! NA COMPRA DE INSTRUMENTOS E ACESSÓRIOS VOCÊ CONCORRE A 4 DIAS NA ILHA GRANDE NO HOTEL ALPINO E MAIS UMA PASSAGEM DE IDA E VOLTA A MIAMI

PROPORSOM
instrumentos musicais
Revendedor Fender
Guitarras e baixos KRAFT
Baterias/ Acessórios Sintetizadores Encordoamentos
Rua Teodoro Sampaio, 763
Loja 8 - S. Paulo - SP - F. 64-6919

Aprenda música...
Vídeo aulas MPO.
Os mestres da música ao alcance de todos.
Hot Lines
Solos para Guitarra
Blues • Country
Rock • Jazz
MPO VIDEO Ltda.
fone/fax (011)
853-4690
...com quem sabe.

P.A.
INSTRUMENTOS MUSICAIS
KORG
REVENDEDOR AUTORIZADO:
PEARL • IBANEZ • FENDER • REMO • ZILDJIAN
NADY SYSTEMS • SEYMOUR DUNCAN • DI MARZIO
ERNIE BALL • GHS • D'ADDARIO • DOD • JIM DUNLOP
TAGIMA • BOSS • TAKAMINE • OVATION • OLIVER
TAMA • E MUITO MAIS !!
COMPRA VENDA TROCA
TELEVENDAS PARA TODO O BRASIL
(011) 282-5653 / 64-3430 (fax)
Rua Teodoro Sampaio 763 Lj. 09/14

IRON MAIDEN
Já saiu a revista
THE BEST OF IRON MAIDEN
solos + cifras + letras
c/ Tablatura p/ GUITARRA
Nas bancas em SP ou pelo
tel: (011) 223-7605
solicite catalogo Cx. Postal 6106
cep 01064 - 970 Sao Paulo - SP
Books de todas as Bandas de Rock
Cartoons em geral
BUY IT OR

EXPO Music
Instrumentos Musicais,
Som Profissional,
Acessórios,
Edições Musicais.
Nacionais e Importados
EXPO MUSIC 92
De 6 a 11 de Outubro
Pavilhão da Bienal
Parque do Ibirapuera
São Paulo - Brasil
Ingressos à venda no local
Sindicato das Instr. de Instr. Musicais e de Brinquedos do Estado de S. Paulo
VASP
ABEMÚSICA
Associação Brasileira da Música
Ensino - Comércio - Indústria
RESIDENCE
Francal

EXCITANTE!

SET ESPECIAL

O MELHOR DO VÍDEO ERÓTICO

PROIBIDA A VENDA PARA MENORES DE 18 ANOS

PENEIRA FINA NOS NOVOS LANÇAMENTOS E NO ACERVO DAS LOCADORAS

Jeanna Fine

Atriz premiada, mulher liberada

Savannah

A deusa loura ataca em *A Nova Geração*

- BASTIDORES
- ENTREVISTAS
- OS FILMES PREMIADOS
- AS CENAS MAIS QUENTES

EDITORA AZUL

NAS BANCAS

DISCOS

DISPONIVEL EM
CASSETE — COMPACT DISC

AVALIAÇÃO
INDISPENSÁVEL — BOA PEDIDA — VALE CONHECER — NÃO FAZ FALTA — MANTENHA DISTÂNCIA

SONIC YOUTH

Dirty

(Geffen/BMG-Ariola)

Detalhes do encarte do CD onde entre os bichinhos aparece a foto do amigo assassinado do grupo, Joe Cole a quem "100%" é dedicada

OK, alguns vão dizer que eles "nirvanizaram", se "venderam", viraram casaca no rastro do sucesso instantâneo de seus pupilos etc...

Um aviso de saída: este é provavelmente o melhor disco que o Sonic Youth já fez em onze anos de carreira, com as principais qualidades de albuns como *EVOL* (86), *Sister* (87) e *Daydream Nation* (89). Ou seja: a locomotiva sonora do grupo — movida pelas guitarras psicóticas de Thurston Moore e Lee Ranaldo e pelas marteladas do baixo de Kim Gordon e da bateria de Steve Shelley — segue aqui tangenciando o pop, enquanto extrai melodias dos ruídos.

Portanto, eles não estão no mesmo balaio da "jovem guarda" de Seattle. Além do grupo estar na casa dos trinta anos (Kim tem 37), foram eles que convidaram o então desconhecido Nirvana para abrir os seus shows e depois apresentou-os ao pessoal da Geffen, que só contratou o SY depois de quase uma década de independência.

Musicalmente, há uma distância bem grande entre o hard pop punk de Kurt Cobain & Cia. e a simbiose noise/melodia do SY, apesar de *Nevermind* e *Dirty* contarem ambos com as mãos de Butch Vig na produção. No caso do SY, seu trabalho foi mais operacional, já que várias das músicas foram compostas durante a turnê que o grupo fez com Neil Young em 91 e os arranjos feitos antecipadamente através de demos caseiras. Com esse material, a banda gravou o disco praticamente ao vivo, no mesmo estúdio (Magic Shop) que Lou Reed fez *Magic And Loss*, recomendado a Thurston por Tom "Television" Verlaine.

A energia catalizada nesse processo já é sensível em "100%", o primeiro single do album. A canção é dedicada a Joe Cole — grande amigo do grupo e *roadie* de Henry Rollins, ao lado de quem foi assassinado a tiros em plena rua, há alguns meses —, bem como a faixa "JC". A riqueza harmônica das guitarras se destaca em "Theresa's Sound-World", na semi-psicodelica "Shoot" e em "Chapel Hill", ao lado do ataque incisivo de "Drunken Butterfly", "Orange Rolls, Angel's Spit" e da candidata a hit, "Sugar Kane", inspirada em Marilyn Monroe. Pela primeira vez, Kim canta quase metade das faixas do album, não poupando farpas ao veterano guitarrista com quem tocaram o ano passado em "Creme Brulee": "A noite passada sonhei que beijava Neil Young/Se eu fosse um garoto, acho que seria divertido". O lado político explícito — mas não babaca — revela-se em "Swinsuit Issue" (onde Kim investe contra o assédio sexual no trabalho) e "Youth Against Fascism" (sobre os protestos contra Bush realizados em Washington). Esta última, por sinal, tem canja do guitarrista Ian MacKaye, do Fugazi, enquanto a banda hardcore de seu irmão Alec (The Untouchables) recebe uma versão demo ultra-punk para a sua "Nic Fit".

Para terminar, o quarteto guardou na manga mais um "truque sujo": o vinil (duplo) possui uma faixa a mais que o CD (simples) e tanto o cassete quanto o single têm músicas inéditas nos outros formatos. Com isso, para ter *Dirty* na íntegra, você precisaria ter as três versões (que a BMG-Ariola brasileira prometeu soltar iguais às originais) e o compacto. Mas qualquer uma delas, já vale a cotação deste álbum: 100%. *CELSO PUCCI*

L7
Bricks Are Heavy
(Slash/PolyGram)

Quem disse que peso não rima com pop? É verdade que nos últimos anos a expressão "música pop" (óbvia abreviação de popular) sofreu uma associação direta com toda a espécie de baba que andou freqüentando as FMs. Chamar uma banda de pop passou a ser como xingar a família de todos os integrantes até a oitava geração. Nem sempre foi desse jeito. Houve um tempo em que os Beatles eram pop. Mais tarde, foi assim com os Ramones também.

Idem para o quarteto feminino L7, vindo de Los Angeles. Mesmo com toda a violência que sai das guitarras de Suzy Gardner e Donita Sparks, do baixo de Jennifer Finch e da bateria de Demetra Plakas, o L7 é pop. É música feita para tocar no rádio, predestinada ao culto.

Bricks Are Heavy, o novo álbum das garotas, são onze faixas de punk pop. São canções distorcidas, massacrantes, mas ao mesmo tempo acessíveis. Basicamente com a seguinte equação: Ramones, mais Motörhead, mais Joan Jett, mais Black Sabbath. Uma alquimia perfeita que agrada tanto a bangers como aos leigos que assistem a MTV.

O disco - milagrosamente lançado pela PolyGram brasileira - é tão regular no balanço geral das canções que poderia ter todas as suas faixas transformadas em singles. "Pretend We're Dead" (ver a seção *Letra* desta edição) e "Everglade" já estão rolando na TV. "Wargasm", "Shitlist", "This Ain't Pleasure" e "Mr. Integrity" também mereciam.

A produção é de Butch Vig (o mesmo que fez *Nevermind*, do Nirvana), que adicionou essa pitada de "comercialismo" (ô, palavra maldita !) ao som cru de *Smell The Magic*, o lançamento anterior da banda pelo selo Sub Pop, de Seattle.

Bricks Are Heavy é um disco de festa, para se ouvir de uma ponta a outra, no melhor estilo de um *Rocket To Russia* ou de um *Never Mind The Bollocks...*

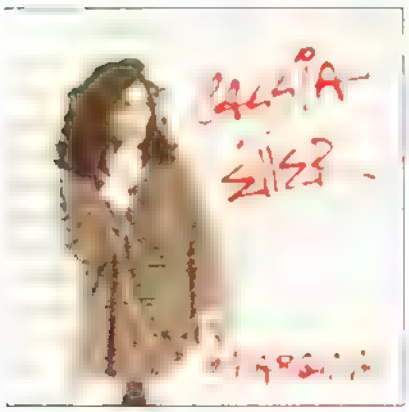
Ao vivo, ainda é melhor. O L7 tem um dos ataques mais poderosos da atualidade e a presença de palco das meninas é coisa de macho. Nesse exato momento, em que você lê este comentário, elas estarão em algum lugar dos EUA, tocando junto com o Social Distortion e os Ramones. Difícil imaginar uma combinação mais perfeita do que essa.

ANDRE BARCINSKI

com nada feito no gênero hoje - começando pelo fato de que não há uma faixa feita "para pistas". Há baladas só de piano e voz, passeios pelo gospel e duas ou três faixas com refrões pop. Para começar ouça "Feel So High" e "Sun Of '79", com participação dos Young Disciples. Coisa chique. *C.R*

DIE TOTEN HOSEN
Learning English, Lesson One
(Virgin/EMI-Odeon)

O quinteto de Düsseldorf reuniu aqui famosos bagaceiros do movimento punk que conseguiram pagar, beber e se divertir mais do que ninguém no final dos anos 70. O álbum abre com Joey Ramone detonando "Blitzkrieg Bop" e segue com outros convidados notórios, como Johnny Thunders na última gravação antes de sua morte ("Born To Lose") e Ronald Biggs ensinando o filho o que é ser punk em "Carnival In Rio (Punk Was)". O disco pode soar datado para alguns, mas como o vocalista Campino diria, foda-se. *J.I.E.S*



CASSIA ELLER
O Marginal
(Philips/PolyGram)

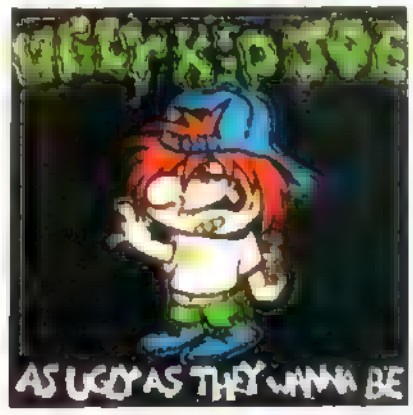
Sem ofensa: o disco novo de Cassia Eller tem mais macheza que metade do rock brasileiro. Ela conseguiu vencer a barreira do segundo álbum com mais méritos que escorregões. Desde a releitura de Luiz Melodia ("Amnésia") até a composição própria na faixa-título, o que se ouve é uma cantora de voz firme, cercada por uma banda muito boa. Há pecados, claro, como a insistência em fazer cover de Jimi Hendrix ("Hear My Train A-Comin'"), que passa bem longe do original. Fora isso, Cassia Eller é ótima, especialmente por não tentar imitar Elis Regina. *J.J*

ADRIANA CALCANHOTO
Senhas
(Columbia/Sony)

A melhor definição para o segundo álbum de Adriana Calcanhoto talvez seja o nome dado à sua própria editora musical: "enguiço". A começar pelas letras metidas a besta ("por meus passos velozes/vapores/suores/sotaques/antenas/Antunes/Stones..."), passando pelo instrumental que fundiu sambão e world music (nas participações da escola de samba Mangueira De Amanhã e do grupo Moleque De Rua) com jazz estilo Kenny G, até chegar às interpretações desvitalizadas da cantora gaúcha, nada nesse *Senhas* funciona direito. *A.G.C.D*

DES'REE
Mind Adventures
(Epic/Sony)

Inesperado e bem-vindo lançamento de uma nova cantora inglesa de soul. Imagine uma Oleta Adams com muito mais atitude e estará chegando perto de Des'ree. Ela está situada num mundo próprio dentro do soul moderno: não se parece



UGLY KID JOE
As Nasty As They Wanna Be
(Stash/PolyGram)

Peso burrão que pega carona descarada na onda de funk metal. Tudo soaria muito falso se eles não fossem mesmo uns moleques que, com certeza gostam do gênero, mas estão longe de ter algum estofo. Bem ou mau, os caras encheram os bolsos de dinheiro. Também não tinha como deixar de faturar uma bolada com uma coisa pegajosa como "Everything

About You", uma única pérola de pop rock perdida nesse festival de baboseiras. Esta ainda dá para se escutar com prazer no rádio ou na MTV, mas na verdade não vale investir uma grana no disco. *E.O*

L.A. BLUES AUTHORITY
(Roadrunner/Eldorado)

Não se trata de um grupo, mas de várias formações com músicos heavy ligados ao selo Shrapnel, reunidos pelo co-produtor Kevin Russell (também na guitarra-base em todas as faixas). Gente da laia de Zakk Wilde (Ozzy Osbourne), Paul Gilbert (Mr.Big) e George Lynch (Lynch Mob) e outros "heróis" da guitarra, tentando tocar clássicos do blues! Os ossos de Robert Johnson, Muddy Waters e Willie Dixon chacoalham nas respectivas tumbas com tamanha mostra de virtuosismo estéril. *C.P.*

IRON MAIDEN
Fear Of The Dark
(EMI-Odeon)

Eles perderam a graça. Daquela banda divertida do início dos anos 80, não sobrou quase nada. Hoje, são só um bando de bons músicos fazendo um metal com um pé na lama progressiva. *Powerslave* (85) foi o último disco decente do Iron Maiden. Daí em diante, Bruce Dickinson tornou-se um chato e as músicas ficaram compridas e monótonas. *Fear Of The Dark* é o fim da linha. Aturar essa desgraça até o fim é uma tortura para o mais fanático banger. E as letras continuam ridículas como nos velhos tempos, mas agora pretendem ser sérias. *A.B*

KRIS KROSS
Totally Crossed Out
(Columbia/Sony)

Coisas do pop: alguém que ontem não era ninguém, hoje fica sete semanas em primeiro lugar nos EUA e passa a conversar sobre números acima de seis zeros. Foi o que ocorreu com os rappers-ninfetos do Kris Kross. O hit "Jump", assim como o resto do disco, é rap careta-mainstream, mais para fãs de Hammer do que do NWA. Como tal é impecável. Basta constatar faixas como "Jump", "Party" e "Can't Stop The Bum Rush" — pegajosas e despretensiosas. Agora, fica a dúvida: como é que eles fazem xixi com essas calças ? *C.R.*

CARLINHOS BROWN, HERBIE HANCOCK, WAYNE SHORTER, OLODUM & OUTROS
Bahia Black (Ritual Beating System)
(Axiom/PolyGram)

O que mais fascina quem gosta de world music é ouvir os sons de diversas culturas em estado de osmose, misturados uns nos outros de forma a dar condições favoráveis à criação de novos tipos de música. *Bahia Black* é um projeto do produtor nova-iorquino Bill Laswell, que à frente do selo Celluloid foi um dos que mais contribuíram para levar adiante essa idéia

Em trabalhos precedentes (Manu Dibango, Sly & Robbie, Afrika Bambaataa, Ryuichi Sakamoto), Laswell sentou a mão nos timbres e efeitos eletrônicos percussivos. Desta vez, ele preferiu pesquisar — e preservar — as sutilezas melódicas e rítmicas da Bahia, estabelecendo uma coabitação pacífica entre Carlinhos Brown (que entra com cinco composições e no papel de mestre de cerimônias), o Olodum e alguns tubarões de estúdio como Herbie Hancock, Bernie Worrell e Henry Threadgill.

No conjunto, sobram no álbum duas combinações realmente instigantes: "The Seven Powers" e "Gwagwa O De", com o Olodum, Hancock e o sax mágico de Wayne Shorter (ex-Weather Report), no caso atuando como um elo de harmonia entre as culturas envolvidas. *J.Y.N*

ED MOTTA
Entre E Ouça
TIM MAIA
Tim Maia Ao Vivo
(Warner)

É de morte ! É de matar ! Ed Motta: êta enganação faceira, minha gente. Será que este gorducho não tem medo que o espírito de Marvin Gaye venha lhe sacudir as banhas no meio da noite ? Não admira que o show do cara em Nova York tenha ido muito mal. Crioulo americano não sai de casa para ver neguinho brasileiro cantar achando que é o Curtis Mayfield. Não adianta usar órgão Farfisa, Mellotron e outros instrumentos dos anos 60 e 70, se não existe um bom piloto por trás.

Nada pessoal. Só estou falando do que eu ouvi. Estava lá, na capa do disco: "entre e ouça". Até que o desenho é legal, lembrando Tintin, coisa e tal. Mas depois de ter entrado, a gente se dá conta do que acontece. Fora a coleção de clichês que se apresentam, ele ainda teve peito para pretender inventar um idioma: o "Edmottês", na verdade um amontoado de *scats* que provocariam o riso de Sarah Vaughan. Se filho de peixe, peixinho é, será que sobrinho que nasce torto nunca se endireita ?

Na dúvida, é melhor ficar com *Tim Maia Ao Vivo*, um álbum que prova que bossa-nova não precisa ser um substituto de Valium, conforme aprendemos com João Gilberto. Tim não desafina e ensina — com trinta anos de atraso — que "Garota De Ipanema" é uma canção sobre tesão, não um hino para gente de voz chinfrim. Mas o disco tem um defeito: os cuidados excessivos com a edição limaram os pedidos de "mais retorno, mais retorno...", já clássicos em seus shows. Fora isso, seria um equivalente brasileiro do último disco ao vivo de Marvin Gaye: a comprovação da popularidade de um artista que dispensa os esquemas de *marketing* das grandes gravadoras.

Tim Máia tem suas influências óbvias de soul, não pretende ser James Brown e — ao contrário do sobrinho — sabe muito bem que a malandragem real está em misturar Bronx com o alto da caatinga, Detroit com Niterói, o que resulta num estilo muito particular. Tim não soa – como Ed – qual um Billy Paul desasado e é capaz de conferir dignidade até mesmo a Sullivan e Massadas. *JIMI JOE*

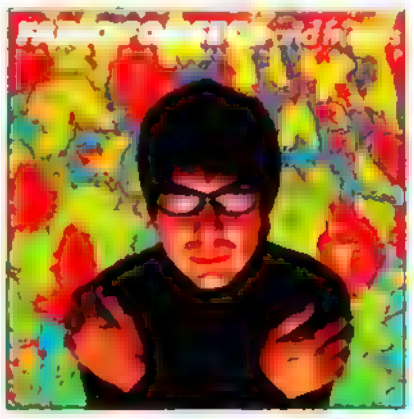
ERASMO CARLOS
Homem De Rua
(Columbia/Sony)

Erasmo escapa do rock geriátrico e comete um discão. Mata a pau ao regravar "A Carta", em dueto primoroso com Renato Russo, tornando-a candidata a hit meleca do ano. Manda ver no samba-reggae "Namorada" (Benjor) e no terreno onde pisa há mais de década: o meia-cueca para motel em parceria com o rei. Sente o refrão de "Fases Da Lua": "Um dia se esconde/No outro me acua... Um dia se cobre/No outro está nua". *C.E.M.*

BLACK SABBATH
Dehumanizer
(I.R.S./EMI-Odeon)

É chato para um adorador fanático do Black Sabbath ter que dizer isso, mas seria menos doloroso para todos nós se o grupo resolvesse desistir de vez. Ver os caras se autohumilhando com discos como este é um castigo grande demais.

O Spinal Tap do demo se transformou numa banda convencional como centenas de outras por aí. Sob uma montanha de sintetizadores, a banda vai enterrando um passado glorioso. Ouvindo "Computer God" ou "Time Machine", vêm logo à cabeça aqueles temas musicais de propagandas de cigarros, onde Peter Frampton faria a festa. *Volume IV*, já! *A.B.*



FABIO FONSECA AND FRIENDS
Tradução Simultânea
(Philips/PolyGram)

O segundo disco solo do produtor Fonseca traz um time de convidados distinto: Marina, Fernanda Abreu, Luiz Melodia e Claudio Zoli - todos já produzidos por ele. O resultado é ultra-tedioso, uma sopinha de Luther Vandross e LA/Babyface. Eu culpo: 1) excesso de audição de *charm*; 2) O não-acompanhamento das tendências da dance desde 83 (só isso explica tanto *vocoder*); 3) A chatice das pistas de dança do Rio. Assim se forma mais essa tragédia brasileira o carioca zona sul que acha que tem "um pé na cozinha". *C.R.*

OBITUARY
The End Complete
(Roadrunner/Eldorado)

Dessa vez o produtor Scott Burns se afinou melhor com o Obituary. Transformou as guitarradas numa massa brutal de violência e buscou o *punch* da bateria. O problema é que essa proporcionalidade acabou deixando claras muitas imperfeições rítmicas surgidas no entrecruzamento dos tambores com as cordas. De resto, é a mistura peso-pesada usual do grupo, que vai de um *gore* lento até viagens alucinadas em velocidade *warp*. Coisa fina para se bater cabeça. *E.O.*

MOTÖRHEAD
March Or Die
(GWR/Sony)

O que? O Motörhead fazendo balada? E com Slash na guitarra? Não precisa ficar com medo de que Lemmy e sua cambada estejam fraquejando. "I Ain't No Nice Guy" tem violõezinhos, solinho de piano, coisa e tal, mas como o próprio título já diz, os caras não estão aí para brincadeiras. Quando o negócio pesa, pesa mesmo!

E o que interessa nesse *March Or Die* é isso: o Motörhead pesadão, evoluído e furioso, com a pauleira tradicional do trio.

"Stand", que abre o disco, é quase um hino. Positivismo hardcore para embalar aventuras adolescentes. "Esqueça que você é sangue e osso/Fique firme como se fosse feito de pedra", canta Lemmy, nessa faixa. Na cola, vem uma versão tonelada do clássico menosprezado de Ted Nugent, "Cat Scratch Fever", com solos de guitarras zoados do além. Para matar a saudade com categoria.

"Bad Religion" e "Name In Vain" mostram o grupo muito próximo do balanço *boogie* do ZZ Top, o que não é nenhuma má referência. Ambos os grupos são veteranos escolados e próximos na defesa quase solitária do rock honesto durante pelo menos uma década.

Falando em proximidades, Ozzy Osbourne também comparece no disco. Não em forma de citação, mas pessoalmente, em garganta e neurônios. O cara marca presença em "Hellraiser", faixa incluída também na trilha sonora do terceiro episódio da série podrona de Clive Barker. Por incrível que pareça, é aí que o Motörhead escorrega num rock arena babão, que só se salva pelo arranjo pesadíssimo.

Ecos de *1916*, seu álbum anterior, assombram a faixa-título. O peso cavalar da percussão industrial e uma massa assustadora de guitarras fantasmagóricas criam o clima apocalíptico perfeito para uma letra que urra: "Nós marchamos para o Armageddon, esfomeados pela guerra/Eu vejo o inimigo odiado, eu vejo o que fui ensinado a ver".

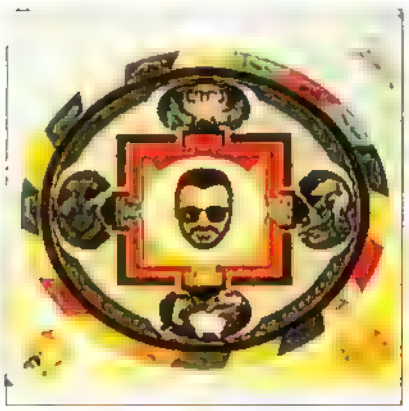
Por fim, as maiores pedradas do disco: "Too Good To Be True", um hard rock melodioso que pode tocar até nas FMs, "You Better Run", um bluesão invocado com altos solos de guitarra e "Jack The Ripper", faixa levada num embalo monstruoso que não cai na mesmice do metal funk que assola nossos dias. *CARLOS EDUARDO MIRANDA*

BLUR
Leisure
(Food/EMI-Odeon)

O Blur é quase um grupo de proveta. Tudo começou em 89, quando Damon Albarn (vocais), Graham Coxon (guitarra), Alex Jones (baixo) e Dave Rowntree (bateria) ainda compunham o inexpressivo Seymour. Contratados pelo selo Food, todavia, o *big boss* lhes "sugeriu" algumas mudanças. Entre elas, o novo nome e uma geral na imagem e no repertório da banda.

Os ajustes deram certo. *Leisure*, seu álbum de estréia, surgiu estourando nas paradas. Mas em termos

práticos, não passa de uma oportuno cruzamento de guitarras *noisy* da ala *shoe gazer* com o sacolejo da cena musical de Manchester. Tudo bem feitinho, é verdade, só que pouco convincente. *A G C.D*



RINGO STARR
Time Takes Time
(Private/BMG-Ariola)

Se esse disco prova alguma coisa é que Ringo continua o mais despretensioso de todos os ex-Beatles. O esquema é o mesmo de todos os seus discos solos: ele junta um monte amigos ilustres (nesse caso, os produtores Jeff Lynne, Don Was e Phil Ramone, todos habituados a colocar artistas nos primeiros lugares das paradas de sucesso) e grava canções pop de sabor nostálgico com produção hightech. Se colar colou. Não é ruim. É só um pouco desapontador. *R.C*

NIRVANA
Bleach
(Geffen/BMG-Ariola)

Divulgado no Ocidente por Schopenhauer, o termo "nirvana" remonta às noções do budismo, onde foi utilizado para designar a extinção do desejo humano — estado este que resultaria em bem-estar e gozo indescritíveis. Por outro lado, Nirvana também deu nome à uma das mais agressivas e iconoclastas formações da nova cena norte-americana. Hoje, os membros do grupo usufruem da mega-exposição obtida com *Nevermind*, mas foi em seu primeiro LP, *Bleach* (lançado em julho de 89 pela Sub Pop), que conseguiram se expressar com intensidade máxima.

Bleach é a prova de que não há contradições entre os sentidos filosófico e musical da palavra. Em ambos, assim como na psicanálise (O "princípio do Nirvana" dos textos de Freud indicava uma ligação profunda entre o prazer e o aniquilamento), Nirvana alude à supressão total das excitações internas. E é justamente isso que Kurt Cobain e cia. parecem buscar, por exemplo, nas autodestrutivas "Swap Meet" e "Blew", onde entregam-se à absoluta devastação física e sensorial.

Com o expert Jack Endino na produção, o LP conseguiu ser ainda mais cru e básico que *Nevermind*. Há instantes — vide o sabor "beatle" de "About A Girl" — em que o Nirvana sinaliza com a abordagem *mezzo* ruído *mezzo* melodia que adotaria no futuro, porém o que impera aí é a zoeira; uma sonoridade coice-de-mula, configurada pela absorção de resíduos do rock'n'roll, dos acordes pútridos das bandas de garagem, da bizarria lisérgica e da atitude "search and destroy" ("procure e destrua") dos punks e bangers radicais.

A edição nacional de *Bleach* traz a faixa "Love Buzz" (canção do grupo holandês Shocking Blue que havia sido o primeiro single do Nirvana) no lugar de "Big Cheese". Outras curiosidades são a presença de Chad Channing — revezando-se com Dale Crover, baterista dos Melvins, em "Floyd The Barber" e "Paper Cuts" — e o fato de o guitarrista Jason Evermin (que aparece nos créditos da capa) não ter tocado realmente no disco. Isso posto, vale dizer que, se *Bleach* não é necessariamente inovador, tem a seu favor uma inquietação há muito ausente do rock.

ARTHUR G. COUTO DUARTE

MASSIVE ATTACK, ORCHESTRAL MANOEUVRES IN THE DARK & OUTROS
Let's Dance
(EMI-Odeon)

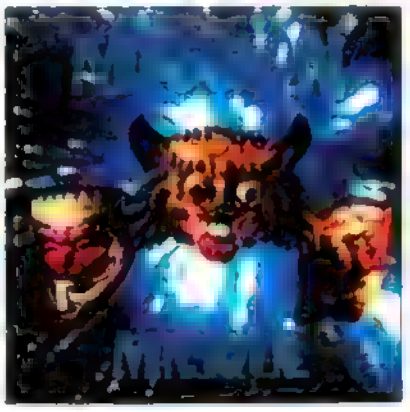
CE CE PENISTON, BROTHERS IN RHYTHM, 2 UNLIMITED & OUTROS
DJ House Hits 3
(ToCo/PolyGram)

ROZALLA, BIZARRE INC. DOUBLE YOU & OUTROS
DJ Sound Club Tracks
(Kaskata's)

Três compilações que valem o investimento. A primeira traz os sublimes Massive Attack, Definition Of Sound e Bass-O-Matic em primeiras, e talvez únicas, aparições em disco nacional. Além disso tem "It Should've Been Me", do segundo álbum de Adeva, não editado no Brasil. Há também dois *garages* de segunda linha cortesia de Tyrrel Corporation e Frankie Knuckles (um gênio, muito mal representado neste trabalho) Ahnnn... e contém também os mega-hits datados e cafonas do When In Rome ("The Promise") e OMD ("Pandora' s Box", o remix).

A segunda acerta com Brothers In Rhythm, Ce Ce Peniston e Rozalla em seu primeiro hit, "Faith (In The Power Of Love)". Mas peca ao oferecer só o instrumental de "Get Ready For This" do 2 Unlimited e a versão errada de "You Got The Love", com Source e Candi Staton.

A última delas compensa por "Are You Ready To Fly", de Rozalla (faixa que conquista o ouvinte pela insistência) e a celestial "Such A Feeling", do Bizarre Inc. Para os que aguentam tem também a surrada "Please Don't Go", com o Double You. Faça uma fita com os melhores e boas festas. *C R*

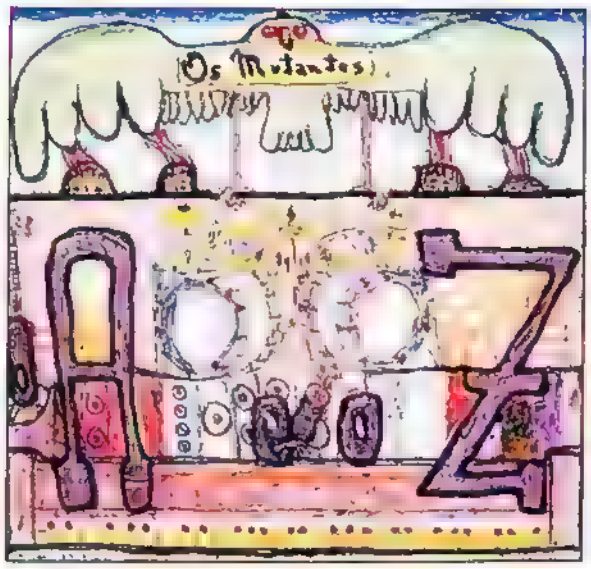


THE MISSION
Masque
(Vertigo/PolyGram)

Com um inesperado uso de sintetizadores e seqüenciadores, o Mission lançou seu álbum mais incomum até hoje. As poucas canções tipicamente góticas, ("Spider And The Fly", "From One Jesus To Another") perdem terreno para faixas mais pop ou experimentos do tipo "Sticks And Stones", com um violino árabe arranjado por Jaz Coleman (Killing Joke) e tocado por Aboud Abdel All, um músico do rei Hussein. "Severina" voltou a ser apenas um nome nordestino Ainda bem. *J.J E.S*

ELTON JOHN
The One
(Rocket/PolyGram)

Os pianos de Elton John junto com os teclados de Mark Taylor, do Simple Minds ? Muito obrigado. Drogas, estou fora ! Esse disco é a legítima peruca. Um antigo craque do pop rock tentando recuperar alguma coisa que perdeu no tempo. Mas não vai ser com as baterias eletrônicas e tecladeiras melecadas aqui presentes que ele vai conseguir alguma coisa. Uma tranqueira como essa serve no máximo para mocinha boba chorar ouvindo "The Last Song", uma baladona triste de doer. *C.E.M*



DOSE DUPLA DE ROCK BRASIL

Eis que são lançados em versão digital os dois discos que faltavam para completar a discografia dos **MUTANTES** e de **RITA LEE** na primeira e mais criativa fase de seus respectivos trabalhos, quando estavam ligados à Philips/PolyGram — para quem não se lembra, o pacote inicial foi resenhado nesta seção na BIZZ 78 (janeiro de 92).

Build Up — a estréia solo de Rita — surgiu a reboque de um show homônimo que, como o próprio título sugeria, tinha o objetivo de "construir" sua imagem de estrela, já delineada nas atuações com os Mutantes . A tática foi adequada: já na capa, lá estava ela com grandes cílios postiços e beicinho *à la* Marianne Faithfull. Mas na parte musical — felizmente — os vínculos com a banda não foram cortados. Dirigida por Arnaldo Baptista e com o apoio dos outros Mutantes, do maestro Rogério Duprat e do lendário guitarrista Lanny Gordin, Rita apresentava canções memoráveis como "Sucesso, Aqui Vou Eu (Build Up)", "Viagem Ao Fundo De Mim" e "Calma" (de Arnaldo), ao lado de pequenas bobagens como a versão de "José" (de Nara Leão) ou o bolerão "Prisioneira Do Amor". Mas, no final o saldo não poderia deixar de ser positivo.

Já **O A E O Z**, disco dos Mutantes que permanecia inédito até agora, foi gravado logo após a saída de Rita. Então como um quarteto — com a incorporação do baixista Liminha e do baterista Dinho — e direcionado musicalmente por Serginho e Arnaldo, o grupo derivou de vez para o rock progressivo em voga na época (72), forjando uma espécie de álbum conceitual que tinha como mote principal a canção "Uma Pessoa Só" (depois regravada por Arnaldo em seu álbum *Loki ?*), que reaparecia como citação em duas outras: na faixa-título e em "Hey Joe". As letras, por sua vez, também acompanhavam esta tendência "viajante", atendo-se a imagens surreais e místicas. Na verdade, apesar de às vezes soar extremamente datado, o disco conseguiu ainda preservar um encanto pouco comum para as firulas rococó dos grupos progressivos de então. Em boa parte, pela presença de Arnaldo, no seu último trabalho com a banda

CELSO PUCCI

CAPA ECOLOGICA

Boa ideia! Uma embalagem para CD que elimina aquelas caixas de papelão (comuns nas edições americanas), plásticos, celofanes e outros materiais dispensados pelos compradores ao abrir o pacote. E ao mesmo tempo traz um sistema de encaixe e apresentação gráfica bem superior à caixinha convencional, com um módulo quádruplo no lugar da tradicional capinha frente/verso — o que possibilita sete faces para se compor a arte do disco.

Assim é a **ECO-Pak**, que tambem dispensa o invólucro de matéria plástica do CD, substituindo-o por um papelão especial. A novidade logo deve se universalizar, com grandes gravadoras e *indies* se unindo na campanha contra o desperdício. *C.P.*

CÓPIA ABORÍGENE

Você conhece a foto acima? Claro, pois você a viu aqui antes. Trata-se da mesma usada na matéria do **SEPULTURA** publicada na BIZZ 79, em fevereiro passado.

Coincidência ou não, é a foto que aparece — numa tonalidade sépia — na capa de um CD australiano de edição limitada (cinco mil cópias).

Third World Posse (Roadracer) comporta "Dead Embryonic Cells", a versão para "Drug Me" dos Dead Kennedys, da compilação *Virus 100* (ver *Zona Franca* desta edição), mais três faixas gravadas ao vivo, em Barcelona: "Inner Self", "Troops Of Doom" e "Orgasmatron", do Motorhead

Enquanto isso, o fotógrafo Rui Mendes pula como um canguru atrás de seus direitos autorais. *C.P.*

CD COMPACTO DUPLO

Quem diria...o CD reabilitando o antigo compacto duplo, formato amplamente disseminado nos anos 60 e que retorna em versão digital através do maior icone daquele período: **THE BEATLES**

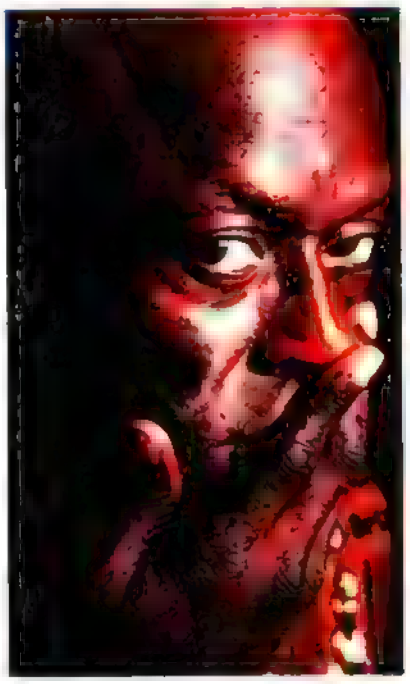
E a **Compact Disc EP Collection** (Capitol), uma caixa com catorze discos apresentando a dúzia de compactos duplos do Fab Four editados na época — com o som mono original, bem como as capas originais —, mais uma versão estéreo para *Magical Mystery Tour* e para outras quatro canções (noutro CD bônus). Acusações sobre o caráter supérfluo do pacote (já que todas as músicas, incluindo as quatro "inéditas" em estéreo, estão espalhadas pelo sem-número de CDs do grupo existentes), não devem afastar a gula dos beatlemaníacos.

CELSO PUCCI

DÁ-LHE, DAVIS

Em setembro do ano passado, **MILES DAVIS** andava falando em um album duplo. Incluiria alguma coisa da misteriosa parceria com Prince e alguns remixes de sua fabulosa banda em meados dos anos 80. Mas usaria principalmente as gravações com o rapper e produtor Easy Mo Bee, um misto de hip hop e soft jazz que vinha entusiasmando o trompetista até os gorgomilos.

Ele morreu e a coisa ficou por isso mesmo. Alguém —felizmente — lembrou de pegar aquelas seis faixas, de encomendar mais duas a Easy Mo (construídas de baixo para cima, a partir de solos executados



ao vivo por Miles) e de lançar este acachapante **Doo-Bop** (Warner).

Depois da relativa apatia de *Amandla*, é legal encontrar o velhinho mais vivo e sensual do que nunca, soando absolutamente a vontade entre samples de Kool And The Gang e quejandos.

Soul ("The Doo-Bop Song", "Fantasy"), funk ("Sonya") e dance ("High Speed Chase") emolduradas pelo instrumental celestial "Mistery": uma jóia burilada em estúdio até o detalhe sublime do dueto de Miles consigo mesmo, na introdução de "Duke Booty".

ROSCOE MACIEL

O BALANÇO DAS IRMÃS

Lançada exclusivamente em CD por aqui, a compilação Some Girls Wander By Mistake (East West/Warner), traz os singles dos SISTERS OF MERCY no período 80/83, quando o grupo dava uma obtusa definição de heavy metal para seu som. A seleção inclui o primeiro single ("The Damage Done"/"Watch"), o EP *Reptile House* inteiro e faixas já com Wayne Hussey nas guitarras (substituindo Ben Gunn). Mais que tudo, estão presentes a voz lúgubre de Andrew Eldritch e o som metronômico de Doktor Avalanche, a bateria eletrônica que ditaria as regras do *gothic rock*. *J. J. E.S.*

IMPRESSÕES DIGITAIS

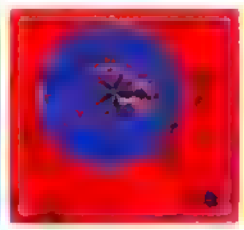
Alguns CDs importantes despontam em edições nacionais. É o caso de *Four Way Street* (Atlantic/Warner), antológica gravação do quarteto CROSBY, STILLS, NASH & YOUNG nos idos de 70, originalmente em vinil duplo e depois lançada como CD, em 87. A nova tiragem digital surge remasterizada e com quatro faixas-bônus, sendo três delas inéditas • Outra boa edição brasileira via Atlantic/Warner é a estréia do trio progressivo EMERSON, LAKE & PALMER (o chamado "disco da pomba"), com hits como "Lucky Man" e "Take A Pebble" • Há também a trilha sonora de *Easy Rider* (MCA/BMG-Ariola), o clássico *road movie* de Dennis Hopper. Apesar de já editada *n* vezes por aqui, agora ela finalmente aparece em CD, com pérolas de JIMI HENDRIX, THE BYRDS (mais ROGER MCGUINN solo) e STEPPENWOLF, entre outros • Na praia do blues surgem dois bons CDs da Alligator, lançados pela Warner: o guitarrista SON SEALS vem com seu estilo leve e sofisticado em *Living In The Danger Zone* (91), enquanto *Harp Attack !* (90) traz nada menos que quatro gaitistas da gema (JAMES COTTON, JUNIOR WELLS, CAREY BELL e BILLY BRANCH) arrasando em clima de *jam session*. Haja fôlego ! *C.P*

DISCO DO MÊS **THE BLACK CROWES The Southern Harmony...** (Def American/PolyGram)

And Musical Companion. Com esse título auriverde, suas calças bocas de s[illegible] competente requentada no som de bandas expressivas dos anos 70 (principalmente The Face eis que o quinteto da Georgia aparece no topo da listagem de setembro. E novamente ficou embolada a disputa pelo segundo lugar (com os 6,58 dos B-52's ameaçados pelos 6,33 do Faith No More), enquanto o novo disco do Deee-Lite aparece apenas com um decepcionante 11º lugar.

THE B-52's
Good Stuff
Reprise/Warner

FAITH NO MORE
Angel Dust
Slash/PolyGram



THE CURE
Wish
Fiction/PolyGram

THAIDE & DJ HUM
Humildade E Coragem ...
Armas Para Lutar (TNT)

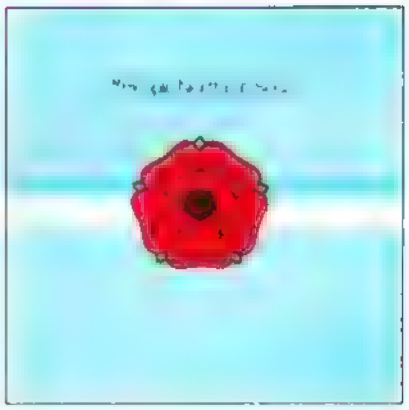
BARÃO VERMELHO
Supermercados Da Vida
Warner

[illegible]	2	5	5	6	2	0
[illegible]	8	8	8	9	-	8
[illegible]	6	5	6	4	7	-
[illegible]	8	6	6	4	7	2
[illegible]	8	6	7	4	5	5
[illegible]	9	7	7	6	6	7
[illegible]	-	8	7	9	6	7
[illegible]	9	7	7	8	-	7
[illegible]	6	7	8	6	7	4
[illegible]	9	8	2	4	6	8
[illegible]	8	4	7	8	-	7
[illegible]	10	8	6	6	7	9

CLASSIFICAÇÃO GERAL

ARTISTA/DISCO	MEDIA
1 THE BLACK CROWES	
The Southern Comfort And Musical Companion (Def American/PolyGram)	7,54
2 THE B-52's	
Good Stuff (Reprise/Warner)	6,58
3 FAITH NO MORE	
Angel Dust (Slash/PolyGram)	6,33
4 THE CURE	
Wish (Fiction/PolyGram)	6,17
5 THAIDE & DJ HUM	
Humildade E Coragem São Nossas Armas Para Lutar (TNT)	5,89
6 BARÃO VERMELHO	
Supermercados Da Vida (Warner)	5,82
7 GOTH:C VOX	
Supplicamentum (Cogumelo)	5,80
8 CLIVE	
Mental Jewelry (Radioactive/BMG-Ariola)	4,58
9 NENHUM DE NÓS	
(RCA/BMG-Ariola)	4,50
10 EDMON	
(Columbia/Sony)	4,43
11 DEEE-LITE	
Infinity Within (Sire/Warner)	4,09
12 LAURA FINOCCHIARO	
(RCA, BMG Ariola)	3,78

GRAVADORAS INDEPENDENTES Kaskata's, Rua Oliveira [illegible]



Mike Pickering é um veterano da dance inglesa. De integrante do Quando Quango (mestres funk da Factory) a DJ do clube Hacienda de Manchester (onde foi um dos primeiros ingleses a tocar house), passando por zilhões de remixes e projetos como o T-Coy. Agora, ele acabou de lançar seu trabalho definitivo: o **M-PEOPLE**. O disco **Northern Soul** (deConstruction) faz tremer as bases com muito soul, *garage* e house puro. Atenção para a versão da imortal "Someday", de Ce Ce Rogers. *CAMILO ROCHA*

Em 78, Jello Biafra - então líder dos Dead Kennedys - fundou em San Francisco a gravadora Alternative Tentacles, para editar os discos de sua banda e de outros grupos punk. Hoje, o selo independente se tornou um dos mais importantes dos EUA, lançando nomes como Nomeansno, D.O.A., Butthole Surfers e Alice Donut , entre muitos outros.

Para comemorar o seu centésimo lançamento, a gravadora montou a compilação **Virus 100**, com dezesseis bandas interpretando clássicos dos Dead Kennedys. Entre os grupos presentes estão o **L 7** ("Let's Lynch The Landlord", canção que também aparece numa versão chata do **FAITH NO MORE**), **NAPALM DEATH** ("Nazi Punks Fuck Off") e **SEPULTURA** (com "Drug Me", em versão considerada por Biafra como "a melhor já feita para uma música dos DK").

O disco também é uma boa oportunidade para se conhecer outras bandas menos famosas - mas igualmente competentes - como o **STEELPOLE BATHTUBE**, reis do *feedback* em San Francisco (com "Chemical Warfare"), os franceses hardcore do grupo **LES THUGS** (com "Moon Over Marin") e o **VICTIM'S FAMILY** (com "Ill In The Head". *ANDRE BARCINSKI*

Já anotei nesta seção, a virtual inexistência do rock francês. **Les Marroniers**, terceiro álbum do **COLLECTION D'ARNELL ANDREA** (New Rose), desmente confirmando: é bom, mas não é rock.

Herdeiros do Cocteau Twins e de vários grupos franceses (Opera Multi Steel, Rise And Fall Of A Decade), eles investiram seu lirismo exacerbado no filão do *4AD sound* - aquela mescla delicada (os detratores dizem troncha) de melodismo acústico e ambiências eletrônicas.

Mas agora, o quinteto do guitarrista Jean-Christophe D'Arnell e da vocalista Chloe St. Liphard resolveu ir mais longe, soando definitivamente como um *ensemble* romântico de música de câmara - nem os ritmos programados, nem o baixo elétrico ameaçam a eminência dos *cellos* e pianos desse álbum. *ALEX ANTUNES*

O ecletismo *no wave* do **MATERIAL** passou à história. O trio de produtores/compositores/*sessionmen* Bill Laswell, Michael Beinhorn e Fred Maher influenciou uma pá de gente, do funk à vanguarda. Digamos que a fase mais radical, original do grupo, é o dos três primeiros EPs (*Temporary Music Vol. 1, Vol. 2* e *American Songs*). **Secret Life - 1979/1981** (Jungle) junta tudo em um CD. Com uma mãozinha dos guitarristas Cliff Cultreri (alguém aí disse que é um pseudônimo de Fred Frith) e Robert Quine (depois da banda de Lou Reed) é finesse. *ROSCOE MACIEL*

Assassinos seriais, tarados, fãs do Right Said Fred e de Oswaldo Montenegro, muito cuidado! Treinados nos conflitos das rua de Belfast, o grupo **THERAPY ?** ameaça "tratar" estes e outros portadores de comportamentos desviantes com sua singela de descondicionamento auditivo.

A técnica deles foi posta à prova em **Caucasian Psychosis** (Quarterstick), registro que compila num único CD os dois primeiros álbuns do trio: *Babyteeth* e *Pleasure Death*. Aí, Andy, Fyfe e Mickey submetem os ouvidos/pacientes a uma sessão de hardcore pós-Big Black, que se complementa ao clássico método de aversão (náuseas e vômitos são induzidos num sistema de punição/recompensa), junto a mega-dosagens de ritmos fragmentários, sampleagens de cinema e ruído irracional. O grupo pode ser um "remédio" amargo e nojento, mas o efeito é garantido. Alguém aí se habilita a experimentar a terapia? *ARTHUR G. COUTO DUARTE*

Demorou, mas apareceu uma coletânea digital que desse uma amostra expressiva da explosão punk de Los Angeles, ocorrida no final dos anos 70.

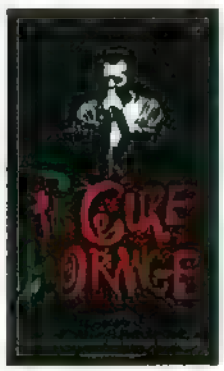
Dangerhouse - Volume One (Frontier) traz doze preciosidades daquele período, quando aquela gravadora independente foi a responsável pelo lançamento de grupos como os **DILS** de Pat Garrett (aqui representado com "Class War"), os **AVENGERS** (com o hino "We Are The One") e os **BAGS** (de Patricia Morrison, depois dos Sisters Of Mercy), com a faixa "Survive". Fechando com chave de ouro esta coletânea, surge o **X** com o inesquecível grito de guerra de todo esse pessoal: "Los Angeles". *FABIO MASSARI*

COUNT BASIE E LOUIS JORDAN
Count Basie And Friends 1943-1944
(Preto e Branco, 45 min., PolyGram)

Esta fita mostra gravações daquele tempo longínquo em que o jazz ainda era música pop. Além de seu valor didático, é uma fita divertida. Apesar de o nome dar destaque a Count Basie, a grande atração é o cantor, compositor e saxofonista Louis Jordan, *entertainer* máximo da música norte-americana nos anos 40. Talentoso, carismático e boa pinta, Louis Jordan foi a principal referência de sucesso para os artistas negros dos anos seguintes, de B.B. King a James Brown. *R.C.*

DIZZY GILLESPIE, STAN GETZ E OUTROS
Tribute To Charlie Parker
(1989, 55 min., PolyGram)

Esta é uma gravação de um show acontecido na França em homenagem ao saxofonista Charlie Parker. Reúne gente famosa do jazz, como Dizzy Gillespie, Stan Getz, Milt Jackson e Max Roach, mas é mais divertida de se ouvir do que se ver. *R.C.*



THE CURE IN ORANGE
Direção: Tim Pope. M.L. (1987, 113 min., PolyGram)

A Praça Central tremeu ante ao extase causado pelas músicas (vinte e cinco ao final do espetáculo) quase choradas por Robert Smith. A Coté D' Azul nunca viu nada igual. Um dos melhores shows da banda *M.C.*

THE CARPENTERS
Yesterday Once More
Direção: vários, 1986 (55 min., stereo, PolyGram)

Nesta época em que toda a década de 70 está sendo passada a limpo, já conhecemos bem seu lado pesado (Sabbath, Aerosmith, Led) e seu lado groovy (wah-wahs, *Philadelphia*, *disco*, funk) e outros ícones e modas (bocas-de-sino, lurex, artes marciais). Mas há um outro lado daquela década que é imensamente representativo e não pode ser ignorado: a candura.

Estou falando de coisas como John Denver, Carly Simon, todos aqueles baladeiros e filmes como *Love Story*. A candura dos 70 era um desvio caretóide, ingênuo e (ultra) doce de idéias levantadas pelos hippies como paz, amor, companheirismo etc. A felicidade absoluta dos sonhos pode estar aqui e agora, com um casal feliz numa cidade do interior.

Ninguém vestiu melhor essa camisa do que um casal feliz de uma cidade do interior: Karen e Richard Carpenter. E nem era um casal de marido e mulher, era um casal de irmãos! Quer mais pureza que isso? Karen ainda sofria de anorexia nervosa e de quando em quando ficava internada. Nem o mais cruel diretor de marketing teria feito melhor.

Esses quinze vídeos atestam como duas décadas é muito tempo. Pense bem, há meros vinte anos era possível alguém conquistar o mundo com pureza, bom-mocismo, zero de malícia e nada de sexo e violência (tanto que à medida que os 70 avançavam os Carpenters foram perdendo a popularidade).

É claro que havia também a linda voz de Karen e uma mão premiada do casal para compor ("Only Yesterday", "Top Of The World") e açucarar com muito estilo músicas dos outros — como "Please Mr. Postman" (Marvelettes) e "(They Long To Be) Close To You" (Dionne Warwick). Os vídeos retratam fielmente a música: meigos, singelos, sem um dedo de extravagância e cheios de imagens "família". O vídeo de "Please...", por exemplo, mostra os dois na Disneylândia com o Mickey botando cartas no correio. Isso já diz tudo. Maravilha. *CAMILO ROCHA*

IMPORTADOS

ROLLING STONES *Gimme Shelter* (EUA, 1970, Abkco Video) É um clássico da história do rock. Agora disponível em vídeo. Mostra a turnê norte-americana dos Stones em 1969. Termina no show de Altamont, onde um homem foi assassinado na frente do palco em que a banda se apresentava. **DORI CAYMMI, LARRY CORYELL E BILLY COBHAM *Live In Bahia*** (EUA, 1992, A*Vision) É uma fita com o show realizado em Salvador no final do ano passado, mais cenas do cotidiano baiano. **BOB MARLEY *Time Will Tell*** (EUA, 1992, Island) Documentário. Vida e obra de Bob Marley. *R.C.*

OUTROS LANÇAMENTOS

WHITESNAKE *Live* (EMI) Show acontecido em 1983 no Monster of Rock Festival, Inglaterra • **ROXETTE *The Videos*** (EMI) Nove videoclips mais um *making of* do disco *Joyride* • **DURAN DURAN *Arena*** (EMI) Está sendo relançada essa coletânea de videoclips dirigidos por Russell Mulcahy (*Highlander*)

PARADA

Convenções:
(N) Novidade
(R) Retorno
( ) Posição anterior

LEITORES

1 (2) *Achtung Baby* U2 PolyGram
2 (3) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
3 (1) *Blood Sugar Sex Magik* Red Hot Chili Peppers Warner
4 (4) *Tears Roll Down...* Tears For Fears PolyGram
5 (N) *Supermercados Da Vida* Barão Vermelho Warner
6 (N) *Moleque de Rua* Sony
7 (R) *Várias Variáveis* Engenheiros do Hawaii BMG-Ariola
8 (8) *Use Your Illusion 2* Guns N'Roses BMG-Ariola
9 (11) *Roll The Bones* Rush PolyGram
10 (13) *Human Touch* Bruce Springsteen Sony
11 (R) *Stars* Simply Red Warner
12 (6) *Metallica* BMG-Ariola
13 (R) *Diamonds And Pearls* Prince & The N.P.G. Warner
14 (7) *Ten* Pearl Jam Sony
15 (R) *Rush* Eric Clapton Warner
16 (R) *Spellbound* Paula Abdul EMI-Odeon
17 (10) *Magic And Loss* Lou Reed Warner
18 (R) *Os Grãos* Paralamas do Sucesso EMI-Odeon
19 (N) *Fear Of The Dark* Iron Maiden EMI-Odeon
20 (N) *Angel Dust* Faith No More PolyGram

LOJAS

1 (1) *Ten* Pearl Jam Sony
2 (4) *Fear of the Dark* Iron Maiden EMI-Odeon
3 (17) *Joyride* Roxette EMI-Odeon
4 (3) *Metallica* PolyGram
5 (N) *Dehumanizer* Black Sabbath EMI-Odeon
6 (6) *Badmotorfinger* Soundgarden PolyGram
7 (5) *Facelift* Alice in Chains Sony
8 (8) *The Plague That Makes...* Infectious Grooves Sony
9 (2) *Nevermind* Nirvana BMG-Ariola
10 (20) *Up* Right Said Fred BMG-Ariola
11 (11) *Supermercados Da Vida* Barão Vermelho Warner
12 (N) *Countdown To Extinction* Megadeth EMI-Odeon
13 (N) *The End Complete* Obituary Eldorado
14 (14) *Achtung Baby* U2 Polygram
15 (R) *Stars* Simply Red Warner
16 (16) *Tears Roll Down...* Tears For Fears PolyGram
17 (N) *The Southern Harmony...* The Black Crowes PolyGram
18 (19) *Vulgar Display of Power* Pantera Devil
19 (13) *RxDxP Ao Vivo* Ratos De Porão Eldorado
20 (N) *A Different Story* Deborah Blando Sony

LPs

1 *Some Gave All* Billy Ray Cyrus Mercury
2 *Totally Krossed Out* Kriss Kross Ruffhouse/Columbia
3 *MTV Unplugged EP* Mariah Carey Columbia
4 *Boomerang* Trilha Sonora Arista
5 Ten Pearl Jam Epic
6 *Countdown To Extinction* Megadeth Capitol
7 *Shorty The Pimp* Too Short Jive
8 *The Hard Way* Clint Black RCA
9 *Ropin' The Wind* Garth Brooks Liberty
10 *Way 2 Fonky* DJ Quik Profile

COMPACTOS

1 "This Used To Be My Playground" Madonna Sire
2 "Baby Got Back" Sir Mix-A-Lot Reprise
3 "Baby-Baby-Baby" TLC Arista
4 "End Of The Road" Boyz II Men Motown
5 "November Rain" Guns N' Roses Geffen
6 "Achy Breaky Heart" Billy Ray Cyrus Mercury
7 "Just Another Day" Jon Secada SBK
8 "Life Is A Highway" Tom Cochrane Capitol
9 "Giving Him Something He Can Feel" En Vogue ATCO
10 "Too Funky" George Michael Columbia

LPs COLLEGE

1 *Nonsuch* XTC Geffen
2 *Wish* The Cure Fiction/Elektra
3 *Check Your Head* Beastie Boys Capitol
4 *Bricks Are Heavy* L7 Slash/Warner
5 *Cracker* Cracker Virgin

[illegible]

1 *The Greatest Hits* Neil Diamond Columbia
2 *Stars* Simply Red Eastwest
3 *Back To Front* Lionel Richie Motown
4 *MTV Unplugged EP* Mariah Carey Columbia
5 *The Legend - The Essential of...* Joe Cocker PolyGram
6 *Dirty* Sonic Youth DGC
7 *Nevermind* Nirvana DGC
8 *This Thing Called Love- Greatest Hits* Alexander O'Neal Tabu
9 *Dangerous* Michael Jackson Epic
10 *A Life Of Surprises- The Best Of* Prefab Sprout Kitchenware

[illegible]

1 "Ain't No Doubt" Jimmy Nail Eastwest
2 "Rhythm Is A Dancer" Snap Arista
3 "This Used To Be My Playground" Madonna Sire
4 "Sesame's Treet" Smart E's Suburban Base
5 "Shake Your Head" Was (Not Was) Fontana
6 "LSI" The Shamen One Little Indian
7 "I Drove All Night" Roy Orbinson MCA
8 "A Trip To Trumpton" Urban Hype Faze 2
9 "Sexy MF"/"Strollin'" Prince & The NPG Paisley Park
10 "Who Is It" Michael Jackson Epic

[illegible]

1 *Organ Fan* Silverfish Creation
2 *Furthest From The Sun* The Family Cat Dedicated
3 *Accelerator* Future Sound Of London Jumpin' & Pumpin'
4 *Slanted And Enchanted* Pavement Big Cat
5 *Soul Kiss (Glide Divine)* Spectrum Silvertone

Leitor sua participação é importante! Escreva para a *Bizz - Parada Dos Leitores* - Av Nações Unidas 5 777 CEP 05479 São Paulo SP dizendo quais os discos que você comprou este mês Se possível Acrescente seu telefone para que voltemos à consulta lo quando necessário

Fontes Cash Box e Billboard (EUA) de 25/07/92 a 09/08/92 Melody Maker New Musical Express e Music Week (GB) de 17/07/92 a 1/08/92 Para a Parada dos Leitores foram consideradas as cartas recebidas até 11/08/92

Lojas consultadas Coquemelo Discos e Grimbo Negro (BH) Pop Som e Multisom (Porto Alegre) Modern Sound New Sound e Sub Som (Rio de Janeiro) Temptation Discos e Jukebox (Curitiba) Baratos Afins Bossa Nova Musical Box Wop Bop e Mesbla (São Paulo) em 10/08/92

PRETEND WE'RE DEAD

FINJA QUE ESTAMOS MORTOS

(Sparks)

What's up with what's going down	Qual é o problema que está acontecendo
in every city and every town	em cada grande e pequena cidade ?
crampin' styles is the plan	restrição de estilos de vida é o plano
they've got us in the palm	eles nos têm nas palmas
of their greedy hands	de suas mãos gananciosas
When we pretend that we're dead (2x)	Quando fingimos que estamos mortos (2x)
they can't hear a word we said	eles não conseguem ouvir uma palavra que dissemos
when we pretend that we're dead	quando fingimos que estamos mortos
Come on, come on, come on, come on (4x)	Vamos lá, vamos lá, vamos lá, vamos lá (4x)
Turn the tables with our unity	Viremos as mesas com nossa unidade
they're neither moral nor majority	eles não são nem morais nem maioria
wake up and smell the coffee	acorde e sinta o cheiro do café
or just say no to individuality	ou simplesmente diga não à individualidade
(refrão)	(refrão)
When we pretend that we re dead	Quando fingimos que estamos mortos
pretend we're dead	finja que estamos mortos
when we pretend that we're dead	quando fingimos que estamos mortos
pretend we're dead	finja que estamos mortos
they can't hear	eles não conseguem ouvir
a word we said	uma palavra que d'ssemos
pretend we're dead	finja que estamos mortos
when we pretend that we're dead	quando fingimos que estamos mortos
Come on, come on, come on, come on (4x)	Vamos lá, vamos lá, vamos lá, vamos lá (4x)
(repete refrão 2x)	(repete refrão 2x)
Come on, come on, come on, come on	Vamos lá, vamos lá, vamos lá, vamos lá
dead, pretend we're dead	mortos, finja que estamos mortos
dead come on, come on	mortos, vamos lá, vamos lá
come on, come on	vamos lá, vamos lá
dead, pretend we're dead	mortos, finja que estamos mortos
dead, we shall speak it	mortos nós falaremos isso
come on (4x), ha ha ha na na na na	vamos lá (4 x), ha ha ha na na na na
dead, pretend we're dead	mortos, finja que estamos mortos
dead come on, come on	mortos vamos lá, vamos lá
come on, come on	vamos lá vamos lá
dead, pretend we're dead	mortos, finja que estamos mortos
hi, everybody	ôi, todo mundo
dead, come on, come on,	mortos, vamos lá, vamos lá
come on, come on	vamos lá, vamos lá
dead, we shall speak it, we shall speak it	mortos, nós falaremos isso, nós falaremos isso
pretend we're dead	finja que estamos mortos
dead, come on, come on	mortos vamos lá, vamos lá
dead, da da da da, pretend we're dead	mortos, da da da da, finja que estamos mortos
dead, nothing can do, nothing, nothing	mortos, nada feito, nada, nada
come on (4 x)	vamos lá (4 x)
dead, nothing can do, nothing can do,	mortos, nada feito, nada feito
nothing, nothing	nada, nada
pretend we re dead, dead, nothing, nothing	finja que estamos mortos. mortos, nada, nada
come on (4 x) dead, oh ya hiay	vamos lá (4 x), mortos, oh ya hiay
pretend we're dead, ahh	finja que estamos mortos, ahh

Todos os Direitos Reservados

EDITORA
AZUL

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907-1990)

Diretoria
Angelo Rossi
Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

BIZZ

Diretor-Gerente: Carlos C. Arruda

REDAÇÃO

Diretor: José Augusto Lemos
Redator-Chefe: Andre Forastier
Editor: Celso de Sales Pucc
Editor Assistente: Camilo Rocha
Editor de Arte: Richard Kovacs
Redator: Rogerio de Campos
Reporter: Carlos Eduardo Miranda
Coordenador de Produçao: Marcelo de Castro
Chefe de Arte: Maria Amelia Azevedo
Diagramadores: Antonio Fernando Morra, Izau Norbertino Renato Yada (sênior)
Correspondentes: Ana Maria G. Lemos (Londres), Jose Emilio Rondeau (Los Angeles)
Colaboradores: Texto: Andre Barcinski, Arthur G. Couto Duarte, Cassio Leite Evil Otto, Fabio Massari, Jean Yves de Neuvillé, Jimmie Joe, Joao Ricardo Lima, Jose Julio do Espirito Santo, Leandro D. Fortino, Luis Claudio S. Garrido, Marisa Adan Gil, Mauro Betting, Otavio Rodrigues, Rene Ferri. **Fotografia:** Angelo Pastorello J. Santana, Priscila Farias, Ricardo Siqueira, Rui Mendes

PUBLICIDADE

Diretor: Rogerio Ratnier
Gerente: Alaor Machado
Supervisores: Joao Jorge Rangel, Oscar de Oliveira
Contatos: Antonio Perissinoto, Roberto Vercelli, Tania Matiana (agencias), Ana Maria Lobo, Claudia Freitas, Marcelo Cataldi, Maria Tereza Barreira, Marilia Hindi, Nadia Lappas, Patricia Juliaz (diretos), Lidia Camarate (Rio)
Marketing Publicitario: Marta de Moraes
Coordenadores: Igor Assan, Jose Soares

COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes
Gerente de Planejamento e Controle: Ana Camargo
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Promoçoes: Sandra Galli Ponson

Azul Press-Gerente: Benjamin S. Gonçalves
Operações Editoriais: Rossane Gonçalves Costa
Diretor Administrativo e Financeiro: Pedro Frazao
Diretora Responsavel: Liège de Lima Dona Castelli

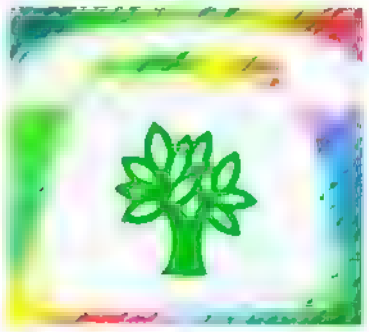
BIZZ 86 e uma publicaçao mensal da Editora Azul S.A. **São Paulo - Redação e Correspondencia:** Av. Nações Unidas, 5777, CEP 05479900, tel.: (011) 211-7866, Caixa Postal 66254, CEP 05389, Telex: (011) 83178, fax: (011) 813-9115. **Telegramas:** Editabril/Abril Press. **Rio de Janeiro:** R. Marechal Camara, 160 - 15º andar-s. 1533/34 - CEP 20020, tel.: (021) 532-0313, Telex: (021) 36890, fax: (021) 532-1468. Telegramas: Editabril/Abril Press. **Distribuidor em Portugal:** Distribuidora Jardim de Publicaçoes Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Felais, 2685, Camarate, Lisboa. **Assinaturas:** valor de capa multiplicado pelo numero de ediçoes anuais. A Editora Abril garante aos assinantes desta publicaçao que a interrupçao na entrega dos exemplares contratados, sem que para isso tenha dado motivo o proprio assinante, implicara a restituiçao, em cruzeiros, da parte do preço total paga antecipadamente e correspondente aos exemplares que nao forem entregues, devidamente corrigida de acordo com as disposiçoes legais em vigor sobre a materia. Ao fazer sua assinatura exija a credencial do vendedor e pague somente com cheque nominal. Com sua assinatura, seu nome e automaticamente incluido no cadastro da Editora Abril, o qual podera ser cedido a empresas idoneas para fins unicamente de divulgaçao e promoçao de seus produtos que julgamos ser de seu interesse. Caso nao queira fazer parte desse cadastro, entre em contato com uma das Centrais de Atendimento ao Assinante, cujos telefones constam desta revista. Circulaçao desta revista: **setembro/92. Numeros atrasados:** ao preço da ultima ediçao em banca, por intermedio de seu jornaleiro ou no distribuidor das publicaçoes Abril de sua cidade. Distribuida com exclusividade no pais pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicaçoes, Sao Paulo. **Serviço ao assinante:** tel. (011) 823-9222
ANER **Fotolito:** Fotoline Ltda.

IMPRESSA NA DIVISAO GRAFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

BIZZ
EDITORA AZUL

ÀS SUAS ORDENS.

A Editora Azul, como empresa do Grupo Abril, mantém uma Central de Atendimento pronta a resolver qualquer duvida e prestar esclarecimentos sobre sua assinatura. Estamos à sua inteira disposição para lhe oferecer sempre o melhor atendimento.



CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE

Ligue das 8h às 18h para:

Belo Horizonte - Tel. (031) 226-7007
Brasília - Tel. (061) 321-8855
Curitiba - Tel. (041) 252-5566
Florianópolis - Tel. (0482) 23-7598
Fortaleza - Tel. (085) 244-1566
Porto Alegre - Tel. (051) 229-4177
Recife - Tel. (081) 424-1655
Rio de Janeiro - Tel. (021) 295-5544
Salvador - Tel. (071) 371-5577
São Paulo - Tel. (011) 823-9222

Ou escreva para:

Editora Abril
Assinaturas
Rua do Curtume, 769 - CEP 05065 - São Paulo - SP

Em caso de mudança de endereço, utilize um dos telefones acima ou envie este cupom.

Preencha todos os dados deste Pedido de Alteração, coloque-o num envelope e envie-nos. Através de e você pode alterar de uma unica vez o endereço de todas as revistas que assina. Os exemplares começarão a chegar em seu novo endereço 4 a 6 semanas apos recebermos o seu pedido.

BIZZ-86

COMO ALTERAR SEU ENDEREÇO

Cole aqui sua etiqueta de endereçamento anterior ou escreva seu código de assinante e seu nome.

Nome _____

Codigo de assinante | | | | | | | | |

Atenção: você encontra seu código de assinante na etiqueta de endereçamento de suas revistas.

Novo endereço _____

Bairro _____ CEP _____

Cidade _____ Estado _____ Tel. _____

Revistas que você quer receber neste novo endereço:

EDITORA
AZUL

NOSSAS PUBLICAÇÕES

CONTIGO
Atualidades - TV

BIZZ
Rock, Pop, Comportamento

LETRAS TRADUZIDAS
Fotos e Letras Traduzidas

ÁLBUM BIZZ
Biografia, Letras e Fotos

SET
Cinema e Vídeo

SET 1000 VÍDEOS
Seleçao dos Melhores Videos

OS CAMINHOS DA TERRA
Natureza, Aventuras e Ecologia

FLUIR
Surf

BOA FORMA
Ginástica, Esporte e Saúde

HORÓSCOPO
Astrologia

HORÓSCOPO
Previsões

SAÚDE É VITAL
Prevenção e Saude

CARÍCIA
Comportamento Jovem

AÇÃO GAMES
O Mundo dos Games

NOSSOS ENDEREÇOS

REPRESENTANTES DE PUBLICIDADE

São Paulo: Av. Naçoes Unidas, 5777, CEP 05479900 - Tel.: (011) 813-9115 - Sao Paulo - SP
Rio de Janeiro: Av. Marechal Camara, 160 - 15º and. s/ 1533/34 - Centro - 20020 - Tel.: (021) 532-0313 - Fax: (021) 5321486 - Rio de Janeiro - RJ
Los Angeles (EUA): 1840 N. Beverly Glen Dr. - 90077 - Phone: (213) 474-7851
Nova York: Lincoln Building, 60 East 42nd Street - Suite 3403 - New York - N.Y. 10165 - Phone: (001212) 557-5990/5993 - Telex: (00) 237670 - Fax: (001212) 983-0972
Paris: 33, rue de Miromesnil - 75008 - Paris - Phone: (00331) 42.66.31.18 - Telex: (0042) 660731 ABRILPA - Fax: (00331) 42.66.13.99
Belo Horizonte: M.A.M. Publicidade e Repr. Ltda. - Rua Timbiras, 1560-1094 - Ed. City Center - Bairro de Lourdes - 30140 - MG - Tel.: (031) 224-9534 - Fax: (031) 226-2059
Brasília: Espaço Com. Int. e Consult. Ltda. SDS Ed. Venancio III s/1202 - CEP 70300 DF - Tel.: (061) 223-2134 - Fax: (061) 226.3644
Regiao Sul: Print Sul - Av. da Azenha, 1502 - cj. 206 - CEP 90060 - Porto Alegre - RS - Tel./Fax: (051) 223-9528
Florianópolis: R. José Candido da Silva, 264 - cj. 03 - Estreito - SC - 88075 - Tel.: (0482) 44-8224
Curitiba: R. Candido de Abreu, 140 - cj. 1008 - 80530 - PR - Tel.: (041) 234-0439
Joinville - Rua Bahia, 163 - 89200 - SC - Tel.: (041) 33-6186

CARTAS

FELIZ ANIVERSÁRIO

Um ano no mínimo conturbado. Era 85 e o Rio servia de sede ao primeiro festival de música trazendo estrelas das mais diferentes constelações. Tancredo morre e Sarney assume. A ditadura termina (?) e a democracia (?) volta a reinar. Neste cenário, nasceu uma menina precoce que veio ao mundo desbravadora, falando mais que a boca e que possuia a difícil missão de ser aquela que mostraria as notícias musicais, sempre saindo do forno... É, BIZZ! Você cresceu... E como todo precoce, você sempre foi o centro das atenções. Muitos acham sua boca profana... Outros lhe endeusam... Tudo faz parte da catarse cerebral de cada um. Você sempre ouviu todos e portanto tem uma qualidade, ausente de muitos mortais. Ouvir é um dom e apesar de algumas "pisadas", qual o ser humano que não erra? Enfim, você é... E isso basta! Parabéns e oxalá tenhamos muitos "nívers" pela frente para podermos "encher a cara" de música e pedir BIZZ.

Sylvio J. Miceli Jr.
São Paulo/SP

Estou escrevendo para parabenizá-los não só pelos sete anos de existência, como também pela edição de aniversário: estava maravilhosa! As letras douradas encaixaram-se perfeitamente com o brilho de Eddie Vedder (e com o brilho da revista, é claro). Era o que estava faltando: uma reportagem sobre o Pearl Jam, que eu adoro, mostrando toda sua beleza e magia. Obrigada!

Fernanda Kersting Gomes
Porto Alegre/RS

Puxa, eu estou tão feliz! Sabem por quê? Porque hoje é meu aniversário. Mas minha alegria não pára por aí, não. A BIZZ também está em festa. E, olha, parabéns, pois vocês capricharam mesmo. Essa BIZZ 84 veio recheada, como se fosse um bolo super gostoso. Agora, vocês me fizeram chorar na *Discoteca Básica*. Tudo bem, se o Freddie já morreu, por que chorar? Sei que muitos perguntam isso. Mas, se naquela época, quem não gostasse do Queen, não era boa gente, imagine hoje. E quanto à citação do André, "nós éramos os campeões", eu corrijo: vocês ainda são esses campeões, porque acreditam no que fazem e o fazem de coração. Valeu, cara.

Mônica Magali Bandeira
Santo André/SP

QUEEN

Escrevo mais para o "trintão" Forastieri, pela *Discoteca Básica* da BIZZ 84, onde foi colocado em destaque o disco "branco" do Queen. No momento que ia lendo o artigo, ia me dando um nó na garganta pelas lembranças de quando comecei a gostar de rock. O Queen que, a partir de *The Game* passou de rock elaborado e criativo para um pop com influências discotecóides, só é conhecido por esta infeliz segunda fase de sua carreira. Os roqueiros atuais quando ouvem o nome torcem o nariz sem saber que nos anos 70 eles eram o máximo. Poucos conhecem o excelente trabalho que a banda fez nessa época. *A Night At The Opera* foi o disco que eu mais tive. Devo ter comprado uns quatro ou cinco. Sempre, à medida em que ele ia ficando velho e desgastado, eu o trocava por um exemplar novo. Escrevo para agradecer a lembrança deste disco, que ninguém dos meus novos (em idade) amigos conhecem. Os velhos amigos já casaram, caretearam, se bundaram e estão vivendo vegetativamente com suas senhoras nas prisões de seus lares. É isso aí, Forastieri: "*We were the champions*".

João de Oliveira Junior
Palmas/PR

Eu que, até então, achava o André F. um grande babaca, tenho que mudar de opinião. Achei simplesmente demais a crítica dele sobre o disco *A Night At The Opera*, do Queen (*Discoteca Básica* de julho). Além de relatar muito bem o inigualável sucesso alcançado pelo Queen, o André provou ser um grande conhecedor da música. Digo isso me referindo à frase "Que banda em atividade hoje tem tanta gente talentosa?" A resposta lógica é que nenhuma banda de hoje se iguala ao Queen. Quero evitar comparações, porque o Queen foi grande demais para ser comparado com estas bandinhas do tipo Guns N'Roses, Nirvana, Metallica etc. Queen, *Champions Forever*....

Daniel Scianni do Vale
Passa Quatro/MG

TITÃS

Parabéns aos Titãs, principalmente Branco Mello, por sua atitude durante o show em Sorocaba. Nós, leitores da BIZZ, conhecemos muito bem aquele velho hábito de falar mal, mesmo quando falam bem. Claro que, para o Sr. André Forastieri justificar sua fama de porra-louca, ele teria que bombardear *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*. Só que, entre todos aqueles adjetivos usados para criticá-lo, foi esquecida uma palavrinha que é a cara do disco: sincero. Os Titãs não se acomodaram com o sucesso, se quisessem poderiam todo ano fazer uma "Polícia", "Miséria", mas isso não satisfaz os caras. Na edição 83, o Sr. Carlos Eduardo Miranda se mostrou um total incompetente ao fazer a crítica do show da banda no Olympia. Para ele, não se pode ser mais ou menos bem de vida, ter filhos e fazer um som pesado. É mole? Pior ainda é quando chama os fãs presentes de "mauricinhos"; desde quando é preciso ter aparência de f*, cara de mau e jaqueta de couro para se gostar de rock? E mais: o Sr. C. E. Miranda teve a indecência de fazer uma crítica que sequer menciona uma das músicas executadas durante o show. A bronca dos Titãs com a BIZZ e crítica vem desde 89, quando do lançamento de *Ô Blesq Blom*. Naquela época, todos os críticos eram favoráveis e mesmo assim os Titãs não deixaram de mostrar a sua irritação com a "crítica especializada", cobrando desta mais profissionalismo. Talvez seja até por isso que eles estejam sendo lembrados. Os Titãs já tiveram seus trabalhos citados por Caetano Veloso, Gilberto Gil, Prince e até mesmo Raul Seixas, e eu não acredito que qualquer um de vocês da BIZZ sejam tão ou mais inteligentes do que os citados. É como o Paulo Ricardo (RPM) me disse outro dia: "A BIZZ é composta por um monte de frustrados, todo mundo tem a sua banda". Os críticos da BIZZ são tão confiáveis que o Sr. Alex Antunes, quando ainda trabalhava para a revista *Som Três*, teve a cara de pau de fazer a crítica da sua própria banda (não riam, pois é verdade!) com foto e tudo. Não adianta a BIZZ falar bem só do DeFalla, Sepultura ou Ratos do Porão, pois 60% dos leitores nunca ouviram nestas bandas. Sei que esta carta não irá adiantar muita coisa, talvez nem seja publicada. Considerem a atitude dos Titãs como um funeral simbólico desta que em raros momentos foi uma revista séria. Mais uma vez parabéns Titãs, parabéns Branco Mello. E uma pena que nem todas as bandas brasileiras sejam iguais a vocês.

Itamar Dias
Uberaba/MG

Não sei por que a BIZZ está espantada e fazendo-se de santa com o ocorrido no show dos Titãs em Sorocaba. Eles apenas rasgaram uma revista, enquanto esta mesma revista há muito tempo vem tentando rasgar a página do rock dos anos 80. Nessa de procurar tanto por "algo novo" no rock nacional, há tempos vocês vêm desmoralizando vários artistas e bandas nacionais como Titãs, Paralamas, Legião, Ira!, Marina, Marisa Monte e tantos outros. Concordo que não foi uma atitude legal a da banda, mas por que só vocês podem metralhar e não serem metralhados também? Foi a primeira vez que a BIZZ fez uma crítica negativa em relação aos Titãs e vice-versa. Ainda bem (também) que nem todos artistas se calam diante de tanta prepotência e babaquice de vocês.

Cleonildo Sena Santos
São Paulo/SP

Patético. É tudo que se pode dizer do ato imbecil feito pelo Titã Branco Mello em Sorocaba, rasgando um exemplar da BIZZ, esta mesma revista que consagrou os Titãs (estão nos "dez mais" de toda votação de Melhores do Ano.) e hoje vomitam no prato que comeram. Olha que eu já leio BIZZ há um tempinho e ela, com raríssimas exceções (que não é o caso dos Titãs), nunca desceu a lenha em quem não merecesse. Imprensa é isso mesmo, tem que ser assim. É, nem todas as bandas são iguais aos Titãs. Graças a Deus!

Alfredo F. Faljana
Santo André/SP

Escrevo para dizer que achei ridícula a atuação do Sr. Branco Mello (Titãs) em Sorocaba. Quando li o texto, percebi que o Titã, com a tentativa de mostrar sua revolta perante as críticas da revista BIZZ em relação ao seu último álbum, apenas demonstrou um ato de inconformismo e infantilidade, típico de criança quando pede algo a sua mãe e ela não cumpre. Se os Titãs não sabem aceitar críticas, peço que pelo menos parem com atos infantis, ou ponham a mão na consciência e olhem para trás. *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, de fato, não chega aos pés de *Cabeça Dinossauro*, muito menos de *Õ Blesq Blom* - inclusive na BIZZ 53, de dezembro de 89, o Sr. José A. Lemos disse com toda razão que *Õ Blesq Blom* foi o vinil mais bem produzido que este país já viu, uma obra-prima que o rock brasileiro vinha esperando. Então por que o Sr. Branco Melo não se toca e enxerga que a revista que ele rasga hoje é a revista que pôs os Titãs entre os dez melhores grupos de 91, e Arnaldo Antunes entre os 10 melhores letristas de 91. Com atos dessa natureza percebemos que o reinado dos Titãs já está indo abaixo. O supergrupo da década de 80 caí na sua "menopausa", e seu o negócio é lançar coletâneas. E olha que são capazes de conseguir sucesso apenas nos asilos! Que venha ao mundo a nova geração!

Adriano Moralis
São Bernardo do Campo/SP

Há alguns meses leio besteiras em relação à melhor banda de rock - os Titãs, é lógico. Ao abrir a BIZZ de julho, que acidentalmente comprei, vejo o sagrado nome em suas primeiras páginas: "Titãs pisam na bola (de novo)". Eu acho que quem pisou na bola de novo foram vocês, porque desde o lançamento do disco *Tudo Ao Mesmo Tempo Agora*, nota-se a extrema falta de auxílio psiquiátrico que vocês, críticos, necessitam. Primeiro, deveriam prestar mais atenção nas letras dos Titãs: parece que vocês nunca entenderam direito o excelente trabalho que os Titãs vem desenvolvendo ao longo de seus dez anos de carreira e sucesso. Em relação ao novo disco, o que me impressionou foi a inovação, tanto na linguagem poética (mais acentuada neste disco), como no puro rock desenvolvido em suas músicas, e palavras como "clitóris", "porra" e frases como "cheirar sua calcinha suja na menstruação" não me afetaram, e sim a vocês que se sentiram tocados devido aos problemas sexuais que sofrem, daí a necessidade de um psiquiatra. Os Titãs continuam sendo os melhores, como o próprio nome já diz, e agiram corretamente no show citado na BIZZ de julho. Vocês deveriam fazer promoções desta revista falida em shows de Leandro e Leonardo ou de grupinhos como Legião Urbana e Engenheiros do Hawaii, pois o público voltado aos Titãs dificilmente se interessaria por esta revista tão pobre em informações. Nem todas as bandas brasileiras são iguais aos Titãs *mesmo*, pois capacidade e ousadia ainda faltam neste país, exceto a eles. Vocês nunca tentaram varrer a areia da praia?

Luciano Carraro Santiago
Bauru/SP

O patético episódio protagonizado pelos Titãs em Sorocaba mostra quão vulgar o grupo pode ser para chamar a atenção para si, quando já não consegue fazê-lo através da música.

Paulo Sérgio Vilar de Lucena
Recife/PE

FAITH NO MORE

Comprei o novo disco do Faith No More e fui quente para casa ouvir o antigo hit "As The Worm Turns"... e cadê!? Depois fui procurar *I'm Easy*... sumiu!? Bom, na BIZZ de maio, vocês falaram que ouviram o *Angel Dust*. Acho que vocês deveriam ter um pouco de vergonha na cara, então fica a pergunta para o José Emílio Rondeau: onde estão as duas músicas do Faith No More, que deveriam estar no lado B do novo disco?

Leonardo José C. da Silveira
Arrozal/RJ

Efeitos colaterais de um furo de reportagem mundial: Quando falamos com o FNM, Angel Dust *estava ainda em processo de finalização. Aconteceu algo muito comum: na hora H, certas faixas podem ter o título substituído, ou então simplesmente caírem fora para dar lugar a outras.*

ERRATA

Os créditos corretos das fotos da seção *Conexão Brasil Especial - Rock Brasil 92* (BIZZ 85): Exhort, Racionais MC, Zero Vision e Volkana são do fotógrafo Angelo Pastorello; Beijo AA Força, do fotógrafo Rui Mendes; Banda Bel, do fotógrafo Mariano Coelho; e Off The Wall do fotógrafo Eurico Salles.

Na ficha do Kiss (BIZZ 81), o nome correto de Gene Simmons é Chaim Klein, e seu local de nascimento é Israel; o nome de Vinnie Vincent é Vincent Cusano; as datas corretas dos vídeos são *Animalize* (84), *Lick It Up* (83) e *Tears Are Falling* (85); faltaram ainda os vídeos *West Side Story* (89) e *Bruce Kulick* (91), além dos filmes *The Decline Of Western Civilization Part II: The Metal Years* (88), de Penelope Spheeris, e *Quem Kiss Teve*, documentário sobre a vinda do grupo ao Brasil em 83. As correções foram feitas pelo leitor Diego Stanley Vianna, de Santa Cruz do Sul/RS.

Na ficha do Culture Club (BIZZ 84), ficaram de fora a coletânea *Culture Club Collect* (91) e os dois discos solo de Boy George: *Tense Nervous Headache* (88) e *Girlfriend* (88). Além disso, Roy Hay nasceu em Essex/GB, e não nos EUA, como foi publicado. Os erros foram apontados por Alexandre Cunha, de Valinhos/SP, e Simone Macedo, de Suzano/SP.

OS MAIORES ASTROS DO ROCK
EM FOTOS ALUCINANTES!

O ROCK FALANDO SUA LÍNGUA
REVISTA BIZZ
LETRAS TRADUZIDAS
NAS BANCAS
EDITORA AZUL

BLONDIE
THE BEST OF BLONDIE (1981)

Mais que um dos pioneiros da cena punk nova-iorquina, o Blondie poderia ser lembrado como o grupo "da" Blondie, aquela loira — falsa — que construiu um mito maior que muitas das originais: Debbie Harry. Seria injusto não ressaltar o trabalho de seu companheiro, guitarrista e diretor musical do sexteto, Chris Stein, bem como o do tecladista Jimmy Destri e do baterista Clem Burke, mas a coisa sempre girou em torno do carisma de Debbie.

Nascida Deborah Ann em Miami, de pais desconhecidos, ela foi adotada pelo casal Harry e cresceu em Nova Jersey. Em 66, aos 21 anos, estrearia com a banda Tri Angels e um ano depois teve a confirmação espiritual definitiva de sua tendência para o palco ao assistir à expiação musical de Janis Joplin no teatro Anderson, de Nova York. Chegou a gravar um álbum em 68, com o grupo de folk rock Wind In The Willows, mas precisou diversificar suas atividades — foi garçonete do Max's Kansas City e coelhinha da revista *Playboy* , entre outras coisas — para garantir a sobrevivência.

Em agosto de 74, ela debutaria à frente do Blondie — formado por ex-membros do grupo The Stilettos, incluindo Stein, o baterista Billy O'Connor e o futuro baixista do Television, Fred Smith — no emergente clube CBGB, tendo como suporte os promissores Ramones. Depois de uma rápida passagem de Ivan Kral (depois do Patti Smith Group) pela segunda guitarra, o grupo fixou-se com o baixista Gary Valentine no lugar de Smith, com Burke substituindo a O'Connor na bateria e com a adição de Destri nos teclados. Depois do álbum de estréia, Valentine saiu. Frank Infante assumiu seu posto e depois passou para a guitarra base, com a entrada do baixista inglês Nigel Harrison. Foi com essa formação que o Blondie decolou.

Injetando a energia do punk em canções nitidamente pop, a banda foi uma das propulsoras da new wave e com seus cinco primeiros álbuns (lançados entre 76 e 80) levou uma legião de fanáticos a delirarem planeta afora — com o fato curioso de terem estourado na Austrália, antes do que em sua terra natal. Com isso, emplacaram inúmeros hits nas paradas, entre eles quatro primeiros lugares nos EUA e cinco na Inglaterra.

Por isso, esta coletânea de singles lançada em 81, pouco antes do último suspiro da banda (o decepcionante álbum *The Hunter*), é essencial. Ela traz catorze preciosidades (dezesseis na edição britânica) que revelam um grupo versátil em instantâneos multifacetados, capazes de encantar pela precisão e simplicidade dos arranjos e pelas letras viciantes. Há "Heart Of Glass" (uma das três remixadas especialmente para esta compilação pelo produtor Mike Chapman), uma disco clássica indiscutível que tirou o sono até do mais radical "roqueiro", quando este se pegou dançando na frente do espelho. A gema pop "Dreaming" é outro destaque, com Debbie lembrando sensualmente na letra que o "sonhar é livre". Com "Rapture", o Blondie chutou as portas da cultura de rua americana, ao ser o primeiro grupo branco a introduzir vocais de rap em uma canção, enquanto "Atomic" pode ser interpretada de mil maneiras. Mas basta ouvir Debbie cantando "your hair is beautiful" para se descobrir a melhor delas. Sem contar "In The Flesh", a cover do reggae "The Tide Is High" (John Holt), "Call Me" (produzida por Giorgio Moroder) e "One Way Or Another" (substituída na versão inglesa por "Denis", "Picture This" e "Union City Blues"), entre outras.

Apesar de ter prosseguido em carreira solo, Debbie teve os anos mais marcantes de sua trajetória com o Blondie. Precursor da mescla punk/pop, da new wave e mesmo da importância da estética do videoclip, o grupo explorou esses domínios como maníacos apaixonados. O resultado foram canções para serem ouvidas a qualquer hora e lugar. Bálsamo para os timpanos, o coração e a libido. *FÁBIO MASSARI*

IN

TEN

SI

VAO

MATRÍCULAS
ABERTAS

anglo
VESTIBULARES

COM O INTENSIVÃO DO ANGLO AINDA DÁ TEMPO!

LULU SANTOS CANTA AFINADO COM A POLYGRAM.

Lulu Santos está lançando seu primeiro disco com a PolyGram. Mondo Cane. O sucesso que vai dar origem à série. Afinação é isso. É ter tudo a ver.

PolyGram
Lulu Santos

Em CD, fita e disco.

CONTEMPORÂNEA